



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

EDGAR MANUEL FERREIRA LEITE

Nuno Álvares Pereira
Uma vida ao serviço

Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

Porto
2020

RESUMO/ABSTRACT

RESUMO:

A figura de Nuno Álvares Pereira reveste-se de um encanto especial, já que, no meio das linhas tortas da humanidade, conseguiu escrever uma história de santidade, redigida a quatro mãos, por si e por Deus. Seguindo as suas pegadas, procurámos perceber como as “letras da divindade” se entrelaçaram na sua vida, para, a partir dela, emergirem na Corte Portuguesa. Assim sendo, o presente estudo pretende refletir sobre os traços da sua espiritualidade, a fim de percebermos como uma história tão humana pode, ao mesmo tempo, ser tão divina, levando o Condestável do rei aos altares das nossas igrejas. Percorrendo o seu caminho espiritual, procurámos perceber como Nuno Álvares Pereira, um homem que frequentou as cortes e que fez uso de armas, foi capaz de abandonar as realidades mundanas em prol de um bem maior, em prol do serviço. É nosso objetivo mostrarmos, ao longo do presente estudo, que todas as suas ações, que facilmente poderiam ser confundidas com voluntarismo, na realidade são fruto da sua espiritualidade, uma espiritualidade de serviço.

Palavras-chave: Nuno Álvares Pereira, santidade, Corte Portuguesa, Condestável, espiritualidade, serviço.

ABSTRACT:

The character of Nuno Álvares Pereira is shrouded by a special fascination, since, in-between the middle of the crooked lines of humanity, he was able to write a story of sanctity, written in four hands, by himself and by God. Following his footsteps, we tried to understand how the “letters of divinity” are intertwined in his life, so that, out of it, they emerged in the Portuguese Crown. Therefore, the present study intends to reflect on the signs of his spirituality, so that we can understand how such a human history can, at the same time, be so divine, leading the Constable of the king to the altars of our churches. By traveling through his spiritual way, we tried to understand how Nuno Álvares Pereira, a man who attended the royal courts and who fought in battles, was capable of abandoning the mundane realities in favor of a greater good, in favor of service. It is our objective to show, throughout the present study, that all his actions that could easily be mistaken with voluntarism, are, in reality, the fruit of his spirituality, a spirituality of service.

Key words: Nuno Álvares Pereira, sanctity, Portuguese Crown, Constable, spirituality, service

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos agora, brevemente, demonstrar publicamente a nossa gratidão a inúmeras pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. Sendo esta dissertação o culminar do Mestrado Integrado em teologia, não gostaríamos de a fazer como um ponto de chegada, antes um ponto de referência de uma caminhada que já vem de trás e que certamente continuará ao longo da vida.

Em primeiro lugar gostaríamos de agradecer aqueles que proporcionaram a nossa existência permitindo a realização do presente trabalho. Agradecer a Deus esta oportunidade. Agradecer aos meus pais e à minha irmã que sempre estiveram ao meu lado e me apoiaram. Dedicar de forma especial ao meu pai que não está fisicamente, mas continua sempre presente.

Agradecemos à Faculdade de Teologia que nos proporcionou a formação ao longo destes anos e que certamente nos irá continuar a proporcionar. Foram anos de formação intelectual, espiritual, humana. Sem dúvidas que oferece uma formação muito própria e quem passa por cá reconhece isso mesmo. Obrigado a todos os professores a sua disponibilidade para partilhar o seu conhecimento e a sua paciência para nos ajudar a percorrer caminhos incríveis. Gostaríamos também neste ponto agradecer também a todos os funcionários que contribuem para o bom funcionamento quer da faculdade, quer mesmo da própria Universidade Católica Portuguesa.

Não podemos também deixar de agradecer ao Seminário Maior do Porto. Na pessoa do Sr. Dom Vitorino, atual Reitor, agradecemos tudo o que a casa nos oferece. Obrigado a todos aqueles que se cruzaram ao longo do nosso percurso, todos contribuem para aquilo que somos atualmente. Obrigado aos funcionários, aos companheiros, aos superiores.

Reconhecemos também o contributo que os nossos párocos e orientadores de estágio têm neste trabalho. Obrigado pelo acompanhamento, pela persistência, pelos sábios conselhos, pela amizade.

Por último, e como os últimos costumam ser os primeiros, gostaríamos de mostrar a nossa gratidão para com o nosso orientador. Obrigado Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro, obrigado pelo tempo que dedicou a acompanhar este trabalho, obrigado pela constância para connosco. Pedimos desculpa por não ser o trabalho que mereceria acompanhar.

ÍNDICE

RESUMO/ABSTRACT	2
AGRADECIMENTOS	5
ÍNDICE	6
INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I	
O JOVEM NUNO: A FORMAÇÃO DE UMA HONESTIDADE ÍMPAR	11
1. As origens de Nuno Álvares Pereira: do berço para a corte	11
2. O casamento de Nuno	13
3. Os últimos anos de vida de D. Fernando	15
4. O início da revolução	18
5. A reconquista de Portugal	21
6. A batalha do Atouros	23
7. As escaramuças pelo Alentejo	25
8. Levantamento do cerco de Lisboa	31
9. Nova investida pelo território Português	34
10. A eleição de D. João I	39
CAPÍTULO II	
O CONDESTÁVEL NUNO: UM HOMEM AO SERVIÇO DO REINO	46
1. Reconquista do norte	46
2. Expedição pelo sul ao encontro dos invasores	49
3. A batalha de Aljubarrota	51
4. A batalha de Valverde	60
5. Recuperação de Chaves e Bragança	63
6. A ajuda dos ingleses	66
7. Período de Guerra – Paz	69
8. Novos horizontes marítimos	74
9. Frei Nuno de Santa Maria	77
CAPÍTULO III	
A DIMENSÃO ESPIRITUAL DE UMA VIDA: O AMOR A DEUS E O SERVIÇO À PÁTRIA	80
1. “Piedade para com a pátria”	81
2. “Fazer Cristandade”	84
3. Espírito de humildade e de caridade	85

4. Importância da castidade	89
5. Piedade fervorosa	91
6. Místico iluminado da oração	94
7. Devoção a Maria.....	95
8. Humilde Donato	98
CONCLUSÃO	101
BIBLIOGRAFIA GERAL	104

INTRODUÇÃO

Diz-se frequentemente que todos temos uma especial devoção por um Santo em específico. Pois muito bem, pensamos que seja verdade. Também nós o temos. Esse Santo é Nuno Álvares Pereira. O porquê prende-se com várias razões. A principal é o dia da sua memória. Segundo o calendário litúrgico esta celebra-se a seis de novembro, dia esse que coincide com o dia do nosso nascimento. Pensamos que muita gente já teve essa curiosidade de averiguar que santo se celebra no dia do seu aniversário! É desta curiosidade que surge o primeiro contacto com o Condestável. Com o passar dos anos, por diversos momentos, fomos questionando sobre quem foi esta pessoa e o que fez para chegar aos altares da Igreja.

Um segundo contacto com a figura do Condestável ocorre já durante o nosso processo formativo no Seminário Menor do Bom Pastor, no Porto. Lembramo-nos perfeitamente que, de um dia para o outro, apareceu uma imagem deste Santo junto da capela. Achámos bastante curioso que o “nosso Santo” viesse “instalar-se” ali, como se seguisse os nossos passos e como que a dizer que nos acompanharia ao longo da nossa vida. A partir deste momento fomos tentando continuamente conhecer melhor esta figura.

Surgindo esta oportunidade de refletir sobre um tema na nossa dissertação final do Mestrado Integrado em Teologia, nada melhor do que investir um pouco da nossa dedicação a aprofundar a vida de alguém que nos diz algo. Desta forma, conseguimos juntar o útil ao agradável e se, por um lado, cumprimos com a nossa obrigação de concretizar o presente trabalho, por outro, ampliámos o nosso conhecimento sobre esta figura ímpar pela qual nutrimos uma especial afeição.

Partimos para esta tarefa com um conhecimento muito rudimentar sobre o assunto. Naturalmente que a nossa curiosidade nos tinha motivado a ler breves biografias sobre Nuno Álvares, contudo, sempre coisas muito simples e sem grande profundidade histórica e teológica. Em suma, podemos dizer que partimos para este trabalho com um conhecimento muito parco sobre o assunto, o que nos obrigou a uma leitura mais ou menos exaustiva das principais obras de referência sobre este tema.

Com a presente dissertação, procuraremos explorar um pouco a vida de Nuno Álvares Pereira, não pretendendo, contudo, dar-lhe um teor estritamente histórico, mas procurando antes conhecer um pouco mais da sua vida para, depois, melhor podermos perceber o seu exemplo como cristão. Pensámos, inicialmente, fazer a separação entre a sua biografia e o contexto social em que viveu. Porém, com o decorrer do trabalho

percebemos que o mesmo ficaria prejudicado se criássemos uma divisão entre a sua vida e o contexto sociocultural em que se movimentou, em especial, o da Corte portuguesa. Assim sendo, optámos por, mesclarmos a sua biografia com o contexto sociopolítico vigente.

No que se refere à estrutura do trabalho, organizá-lo-emos em três capítulos. No primeiro capítulo, abordaremos um pouco dos primeiros anos de vida de Nuno. Procuraremos perceber em que contexto ele nasce e como foram os seus primeiros passos na Corte de Portugal. Perceberemos também que, neste período de tempo, ocorrerá uma crise na sucessão ao trono. É aqui que Nuno começa a ter um papel relevante. Exploraremos este momento histórico até à eleição para o trono de D. João I. Pensámos terminar aqui este capítulo, visto tratar-se, sem qualquer dúvida, de um marco importantíssimo quer para a vida de Nuno quer mesmo para a História de Portugal.

Já no segundo capítulo, deparamo-nos com Nuno como o Condestável do Reino, cargo que corresponde hoje ao de Chefe do Estado-maior. Na prática, o Condestável era o responsável pelos soldados do reino. É neste segundo capítulo que se dá a batalha de Aljubarrota, com todas as suas implicações. Neste período, o Condestável é também beneficiário de muitas doações por parte do rei, o que faz dele um homem com um basto poderio territorial. Teremos também oportunidade de olhar para os últimos anos da sua vida e para as enormes consequências que daí advieram.

No terceiro e último capítulo, procuraremos apresentar uma reflexão já não tão biográfica, olhando para a sua vida sob o prisma da fé. Teremos oportunidade de ver o que o torna tão especial, o que o torna tão único e exemplar.

No que se refere à metodologia adotada ao longo deste nosso trabalho, procurámos, acima de tudo, coerência, não partindo de nenhum modelo metodológico específico. Tendo em conta o grau de formação em causa e os conhecimentos previamente adquiridos, procurámos adotar um modelo que seja sóbrio, simples e intuitivo. Queremos, acima de tudo, que este nosso trabalho seja de fácil leitura a quem o desejar conhecer, podendo intuitivamente perceber a nossa metodologia.

Importa aqui salientar, desde já, que optámos por, nas citações textuais, ser o máximo possível fiéis ao texto original, pelo que iremos encontrar várias vezes ao longo do trabalho citações em português arcaico. Infelizmente, fruto das tecnologias existentes, ou desconhecimento da nossa parte, nem sempre foi possível ser totalmente fiel a essa mesma ortografia, nomeadamente na acentuação das consoantes. Porém, em nada

deturpamos o seu significado, usufruindo ao máximo do benefício que a utilização da mesma ortografia poderia trazer ao presente trabalho.

Podemo-nos perguntar, com toda a legitimidade, se este estudo se reveste de alguma pertinência no momento presente da nossa história. Se nos é permitido, gostaríamos de fazer um brevíssimo apontamento sobre isto mesmo. Vivemos numa sociedade em que cada vez mais os nacionalismos, e aqui referimo-nos naturalmente aos fanáticos e extremamente negativos e perigosos, ganham maior presença na nossa sociedade. Por outro lado, assistimos também a questões territoriais ainda não muito bem consolidadas: recordemos o caso da Crimeia ou da faixa de Gaza. Em contraponto, vemos o contínuo apelo à reevangelização da Europa. Recordemos ainda o caso muito recente das declarações de Zlatko Dalić, selecionador de futebol da Croácia, que espantou o mundo ao afirmar que andava sempre com o terço no bolso e que rezava sempre antes dos jogos. Ou olhemos para o caso do selecionador de Portugal, Fernando Santos que, assumidamente crente, procura transportar a vivência dos valores cristãos para a sua carreira, mesmo dentro do balneário, antes de cada desafio de futebol. Ou consideremos ainda aquela fotografia, que correu o mundo, de um profissional de saúde que, no meio da pandemia provocada pela Covid-19, se encontrava sentado no corredor do hospital a rezar o terço.

Imaginamos que se questionem sobre o que é que tudo isto tem a ver com o Santo Nuno Álvares Pereira. Desde já afirmamos que ao longo deste trabalho perceberão de que modo estes acontecimentos do nosso contexto hodierno, estes pequenos retratos de vidas, estas singelas histórias da história atual, poderão estar relacionadas com a figura de São Nuno de Santa Maria. É chegada, pois, a hora de percebermos como o Santo Condestável ainda hoje pode “comandar” e “orientar” os soldados do “Reino dos Céus” na batalha contra os inimigos do seu, verdadeiramente, único Rei e Senhor.

CAPÍTULO I

O JOVEM NUNO: A FORMAÇÃO DE UMA HONESTIDADE ÍMPAR

No dia vinte e seis de abril de 2009, a Igreja canonizava Nuno Álvares Pereira. Portugal via assim reconhecida a santidade de uma figura ímpar na sua história. Contudo, será que sabemos realmente quem foi este Santo? O que sabemos dele?

Vamos agora procurar observar um pouco dos primeiros anos da vida desta figura para assim podermos conhecer um pouco mais da história deste Santo, de Portugal.

1. As origens de Nuno Álvares Pereira: do berço para a corte.

Dom Gonçalo Pereira, “era nobre de linhagem e condição [...] era muy grado: e dava de bom coração o que havia”¹, teve muitos filhos e entre eles Gonçalo Pereira, que foi o 16º arcebispo de Braga entre 1326 e 1348², e tomou também parte na batalha do salado em 1340, junto do rei Afonso IV³. Por sua vez, viria a ser pai do frei Álvaro Gonçalves Pereira⁴.

Álvaro Gonçalves Pereira era freire professo da Ordem do Hospital e prior do Crato⁵. Caracterizado por ser “homem poderosíssimo que já privara com el-rei D. Afonso IV, e depois com el-rei D. Pedro, o Cru, era uma das figuras eminentes do tempo de D. Fernando. Os seus anos, os seus serviços, o seu saber e entendimento davam-lhe essa preferência”⁶.

Nuno Álvares Pereira é filho bastardo de Gonçalo Pereira com Iria Gonçalves de Carvalhal. Quanto ao dia do seu nascimento, é difícil precisar o dia com certeza absoluta,

¹ [S.N.], *Chronica do Condeta bre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, F. França, Coimbra, 1911, c. I, p. 1.

² Cf. M. CÔRTE-REAL, *Breve Genealogia do Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira*, in H. Oliveira; C. Moita; I. Teixeira (Cord.), *Olhares de hoje sobre uma vida de ontem: Nuno Álvares Pereira: homem, herói e santo*, Universidade Lusitana Editora, Lisboa, 2009, p. 198.

³ Cf. J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, A Esfera dos Livros, Lisboa, 2009, p. 32.

⁴ [S.N.], *Chronica do Condeta bre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. I, pp. 1-2.

⁵ Cf. [S.N.], *Chronica do Condeta bre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. I, p. 2.

⁶ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, Alfarrábio, Lisboa, 2009, p. 16.

supondo-se que tenha sido no dia vinte e cinco de junho, não se excluindo a possibilidade de ter sido no dia anterior⁷.

Sobre o local do seu nascimento, também não é totalmente consensual. Porém, o mais provável, contrariamente ao que afirma Frei Domingos Teixeira que defende que seria Elvas⁸, ou António Brásio que defende que seria em Bonjardim do Crato⁹, o mais provável será mesmo Cernache do Bonjardim, na Sertã¹⁰.

Durante os seus primeiros anos de vida, Nuno Álvares Pereira foi “criado grão viço em casa do seu pai”¹¹, aprendendo assim as primeiras coisas. “Com o crescer dos anos, Nun’Álvares ia criando em si uma natureza nova, assimilando, sem o sentir, a alma fantástica de Galaaz: numa confusão de realidade e fábula, num misto de pureza e extravagância”¹². Apesar de Oliveira Martins descrever o fascínio de Nuno por Galaaz de uma forma um pouco romanceada, a verdade é que essa ligação é descrita noutros relatos¹³.

Com treze anos, levado por seu pai e acompanhado pelo seu irmão Diogo, recebe a sua primeira missão oficial quando se encontrava em Santarém o Rei D. Fernando. Ameaçados pelas tropas castelhanas que desciam o vale do Tejo em direção a Lisboa¹⁴, o seu pai, Álvaro Gonçalves Pereira, manda os filhos com um grupo de cavaleiros para realizarem um reconhecimento das tropas inimigas¹⁵.

Depois de realizada tal aventura, pelo ainda jovem Nuno, e chegados novamente a Santarém, os reis quiseram saber o que tinham eles avistado. Mandando-os chamar para poderem saciar a sua curiosidade, o jovem Nuno responde-lhes “q lhe parecia muyta gente mal acaudelada: e que pouca gente cõ boõo capitam bem acaudelada os poderia desbaratar”¹⁶. A rainha D. Leonor, perante tal resposta de um jovem de treze anos, logo pediu ao rei que consentisse que Nuno se tornasse seu escudeiro¹⁷. O rei consentiu tal pedido e ainda tomou o irmão de Nuno, Diogo Álvares, por seu cavaleiro¹⁸. Com o intuito

⁷ Cf. A. NASCIMENTO, *Nuno de Santa Maria - fragmentos de memória persistente*, ARM - Associação Regina Mundi dos Antigos Alunos da Sociedade Missionária Portuguesa, Lisboa, 2010, p.48.

⁸ Cf. D. TEIXEIRA, *Vida de D. Nun’Álvares Pereira*, Lisboa, 1723.

⁹ Cf. A. BRÁSIO, *O problema da naturalidade do Condestável de Portugal D. Frei Nuno de Santa Maria*, Lumen, União Gráfica, Lisboa, 1962, vol. XXVI, pp. 55-161.

¹⁰ Cf. A. NASCIMENTO, *Nuno de Santa Maria - fragmentos de memória persistente*, pp. 59-64.

¹¹ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. II, p.3.

¹² O. MARTINS, *A vida de Nun’Álvares*, pp. 25-26.

¹³ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. IV, p. 9.

¹⁴ Cf. O. MARTINS, *A vida de Nun’Álvares*, p. 38.

¹⁵ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. II, p.4.

¹⁶ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. II, p.5.

¹⁷ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. II, p.5.

¹⁸ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. II, p.6.

de concretizar o pedido, logo procurou revesti-lo das suas vestes próprias, “e logo ali, ao ser preciso para a cerimónia de investidura um arnês que servisse ao novel cavaleiro, lhe trouxeram um que pertencia a D. João, Mestre de Avis”¹⁹ e assim Nuno se tornava escudeiro da rainha.

Durante os anos seguintes, fica então o novo escudeiro da rainha a morar na casa do rei, a pedido de seu pai, tendo por seu principal formador Martim Gonçalves de Carvalhal que, para além de ser um bom escudeiro e ter muito para ensinar a Nuno, era também irmão de sua mãe Iria Gonçalves de Carvalhal²⁰. Os primeiros anos de Nuno na casa do rei são descritos por Oliveira Martins como,

«Os três ou quatro anos que se seguiram à entrada de Nun'Álvares na Corte completaram a sua educação. Foram tempos pacíficos, mas subterraneamente minados pela imaginação doentia da rainha. Nem a paz, todavia, nem o exemplo das realidades da vida, que o tio e aio lhe ia mostrando, comentando-as com a sua larga experiência das coisas, abriam brecha na fé iluminada que Nun'Álvares pusera em si próprio e no seu destino»²¹,

talvez um pouco exagerada a descrição e com pouco valor histórico, contudo não deixa de ser uma possível descrição destes anos em que pouco se sabe.

2. O casamento de Nuno

Já com dezasseis anos, Nuno recebe por carta de doação, por parte do rei, o préstamo das terras de Pena²², começando assim a ter os seus próprios rendimentos das terras. Rendimentos estes que viriam a ser necessários, pois meses mais tarde, dar-se-ia o casamento de Nuno com uma viúva de nome D. Leonor de Alvim.

O casamento não estava no horizonte de Nuno, pois tinha sempre no seu horizonte a imitação do valente Galaaz e a sua virgindade. Contudo, o seu pai não pensava da mesma forma e, assim sendo, acaba por lhe propor um caminho bastante diferente. Álvaro Pereira, como era comum nesta época, pensa numa esposa para o seu filho. A mulher que propõe a seu filho por esposa é Leonor de Alvim. Contudo, Nuno tendo essa grande afeição por Galaaz e pela sua valentia proveniente da virgindade, pensava ele, como tal pede algum tempo ao pai para pensar se consentia tal escolha. Durante esse tempo de reflexão, o pai, homem sábio, procura criar alguma pressão e influenciar essa decisão.

¹⁹ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira, Nuno Álvares Pereira*, p. 44.

²⁰ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. II, p.6.

²¹ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 46.

²² Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, União Gráfica, Lisboa, 1960, p. 10.

Para tal recorre às pessoas que rodeiam o filho, desde a sua mãe, um primo e um genro, para que Nuno Álvares aceite tal proposta, “E elles assy o fezerom e afficarom no tanto ataa que elle cõsintio: e disse que lhe prazia de o fazer poys que a seu padre prazia: e o elles auiam por bem”²³.

Leonor de Alvim era de entre Douro e Minho, “a qual fora molher de hu gran fidalgo e muy honrrado a que chamarom Vasco Gonçalvez Barroso. E esta dona era muy filha dalgo e de grã guisa e ainda comprida de grande bondade: e de bõas rendas e cabedall”²⁴. Em relação ao seu casamento, diz-se que “[Leonor de Alvim] Era nobre senhora viúva de Vasco Gonçalves Barroso, que morrera logo após o casamento e antes de consumado este, deixando fama de suas grandes virtudes”²⁵, e ainda,

«Dona Leonor de Alvim, dos antigos Alvins, que segundo alguns genealogistas, descendem dos Albanos, provenientes da província de entre Douro e Minho, filha de João de Alvim, segundo neto de Dom Mem Soares de Melo, senhor de Melo, progenitor desta ilustre casa e família, viúva de um grande cavaleiro, de nome Vasco Gonçalves Barroso, o senhor mais poderoso daquela terra»²⁶,

em suma, era uma viúva com bastantes bens.

Com o consentimento por parte do noivo, logo o rei D. Fernando mandou chamar a viúva Leonor de Alvim e ambos, com seus parentes e criados, foram até à corte que por esta altura se encontrava em Vila Nova da Rainha²⁷. “Ao chegar, foi Dona Leonor muito bem recebida e este ditoso casamento foi celebrado no dia seguinte”²⁸. Dá-se então o casamento, segundo a tradição, no dia quinze de agosto de 1376, ainda que sem festa, uma vez que Dona Leonor de Alvim era viúva, Nuno tinha então dezasseis anos de idade²⁹.

Partiram então para aos Paços do Bonjardim, mandados edificar pelo pai de Nuno Álvares, para a sua lua-de-mel e ali

«conheceu Nun' Álvares a sua mulher: assim como homem deve conhecer a sua mulher. E como quer que muito tempo havia que a ela chamavam dona, com verdade se podia dizer que desde aquele dia que Nun' Álvares seu marido assim conheceu, se podia assim diretamente chamar; porque posto que a

²³ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. IV, p. 10.

²⁴ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. III, p. 7.

²⁵ M. SOLEDADE, *NUN'ÁLVARES o Santo Condestável* Soledade, Barbosa & Xavier, Braga, 1959, p. 46.

²⁶ R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável Dom Nuno Álvares Pereira e suas descendências*, Esfera do Caos, Lisboa, 2010, p. 347.

²⁷ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. V, p. 11.

²⁸ R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, p. 348.

²⁹ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 7.

dantes assim chamassem ela era donzela. E este em seu verdadeiro nome: porque Vasco Gonçalves Barroso, com quem ela primeiro foi casada, nunca dela houve tal conhecimento. E esta foi a verdade ainda que o ela sempre encobrisse com grande bondade»³⁰.

Passado um mês, Nuno achou por bem ir então até às terras da sua esposa e fixaram-se na Quinta da Pedraça, em Cabeceiras de Basto³¹, onde exercitou a arte da montaria pelos espaços envolventes, sempre acompanhado por quinze escudeiros e trinta homens de pé. Fora muito bem recebido nesta sua nova terra, porém, também ele procurava ajudar, acolhendo quem precisava, dando agasalho a quem o pedia³². Deste período em que Nuno “nenhuma coisa fazia com rancor nem ódio [...] ouvindo suas missas e vivendo bem e honestamente com sua mulher”³³, Dona Leonor dá à luz três filhos, porém apenas um sobrevive, uma menina, Beatriz Pereira³⁴.

Neste ambiente familiar passaram alguns anos até surgir um novo acontecimento relevante na vida de Nuno: o falecimento do seu pai. Se alguns apontam este acontecimento para o ano de 1378³⁵, outros há que sugerem 1379³⁶. Não conseguimos precisar a data, porém, importa ressaltar que o mais provável será mesmo este último, fundamentando-nos na explicação dada por Manuel Wermers³⁷. O irmão de Nuno, Pedro Álvares, acaba por suceder ao pai no priorado³⁸.

3. Os últimos anos de vida de D. Fernando

Com o rompimento de relações com Castela, D. Fernando viu-se obrigado a defender o Alentejo. Como tal, nomeia para fronteiro-mor em Portalegre um homem da sua confiança e com boas capacidades militares: Pedro Álvares. Porém, pede também a Nuno que acompanhe seu irmão nesta sua nova tarefa. Parte então Nuno, em direção a Portalegre, acompanhado por 25 escudeiros e 30 homens de pé³⁹.

Vendo a hoste castelhana avançar sobre o território português, tendo noção das suas capacidades desejoso de ajudar a sua pátria, ainda que um tanto precipitadamente,

³⁰ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. V, pp. 11-12.

³¹ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 7.

³² Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. V, p. 12.

³³ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, Escripório, Lisboa, 1897, vol. I, c. XXXVI, p. 109.

³⁴ Cf. R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, p. 348.

³⁵ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 70; O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 48.

³⁶ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 7; R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, p. 348.

³⁷ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 7.

³⁸ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. VII, p. 14.

³⁹ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. VIII, p. 16.

Nuno desafia o filho do Mestre de Santiago de Castela, o fronteiro de Badajoz para um combate, de dez homens contra dez homens, com o claro objetivo de assim o derrotar⁴⁰. Porém o seu irmão Pedro, ao saber de tal desafio, comunica-o ao rei português D. Fernando, que proíbe tal duelo e manda chamar os irmãos à sua presença. Nuno não desiste da sua ideia e, na presença do rei, tenta persuadi-lo com o intento de avançar com esse mesmo duelo, porém o rei mantém a sua posição⁴¹.

Algum tempo depois, já em 1382, com Castela constantemente a investir contra Portugal, e já presente no Tejo, os irmãos Álvares são chamados para Lisboa onde Pedro é nomeado fronteiro da cidade. Esta nova tarefa tem como consequência combates mais frequentes⁴². É neste contexto que Nuno tem a primeira *prova de fogo*. Tudo acontece numa noite em que Nuno, juntamente com seu cunhado, Dom Pedro Afonso do Casal, e com um conjunto de soldados, parte em direção à ponte de Alcântara com o objetivo de surpreender os castelhanos. Escondendo-se entre os muros e as vinhas, viu cerca de vinte castelhanos sair das barcas para irem colher a fruta que existia nas margens. Logo, Nuno e seus companheiros saíram ao seu encontro, fazendo com que fugissem a nado de regresso às suas barcas. Não conseguindo Nuno o combate que desejava decide colocar-se à porta do Convento de Santos com o intuito de provocar os que tinham voz por Castela ao que eles respondem com 250 homens, que prontamente saem para combater o grupo de Nuno. Finalmente, tinha aquilo que desejava, um combate, e em abundância, tendo em conta que seriam cerca de 250 castelhanos contra cerca de 50 homens.

Naturalmente os homens do futuro Condestável, temendo pela sua própria vida, começam a fugir. Os soldados que fugiram, vieram ao longe Nuno a combater sozinho os castelhanos. Como facilmente se deduz, por muito valente que este jovem guerreiro fosse, a desvantagem numérica era tão acentuada que seria quase impossível correr bem. O que lhe valeu foi a coragem de um clérigo, Vasques Eanes do Couto, que prontamente lhe salvou a vida quando o seu cavalo fora atingido e ele ficara preso na cilha. Deve-se a este clérigo, que cortou essa mesma cilha, e ao grupo de soldados portugueses que a ele se juntaram, o facto de Nuno ter conseguido sobreviver a tal aventura⁴³. Contudo, a sua coragem, a sua determinação, a sua arte de combater, a sua astúcia começa a ganhar fama,

⁴⁰ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. X, p. 21.

⁴¹ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XI, pp. 25-26.

⁴² Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 9.

⁴³ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XII, pp. 28-33.

com este acontecimento Nuno começa a ser visto como um guerreiro, embora novo, de um valor acima da média.

Estando Nuno com seu irmão a defender as fronteiras da cidade de Lisboa de possíveis investidas dos castelhanos, tem então conhecimento de uma possível batalha entre a coroa portuguesa, com o apoio dos ingleses, contra as tropas castelhanas em Elvas. Rapidamente, Nuno percebe que as suas capacidades seriam muito mais valiosas combatendo junto do rei na fronteira, já para não falar do seu entusiasmo pela batalha. Desta forma, e às escondidas do seu irmão que não permitira tal ato, foge durante a noite com um conjunto de soldados em direção ao combate iminente em Elvas. Porém, todo este seu plano não se realiza como previa. Os reis chegam a um acordo de paz com a promessa do casamento da filha de D. Fernando, a infanta D. Beatriz, e D. João de Castela⁴⁴.

Neste período de tempo, D. Fernando adoece, uns sugerem mesmo antes da batalha⁴⁵, outros apenas depois, quando já estaria em Rio Maior⁴⁶, para onde se dirigira após a paz encontrada em Elvas. Por sua vez, Nuno também vai ao encontro de sua família, nomeadamente para a sua quinta, onde o esperavam sua esposa e sua filha⁴⁷.

Em dois de abril de 1383 é celebrado tão famoso e importante casamento em Salvaterra de Magos, que provavelmente teve como principal negociador o Conde de Ourém, mais conhecido por Andeiro⁴⁸.

Finalmente, a catorze de maio, festejam-se as bodas em Elvas, para as quais foram convidados todos os fidalgos e grandes dos Reinos. Estas mesmas bodas ficam marcadas na história pessoal de Nuno, pois tem aqui um episódio que lhe deu alguma atenção por parte dos monarcas. Estando então o banquete pronto e chegados aos lugares para eles reservados, Nuno e seu irmão Fernão Pereira apercebem-se que os mesmo já estão ocupados por alguns portugueses e mais castelhanos. Nuno diz então a seu irmão: “Nós não temos honra de mais estar aqui, mas parece-me que é bem que nos vamos para a pousada; mas, antes que nos vamos, eu quero fazer que estes, que nos pouco prezaram e riram de nós, que riamos nós deles e fiquem escarnidos”⁴⁹.

⁴⁴ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XIII, pp. 34-37.

⁴⁵ Cf. O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 78.

⁴⁶ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XIII, p. 37.

⁴⁷ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 14.

⁴⁸ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. Fernando*, Escriptorio, Lisboa, 1896, vol. III, c. CLIX, pp. 142-144.

⁴⁹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. Fernando*, vol. III, c. CLXVI, p. 161.

Revoltados por se sentirem desrespeitados, afinal de contas não eram uns *portugueses quaisquer*, Nuno e seu irmão derrubam propositadamente o pé da mesa, fazendo com que a mesa caísse por terra com tudo o que tinha em cima. Toda a gente ficou surpreendida com tal ação, especialmente o rei de Castela, que chega mesmo a comentar: “homem que tal fez, tem coração para mais”⁵⁰. Daqui Nuno parte para sua casa, junto da sua família, que estava no Minho⁵¹.

Entretanto D. Fernando também adoeceu, acabando por falecer a vinte e dois de outubro de 1383. A rainha rapidamente transmitiu a triste notícia a todo o território e, tendo Nuno sabido, rapidamente veio para Lisboa para assistir ao trintário para o qual muitos nobres do reino foram convidados. Porém Nuno não se limitou a estar presente como a outra nobreza, Nuno tomou a decisão de trazer consigo para Lisboa alguns soldados, mais precisamente 30 homens⁵², seria isto “em jeito de desafio a Leonor Teles: o trono vagara e estava em jogo a independência de Portugal”⁵³?

4. O início da revolução

Rapidamente Nuno preocupa-se com a questão da sucessão, pois

«Morto D. Fernando, o Tratado de Salvaterra de Magos de 2 de Abril de 1383, o tal que regulava o casamento de D. Beatriz de Portugal e D. João de Castela, passara a documento constituinte e carta de transição para o reino. Pondo de parte as subtilezas jurídico-sucessórias e as disposições redondas da sua interminável casuística, os artigos, jurados em massa pelos representantes da coroa, das cortes e do povo português, conduziam a muito curto prazo à perda da independência da nação, já que destinavam a coroa portuguesa aos herdeiros do casal e, na ausência de herdeiros, aos próprios reis de Castela, ainda que com autonomia das coroas»⁵⁴.

Foi então que Nuno pensou no irmão de D. Fernando, ou seja, D. João, Mestre de Avis. Porém, havia algo no meio deste seu plano que impedia que tal acontecesse, não algo, mas antes alguém, e esse alguém tinha um nome e um rosto concreto: o famoso conde de Ourém, Dom João Fernandes de Andeiro. Era preciso eliminar aquele que todos sabiam que era o amante da rainha. Rapidamente, Nuno engendrou um plano e se

⁵⁰ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 14.

⁵¹ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 14.

⁵² Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XV, p. 39.

⁵³ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 74.

⁵⁴ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, pp. 78-79.

apressou a contá-lo ao seu tio Rui Pereira, pois sabia da sua ligação e proximidade ao Mestre de Avis⁵⁵.

Quando soube da ideia do seu sobrinho, “Rui Pereira apreciou a sobremaneira o seu intento e deu dele conta ao Mestre”⁵⁶, que prontamente mandou chamar Nuno para lhe agradecer a sua vontade e os seus anseios patrióticos. Nuno regressa à sua pousada, aprimorando o seu plano para conseguir o seu grande objetivo de o poder de Portugal não cair nas mãos dos Castelhanos, mesmo que isso implicasse sacrificar o Conde Andeiro. Porém, pouco depois, Nuno recebe a mensagem de que o Mestre de Avis afinal tinha voltado atrás e que não pactuava com seu plano. Ou seja, D. João exortava Nuno a abandonar a sua ideia, facto que o entristeceu. Ainda tentou persuadir o Mestre, porém sem sucesso⁵⁷.

Triste com a situação, Nuno vai no encalço do seu irmão Pedro, que estava a caminho de Santarém. Alcança-o quando este se encontrava em Pontével, onde chega também o capitão, Gonçalo Tenreiro, trazendo consigo uma carta da rainha. Aqui acontece algo que enfurece ainda mais o futuro Condestável, pois nessa carta a rainha promete-a ao seu irmão Pedro grandes benefícios se este a quisesse servir, quase que como uma tentativa de comprar a sua lealdade. Esta tentativa por parte de D. Leonor deixou Nuno enojado. Como não poderia deixar de ser, Nuno e outros que o acompanhavam, tentam logo dissuadir Pedro a aceitar o presente envenenado embora, sejamos sinceros, muito tentadora. Porém, Pedro não respondeu⁵⁸.

Entretanto, a seis de dezembro de 1383, em Lisboa, começa uma revolução. O acontecimento que a desencadeia é a morte do Conde Andeiro, conde de Ourém, que foi assassinado por Rui Pereira, sendo antes golpeado na cabeça pelo Mestre de Avis. Esta morte foi a centelha que iniciou um grande *incêndio patriótico*, e com o conde Andeiro morreram também o bispo D. Martinho, que era castelhano, o prior de Guimarães e um escrivão de Silves, todos eles acusados de serem a favor dos castelhanos⁵⁹.

Estando Nuno em Santarém, soube da morte do Andeiro. De imediato foi no encalço dos seus irmãos com o intuito de os persuadir a juntarem-se ao Mestre de Avis, isto é, a tomar partido pelo Mestre, coisa que não conseguiu. Decisão diferente tomaram os soldados que acompanhavam Nuno e que prontamente afirmaram estar do lado do

⁵⁵Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XVI, pp. 41-42.

⁵⁶ R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, p. 354.

⁵⁷ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XVI, p. 42.

⁵⁸Cf. R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, pp. 354-355.

⁵⁹ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. I, c. X-XIII, pp. 43-54.

Mestre e não do lado do acordo selado anteriormente, que faria com que o reino Português caísse nas mãos dos castelhanos após o casamento da infanta Beatriz com João de Castela⁶⁰. É neste grupo que aceita seguir Nuno, estando formado “o núcleo do exército que havia de vencer Aljubarrota”⁶¹.

Estando o futuro Condestável com os seus homens a caminho de Lisboa, e sabendo que a rainha estava em Alenquer, decidiram pernoitar em Alverca, com receio de que a rainha os pudesse mandar prender, algo que também não se verificou⁶². Chegados a Lisboa, foram velozmente falar com o Mestre que muito bem os recebeu. Passados dois dias, Nuno inquieto com toda a situação, apresenta-se no Paço do Mestre e diz-lhe:

“«Señor, grandes dias há q muyto desejey e desejo de vos servir: e nõ foy minha ventura de o ataa ora poder fazer E porq ora vós sooes em tal ponto que entendo que poderey cobrar o que desejey em vos servir: e me ofereço a vosso serviço cõ boa vontade: e vos peço de merçee que daqui adiante me ajaães por todo vosso: e servuindose vossa mercee de my em todallas cousas: como de huu home que pera ello serey muyto prestes» E o mestre lhe agradece muyto sua boa vôtade porque dias auia que o conhecia por boõ e o recebeo por seu, poendo logo em seu cõselho com os outros que em elle estauã: e dally adiãte nõ fazia cousa de que elle parte nom soubesse”⁶³.

Estando então Nuno ao serviço do Mestre, no seu conselho mais íntimo, chegou-lhe uma tentativa de aliciamento por parte do rei de Castela, com o condado de Viana, em conluio com o seu irmão Pedro. Como refere Pinto, trata-se de uma “tentativa séria, tendo a própria mãe, Iria Gonçalves, como mediadora”⁶⁴. Porém, Nuno, firme no seu propósito, apresentava à mãe as razões que o levavam a tomar tal parte, contrariando a sua mãe dizendo “q Deos nom quixesse que por dadiuas e largas promesas elle fosse cõtra a terra q o criara: mas q ante despederia seus dias e espargeria seu sangue por emparo della”⁶⁵. Nuno, neste encontro com sua mãe, consegue o efeito contrário, isto é, em vez de se deixar convencer pela mãe para se colocar ao serviço do rei de Castela, antes consegue que sua mãe também se coloque ao serviço do Mestre e que peça a seu irmão, Fernão Pereira, que

⁶⁰ Cf. J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 116.

⁶¹ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 120.

⁶² Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XVIII, p. 45.

⁶³ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XIX, pp. 46-47.

⁶⁴ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 117.

⁶⁵ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, p. 47.

fizesse o mesmo⁶⁶. Provavelmente esta tomada de posição inicial por parte de sua mãe, Iria, por Castela, se deva ao facto de ela ter sido cuvilheira nas bodas de D. Beatriz⁶⁷.

Estando a findar o mês de dezembro de 1383, o mestre havia sido pressionado por alguns dos seus conselheiros, para se ir refugiar em Inglaterra e voltar de lá mais tarde, com tropas, para ajudar a combater o exército castelhano e assim conquistar definitivamente o território português aos castelhanos. Porém, Nuno e mais alguns conselheiros, eram avessos à solução e diziam que “a sua Londres era Lisboa”⁶⁸. Ou seja, pretendiam ficar em Portugal e combater os castelhanos pois acreditavam que o exército de que dispunham iria conseguir fazer frente aos castelhanos⁶⁹.

5. A reconquista de Portugal

O Mestre assim consentiu. Rapidamente se organizaram para tomar o castelo de São Jorge, sendo este o grande reduto da cidade de Lisboa. Castelo este que acabaria por se render ao Mestre no dia trinta de dezembro⁷⁰.

O clima existente ia ficando cada vez mais pesado, a tensão começava a subir, de um lado o mestre com aqueles que o apoiavam, do outro a viúva rainha com o apoio de Castela. O rei de Castela não aparentava ter receio do movimento do Mestre, pois isso mesmo fica provado quando a doze de janeiro de 1384 parte rumo a Santarém. Enquanto o rei de Castela se deslocava, o Mestre, juntamente com Nuno e o seu exército tomavam Almada⁷¹.

Todos estes acontecimentos corriam rapidamente pelo país e provocavam um grande alvoroço na sociedade.

«Por toda a parte arraia-miúda via no *mexias de Lisboa* um redentor desenfreando-se quando podia, umas vezes com o motivo, outras com o pretexto, de que os grandes queriam, como queriam efetivamente, entregar o Reino a Castela. Ao labéu de traidores juntavam o de cismáticos, contra as classes dirigentes»⁷².

⁶⁶ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XIX, pp. 47-48.

⁶⁷ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 17.

⁶⁸ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 117.

⁶⁹ Cf. J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 117.

⁷⁰ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. I, c. XLII, p. 125.

⁷¹ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. I, c. LXIII, pp. 177-178.

⁷² O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 122.

É neste contexto que Beja, Ourique, Estremoz, Portalegre e Évora passam para as mãos dos revolucionários⁷³. Por sua vez, no Norte, apenas o Porto apoia o Mestre. Já no Centro, apenas Penela apresentava sinais de rebelião⁷⁴.

O Mestre, sendo alguém extremamente inteligente, e tentando numa jogada fazer muitos pontos, decide nomear Nuno como fronteiro do Alentejo, mais precisamente, fronteiro entre Tejo e Guadiana⁷⁵. Isto permite várias coisas em simultâneo. Se, por um lado, é destacado alguém com grandes capacidades para organizar e liderar toda a rebelião do Alentejo, por outro se percebe que lá Nuno iria “livremente dar largas à exuberância forte do seu génio, revelando a sua capacidade de guerreiro, até aí não demonstradas”⁷⁶. Era ainda uma forma de demonstrar ao povo alentejano que o Mestre se preocupava com eles, pois facilmente se compreende que os castelhanos não desistiam tão facilmente e não poucas vezes havia alterações.

Para o seu grupo próximo nesta missão, elegeu Diogo Gil como alferes ou portador da bandeira⁷⁷. Bandeira esta

«a qual havia o campo branco e uma cruz grande vermelha, por meio, e no quarto primeiro da cerca da haste, pintada a Imagem de Nosso Salvador Jesus Cristo crucificado, e a Sua Mãe, e S. João acerca perto Dele; e no outro seguinte da ponta da bandeira, estava a imagem da preciosa Virgem, com Seu Filho bento no colo; e nos dois quartos do fundo, no primeiro, junto com a haste, S. Jorge, armado, de joelhos com as mãos juntas para cima; e no outro S. Tiago desta mesma maneira, (...) e eram postos nos cantos das bandeiras quatro escudos pequenos, das armas de sua linhagem, que é uma cruz branca em campo vermelho, aberta por metade»⁷⁸.

Jaime Nogueira Pinto acrescenta,

«O facto de S. Jorge e S. Tiago se encontrarem de joelhos e de elmo deposto a rezar pela paz, remete-nos para o conceito de ‘guerra justa’, estabelecido por Santo Agostinho e desenvolvido por S. Tomás de Aquino: a guerra só seria justa se, reagindo defensivamente a um mal maior e em nome do bem comum, se fizesse de olhos postos na paz e no restabelecimento da ordem»⁷⁹.

É então, com esta bandeira, que Nuno se dirige em direção ao sul.

⁷³ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. I, c. XLIII-XLVI, pp. 126-138.

⁷⁴ Cf. O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 123.

⁷⁵ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. LXXXVIII, pp. 48-50

⁷⁶ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 129.

⁷⁷ Cf. J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 124.

⁷⁸ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. LXXXIX, pp. 51-52.

⁷⁹ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 126.

6. A batalha doa Atoleiros

Passando por Évora, onde o entusiasmo revolucionário era grande, pensava ele que iria ter também grande contributo por parte da população para a sua hoste militar. Porém, tal pensamento saiu-lhe defraudado, ficando-se apenas por mil besteiros e trinta lanças, que se juntaram às duzentas lanças que já trazia⁸⁰. Segue então o seu percurso até Estremoz. Aqui, reunindo o seu exército, percebendo o medo que pairava no ar, claramente devido à inferioridade numérica e à fraca preparação face aos castelhanos, diz-lhes,

«Amigos! Bem creo q ja todos sabees em como me o meestre meu señor mãdou a esta terra pera vós outros: pera cõ ajuda de Deos vós e eu a defensarmos dalgua mal ou dâpno se lhe demos de nós boõa conta. E porq ey çerto recado que o prioll do espiritall meu irmão, e o mestre dAlcântara e Martyañs de Barundo, que se chama mestre dAuys, o q lhe Deos nõ guisara, e Pero Gonçalvez de Seuilha e outros grandes com peça de gente, estam no Crato q daqui he muy acerca e som prestes pera entrare em esta terra de meu señor o mestre a fazer mal e dâpno, minha vontade he de cõ ajuda de Deos em a companhia de vós outros os hijr buscar ante que entre e pelejar com elles. E espero na merçee de Deos q nos dara delles o vencimento: de q nos para sempre ficara grãde honrra e boõs nomes. E ao meestre meu senhor faredes estremado seruiço: e a nós meesmos grãde bem em defender nossa terra e bees o q dereytamente sode theudos»⁸¹.

Tal discurso não convenceu totalmente aqueles que o acompanhavam. O medo continuava presente. Afinal de contas, Nuno queria ir ao encontro do exército castelhano que estava no Crato para o combater. Mas o futuro Condestável insiste dizendo-lhes:

«Amigos! eu nom sey que vos em esto diga mais do q vos ja disse: pero ajnda vos quero responder ao que dizees q os castellaãos som muytos: e grandes senores: tão vos vinra mayor honrra e louuor de os vencerdes. E da duuida q segundo parece teendes por hy virem meus jrmaãos no a deuees de teer: ca vos digo e prometo de verdade que posto que hy viesse meu padre eu seria cotra elle por seruiço do mestre meu senhor: e por defender a terra que me criou. E pera vós veerdes que he asy se a uós praza de em esta obra sermos companheiros: eu vos prometo bem q com ajuda de Deos eu seja o primeyro que a começe: e assy poderdes veer a vôtade que eu em este feyto tenho cótra meus jrmãos. E quanto na parte de nós sermos poucos e elles muytos: né por esto deuiades doudar seerdes em tam boa obra: que ja muytas vezes acõteceo os poucos vencerem os muytos porque o vencimeto em Deos he todo e nõ nos homés. Mais pois que asy he vossa teençõ qual me dissestes: rogouos que os

⁸⁰ Cf. R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, p. 361.

⁸¹ [S.N.], *Chronica do Conde de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXVIII, p. 65.

q comigo uiserem hijr a esta obra que se passem da parte daallem deste regato: e os que no quiserem: que fiquem desta parte»⁸².

O grupo motivado pela retórica de Nuno, ou influenciado pelo movimento dos inimigos, passaram para o outro lado do regato, embora alguns não quisessem participar em tal aventura, pois parecia-lhes uma corrida direta para a sepultura⁸³.

No dia seis de abril de 1384, em plena quarta-feira da Semana Santa, ainda antes do sol despontar na aurora, o jovem Nuno manda tocar as trombetas para rapidamente o pequeno exército partir em direção a Fronteira, ao encontro dos castelhanos. O facto de não se esperar pela abundância da luz do dia, deve-se a Nuno se ter percebido que os seus homens estavam receosos. Para evitar que tivessem tempo de se arrepender e voltar para trás, Nuno antecipa a partida. Partida esta para um trajeto de cerca de quatro léguas⁸⁴.

É já durante este trajeto que vem ao encontro do exército português Rui Gonçalves, um escudeiro castelhano, que Nuno conhecia pois tinha vivido em casa de seu pai. O escudeiro procurava aliciar e persuadir Nuno a desistir da investida contra o exército castelhano e até a juntar-se a eles. Algo que Nuno rejeitou prontamente, continuando a sua viagem até Atoleiros, em Fronteira.

Nesse lugar, preparou toda a sua hoste para a batalha, sob uma nova e eficaz estratégia militar. Foi também desde esse momento que a sua mestria táctica começou a ter fama. Este modelo de combate já era usado noutros lugares do mundo,

«provavelmente Nun'Álvares, pelo que ouvira, e talvez aprendesse com alguns guerreiros do duque de Cambridge. Consistia ela na formatura em muro, cerca, ou quadrado, defendido para fora por uma sebe de lanças ou piques, cravados obliquamente no chão. Por detrás das lanças, os besteiros e fundibulários jogavam setas, pedras, e virotões»⁸⁵.

Além disto, importa salientar que Nuno também estudava muito bem o terreno em que combatia e procurava usá-lo a seu favor, aproveitando os declives e cavando fossos.

Estando a batalha iminente, já com os castelhanos no horizonte,

«E isto assim concertado começou de andar pelas batalhas em cima de uma mula, esforçando as gentes com boas palavras, com gesto ledó e vulto prazível, dizendo a todos quatro cousas, que se lembrassem d'ellas, e as firmassem em seus corações. A primeira que se encommendassem a Deus e a Santa Maria sua madre que os quizesse ajudar contra seus inimigos, pois que tinham querella justa. A segunda, como vinham elles pera defender a si e

⁸² [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXVIII, pp. 66-67.

⁸³ Cf. O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 139.

⁸⁴ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. XCIV-XCV, pp. 64-65.

⁸⁵ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 143.

a suas casas e bens e se tirarem da sujeição em que os el-rei de Castella queria poer contra razão e direito. A terceira como eram alli por servir seu senhor e alcançar grande honra que a Deus prazeria de lhe dar mui cedo. A quarta que firmassem em seu entendimento de soffrer todo o trabalho e aporfiar na batalha não uma hora mas um dia se mister fosse»⁸⁶.

Assim se deu a batalha. A hoste castelhana foi desbaratada e os portugueses levaram a melhor com uma grande vitória. Vitória esta que teve ainda um impacto maior devido à inferioridade numérica existente e à falta de preparação. Do lado castelhano morreram, entre os vários combatentes, o mestre de Alcântara, Pêro Gonçalves de Sevilha, Rui Gonçalves, o escudeiro que anteriormente tinha vindo ter com a hoste portuguesa, Gonçalo de Aza, Julião de Lerma, entre outros⁸⁷.

Em recompensa por esta vitória obtida, o Mestre vai, mais tarde, dia um de junho deste mesmo ano, doar ao jovem Nuno as terras do condado de Ourém, com as terras e vilas que lhe pertenciam, porém sem o título de conde⁸⁸.

7. As escaramuças pelo Alentejo

Na manhã do dia seguinte, isto é, na quinta-feira, dia sete de Abril de 1384 (contrariamente às informações dadas por Rodrigo Mendes Silva Lusitano, que afirma que este acontecimento se dera no dia anterior – quarta-feira- o que não é possível pelo facto de a batalha dos Atoleiros se ter realizado nesse dia⁸⁹), Nuno procura ir ao encontro de Dom Martim Eanes da Barbuda e de alguns outros que com ele fugiram da batalha. Nuno tinha informações de que estes se encontrariam na vila de Monforte. Procurou rapidamente cercar a vila de forma a encurrala-lo, dando origem a algumas escaramuças. Porém, percebendo que não possuía meios para o assalto e que a mesma não se rendia, decide levantar o cerco. Já no dia oito, sexta-feira,

«E outro dia pela manhã, que era dia de Endoenças, se foi Nuno Alvares de pé e descalço em romaria a Santa Maria do Açumar, que é uma légua d’ahi, igreja bem devota, e todos os seus de pé com elle. E como chegou á igreja achou-a mui suja das bestas dos castellãos, que n’ella metiam quando por hi passavam, e ante que se aposentassem a mandou limpar, e elle foi o primeiro que começou a tirar o esterco fóra»⁹⁰.

⁸⁶ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. XCVI, pp. 68-69.

⁸⁷ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXVIII, p. 71.

⁸⁸ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 23.

⁸⁹ Cfr. R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, p. 363.

⁹⁰ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. XCVII, p.74.

Segundo Oliveira Martins, talvez tenha sido neste momento que Nuno tenha feito o voto de construir o templo que mais tarde mandou edificar, pois cada batalha, normalmente, tem a sua igreja votiva. Por exemplo, a de Atoleiros é a de Assumar, a de Aljubarrota é São Jorge, entre outras, como mais tarde teremos oportunidade de observar⁹¹.

Daqui, de Assumar, Nuno, já no dia de sábado, sempre inquieto como vamos percebendo, parte em direção à vila de Arronches. Tomou a localidade à força pois estava defendida por alguns cavaleiros ilustres que tinham voz por Castela. Queimadas as portas de entrada do castelo coloca a cidade sob controlo português. Porém esta tomada foi realizada após um pacto feito com os cavaleiros segundo o qual poderiam se ir embora, se entregassem o castelo, e assim sucedeu⁹².

Mandou ainda um escudeiro seu, Martim Afonso de Aramenha, com alguns homens, tomar a vila de Alegrete, que era relativamente perto, o que também se concretizou. Deixou em Arronches o seu tio Martim Gonçalves para cuidar das vilas. É também aqui que Nuno passa a Páscoa deste ano de 1384. Dali, após ter atribuído uma guarnição necessária às vilas, foi para Montemor-o-Novo, passando por Estremoz e Évora⁹³.

Estando Nuno em Évora, tem conhecimento de que os castelhanos se vão aproximando de Lisboa, quer por terra, quer por mar, e de que a procuram cercar para a tomar de assalto. O Mestre, percebendo o desenrolar da situação, manda, a catorze de maio, uma pequena frota, liderada por Gonçalo Rodrigues de Sousa e Rui Pereira, para trazerem mantimentos e gente para combater os castelhanos que se aproximavam cada vez mais⁹⁴.

Com a fama que o jovem Nuno Álvares ia tendo com a vitória da batalha dos Atoleiros, ia-se criando também uma espécie de mito em torno da sua pessoa, embora o próprio não gostasse de grandes famas. Contudo, tal também lhe era bastante útil, pois tornava-se muito mais fácil convocar homens para a sua causa. E esta mesma fama também chega a Lisboa. Por um lado, os habitantes, que veem a sua situação complicar-se com o aproximar dos castelhanos, começam a suspirar pela presença do grande guerreiro e estratega, pois pensavam que com a sua presença Lisboa jamais teria perigo.

⁹¹ Cf. O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 146.

⁹² Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXIX, p. 73.

⁹³ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. XCVII, p.74.

⁹⁴ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. CXII, p.117.

Por outro lado, o Mestre, percebendo isto mesmo, quer o valor militar, quer o peso da sua imagem, faz chegar uma mensagem a Nuno Álvares para que junte alguns homens e embarque na frota que virá do Porto para ajudar a combater os castelhanos⁹⁵.

De imediato, Nuno envia emissários em direção ao Porto, para que as galés não partissem em direção a Lisboa sem a presença dele e dos seus homens. Entretanto, parte de Évora, com um exército de lanças, estimado entre 80⁹⁶ e 200⁹⁷ unidades. Porém, mesmo tendo Nuno enviado recado para que as galés esperarem por ele, eles com inveja da sua fama, decidem partir sem ele⁹⁸.

Como Nuno não sabia da partida das galés do Porto continuou o seu percurso. Estando já em Coimbra, recebe novidades da frota, dizendo-lhe que já se encontrava em Buarcos “e outra vez escreveu aos capitães d’ella, que lhe rogava que por serviço do Mestre, aguardassem e não partissem sem elle, que logo em ponto lá seria”⁹⁹. Repete-se o que acontecera anteriormente, ou seja, novamente não esperaram por eles.

Percebendo que já não tinha sentido continuar a sua viagem em direção às galés, decide voltar para Évora com os seus companheiros. Porém encontrando-se numa situação bastante frágil de recursos de alimentação, pedem ajuda aos habitantes de Coimbra que, embora pouco, contribuem com algum sustento monetário¹⁰⁰.

À passagem por uma localidade denominada Punhete, hoje Constância, tiveram conhecimento de que um grupo de castelhanos, vindos do Crato e com destino a Castela, havia de passar por ali com um grande saque feito às povoações portuguesas. Nuno rapidamente procura indagar mais pormenores e montar-lhes uma cilada. Desta saída vitorioso, provocando alguns mortos e feridos. Com esta cilada o pequeno grupo português conseguiu um grande despojo de bestas, ouro, prata, dinheiro e algumas roupas. Bens que foram uma grande ajuda pois, como vimos anteriormente, os soldados portugueses deslocavam-se numa situação bastante frágil. Seguidamente, continuaram o seu trajeto até chegarem a Évora¹⁰¹.

Neste período de tempo em que estão em Évora dá-se a chegada da frota do Porto a Cascais, mais precisamente a dezassete de julho de 1384¹⁰². Porém, no Alentejo,

⁹⁵ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. CXXVI, p.159.

⁹⁶ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXX, p. 75.

⁹⁷ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. CXXVI, p.159.

⁹⁸ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. CXXVI p. 160.

⁹⁹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. CXXVI p. 160.

¹⁰⁰ Cf. R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, p. 364.

¹⁰¹ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXXI, pp. 77-78.

¹⁰² Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. CXXXI-A, p. 174.

também não estavam numa atitude passiva. Sabendo que o alcaide de Monsaraz, de seu nome Gonçalo Rodrigues de Sousa, que tinha por amo o rei de Castela, saíra para ajudar o rei de Castela, o futuro Condestável decide tomar a cidade para o Mestre de Avis. Para tal, orchestra um plano aparentemente simples, e que obtém o resultado pretendido. Nuno teve conhecimento de que a vila tinha falta de provisões e de que podia usar a seu favor. como se diz popularmente, “pela boca morre o peixe”. Decide então soltar vacas nas imediações da vila, pois sabia que estas se iriam sentir perdidas e iriam começar a mugir. Quando, na vila, ouvirem o mugido das vacas iriam procurar ir ao seu encontro para as caçar, deixando a entrada aberta. Dessa forma puderam as tropas portuguesas tomar a cidade para o Mestre¹⁰³.

Estando novamente em Évora, Nuno tem conhecimento de que um castelhano o queria combater. O seu nome era João Rodrigues de Castanheda que se encontrava em Badajoz com cerca de 300 lanças. Tal notícia alegrou-o tanto que lhe mandou dizer que “aceitava o repto: prazia-lhe muito a vinda, e ia preparar-lhe de jantar”¹⁰⁴. Contudo Nuno não se mantém passivo e decide, juntamente com os seus, ir desde logo ao seu encontro. Sabendo desta sua atitude, os castelhanos ainda tentaram, embora sem sucesso, impedir-lhe a travessia do Guadiana. A batalha dera-se junto à cidade de Badajoz, resultando na fuga dos castelhanos para dentro da cidade de forma que utilizavam para se protegerem das tropas portuguesas. Como consequência desta escaramuça, o exército português fez cerca de vinte prisioneiros. Ainda aguardou algum tempo às portas da cidade de Badajoz, na esperança de que os inimigos pudessem sair novamente para os combater, o que não sucedeu. Cansados de esperar pelos inimigos, decidem regressar a Elvas¹⁰⁵, “sem aquela vaidade dos soberbos e sem dar mostras de contentamento porque antes de cumprir o seu desejo não o sentiu verdadeiramente”¹⁰⁶.

Por esta altura, mais precisamente em agosto, Almada sem conseguir aguentar a sua defesa perante o inimigo, entregou-se à hoste inimiga, entregou-se a Castela.

Entretanto, o rei castelhano percebia que era urgente acabar com o foco de resistência que ainda operava no Alentejo, de forma a que o ânimo dos portugueses cercados em Lisboa também pudesse cair. Foco este que se devia essencialmente a uma pessoa, a um guerreiro, ao português Nuno Álvares Pereira. Para fazer frente então a esta

¹⁰³ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXXII, pp. 79-80.

¹⁰⁴ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 155.

¹⁰⁵ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXXIII, pp. 81-82.

¹⁰⁶ R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, p. 365.

presença de rebeldes no Alentejo, é destacado o próprio irmão de Nuno, Pedro Álvares e o marechal do exército castelhano que estava em Lisboa, Pêro Ruiz Sarmiento. Com eles vai um exército de seiscentas lanças, que se iria reunir com um outro que estaria no Crato e que era liderado por João Rodrigues de Castanheda, com o intuito de assim, com uma força musculada, varrerem o Alentejo para os castelhanos. Porém com tanta gente incluída, a informação rapidamente começou a circular e os espiões de Nuno comunicam-lhe o que estava a suceder e quais as suas pretensões¹⁰⁷.

Quando Nuno toma conhecimento das movimentações logo decide impedir a junção destas tropas, deixando Elvas e partindo em direção ao Crato. Durante a viagem, já em Cano, atualmente pertencente ao concelho de Sousel, soube que tinha sido lento e que já não iria a tempo, pois as tropas já haviam passado no dia anterior. Percebendo da sua desvantagem face a tal exército, decide voltar para Évora, para reorganizar a sua tropa, de forma a conseguir um reforço de força com mais soldados.

Nesta altura, recebe também uma carta do Mestre a confirmar as informações recebidas, juntamente com algum dinheiro. Nuno sabia então que teria de enfrentar um exército com cerca de doze mil homens, o que o fez perceber que precisava urgentemente de recrutar. Aproveitando o dinheiro que o Mestre lhe enviara, conseguiu angariar cerca de quinhentas lanças, cinco mil besteiros e homens-de-pé. Face ao exército inimigo era muito pouco, porém era o possível¹⁰⁸. Entretanto, os castelhanos, já com toda a força vinda de Lisboa, saíam do Crato e vinham em direção a Évora, com o propósito de combater esta força de resistência liderada por Nuno.

«Vinham, com o marechal Sarmiento, o novo Mestre de Alcântara, o Barbuda, o Castanheda (do encontro de Badajoz) mais o conde de Niebla e o prior do Hospital, Pedro Álvares. Traziam duas mil e quinhentas lanças, seiscentos ginetes, e, com peonagem e besteiros, seriam, ao todo, uns doze mil homens, a que Nun' Álvares só tinha metade para opor»¹⁰⁹.

Apesar da inferioridade numérica da hoste portuguesa, esta não se deixou amedrontar e, mesmo sabendo do risco, estava alerta para avançar a qualquer momento contra os castelhanos. Um dia, “sayndo Nunalurez das missas e teendo a messa posta pera comer ouue recado certo como os castellaãos eram entre Arrayollos e o Vymieyro e Euora Môte”¹¹⁰. Rapidamente, Nuno mandou tocar as trompetas para se formar o exército e,

¹⁰⁷ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 26.

¹⁰⁸ Cf. O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 156.

¹⁰⁹ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 156.

¹¹⁰ [S.N.], *Chronica do Conde de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXXIV, p. 84.

mesmo sem tomar a refeição, montou a cavalo e avançaram em direção ao exército inimigo, até uma quinta chamada da Oliveira, contudo sem sinais da presença dos castelhanos. A verdade é que a inferioridade numérica e a fome impunham a que se reorganizasse e apostasse numa atitude defensiva. Uma vez que não encontraram a hoste inimiga e, tendo em conta as adversidades, decidem pernoitar em Évora¹¹¹.

No outro dia, ainda de madrugada, partiram com o intuito de, desta vez, combaterem os castelhanos. Avançam cerca de duas léguas para norte, até ao lugar de Divor onde, finalmente, avistam os castelhanos. Rapidamente se organizam para dar início à batalha. Porém, os castelhanos decidem não avançar, talvez ainda com a memória da batalha Atoleiros bem presente. Optam por uma via mais diplomática e tentam, mais uma vez, convencer Nuno a passar para o lado castelhano. Para tal missão, enviam o Marechal de Castela, Garcia Gonçalves de Ferreira. Novamente a persuasão falha e Nuno dá a mesma resposta que já antes havia dado.

«Tinha ganho um dia, sem arriscar um lance temerário. Tinha ganho o perceber a hesitação receosa do inimigo. Não confiava na solidez das suas tropas. Por coisa alguma tomaria a ofensiva, e, não sendo atacado, retirou para Évora depois de ter estado dois dias, esperando»¹¹².

Estando então já em Évora, Nuno recebe uma carta proveniente do Mestre com um pedido muito claro e preciso. O Mestre queria que reunisse a gente que conseguisse no Alentejo e depois avançasse contra o rei de Castela, pois os sitiados estavam cada vez pior, com as gentes a passar cada vez mais necessidades e os recursos que tinham chegado do Porto, a muito custo, já tinham sido gastos. O objetivo era claro, atacar o exército castelhano em várias frentes, ou seja, por um lado o exército que Nuno conseguisse reunir e, por outro, aqueles que estavam encurralados em Lisboa. Rapidamente Nuno dá cumprimento ao pedido do Mestre e reúne o exército que consegue e partem em direção a Lisboa¹¹³.

Rapidamente chegam a Palmela e entram na cidade, uma vez que estavam pela causa do Mestre de Avis. Aí acenderam fogueiras para avisar Lisboa da sua chegada e presença nas imediações. Porém, esse método de comunicação não era propriamente o mais privado, ou seja, teve uma consequência previsível, mas que não seria a desejada: o facto de avisar também aquele que estava no castelo de Almada, de seu nome, Pero

¹¹¹ Cf. O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 156.

¹¹² O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 157.

¹¹³ Cf. R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, p. 367.

Sarmiento Castanheira (ou Castanheda). Castelo este que Nuno tinha como horizonte, pois se o conseguisse conquistar, obteria uma abertura no cerco para estabelecer contacto direto com a cidade de Lisboa e todos aqueles que lá estavam¹¹⁴.

Quando em Lisboa avistaram as fogueiras feitas em Palmela, perceberam rapidamente que seria Nuno, ao que responderam com o mesmo sinal: “e mandou acender muitas tochas no grande eirado dos paços d’El-rei, onde entonce pouzava, por os verem de Palmella, e elle dar a entender que via as suas lumiarias, e que lhe respondiam com aquelles lumes, pois outra falla haver não podia”¹¹⁵. Nova esperança corria nas ruas de Lisboa: finalmente uma boa noticia, Nuno e o seu exército, aquele grupo que os próprios castelhanos temiam, estava ali para ajudar a libertar a cidade, quer dos castelhanos quer da fome.

8. Levantamento do cerco de Lisboa

De um momento para o outro, as coisas mudam radicalmente, de uma forma que ninguém previa.

«Em Lisboa repetia-se o milagre. A peste bubónica chegara: dores de cabeça, náuseas, vômitos, hemorragias, delírios. Depressa os atingidos morriam, como que de podridão. Começara em Julho, subira em Agosto e, tendo dizimado os soldados, atingira agora os chefes. E aqui, como nos Livros Santos, também não chegava aos sitiados. [...] com dois mil mortos e a um ritmo de duzentos homens a adoecer por dia, o próprio D. João de Castela, temendo pela vida, decide levantar o cerco. Era o dia 3 de Setembro de 1384 e, antes de partirem, os castelhanos queimaram os arraiais»¹¹⁶.

Há quem aponte a retirada dos castelhanos para o dia cinco de setembro de 1384¹¹⁷. Durante o tempo da peste, os castelhanos chegaram a pensar fazer um pacto de paz de forma a libertarem-se do cerco e a poderem fugir das terríveis tormentas que estavam a sofrer. As condições que propunham ao Mestre eram que o reino ficaria com dois regentes, um por ele [pelo Mestre] e outro pelo rei de Castela. “O Mestre respondeu que não: havia de ele governar o Reino até a rainha D. Beatriz ter filho, segundo o tratado; haviam de os castelhanos retirar”¹¹⁸.

Sabendo Nuno do levantamento do cerco e que o rei estava em Palmela, decide ir para Lisboa. Decide escrever, ao Mestre dizendo-lhe para o esperarem. Vai até à Aldeia

¹¹⁴ Cf. O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, pp. 163-164.

¹¹⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CXLVII, p. 50.

¹¹⁶ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 140.

¹¹⁷ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 29.

¹¹⁸ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 168.

Galega, atual Montijo, e embarca num batel com destino a Lisboa. Faz questão de passar pelo meio das naus inimigas. Sendo noite e coberto nevoeiro a visibilidade era muito reduzida e os castelhanos não se apercebiam da presença do pequeno batel. Numa atitude provocatória, Nuno mandou tocar as trombetas quando passava pela linha inimiga. Estes, assustados, não percebiam quem era ou o que era, “Será o anjo da peste? Será a trombeta do juízo derradeiro chamando-nos também à morte?”¹¹⁹. Porém, quando se dão conta que se tratava do famoso Nuno Álvares Pereira já este tinha passado por eles e se encontrava longe.

Quando finalmente desembarca em Lisboa, vai ao mosteiro de São Domingos, à capela de Nossa Senhora da Escada, onde participa na eucaristia. Esta era uma das suas prioridades e, uma vez satisfeita, parte depois ao encontro do Mestre de Avis para assim também cumprir a outra necessidade¹²⁰.

Finalmente, após tantas vicissitudes vividas pelo Alentejo e por tudo aquilo que se passava em Lisboa, finalmente Nuno se encontra com o Mestre. Dá-se, enfim, o tão desejado encontro. Prontamente, mal avista o Mestre, abraçam-se e beijam a face. Logo em seguida, Nuno ajoelha-se na frente do Mestre para lhe beijar as mãos, ação esta que o Mestre não quis consentir. Porém, vendo que não conseguia demover Nuno de tal desejo, e querendo que este se levantasse, lá consentiu, embora não sendo de todo a sua vontade¹²¹.

Nuno ficou com o Mestre em Lisboa alguns dias onde procurava colocar o Mestre a par de tudo e simultaneamente escutar o futuro D. João sobre os seus intentos e intenções. Foram assim atualizando as informações sobre a situação real do país e tomando as providências necessárias para o futuro que prometia ser atribulado.

Já no dia cinco de outubro, dá-se um encontro na igreja de São Domingos “em que o Mestre de Avis expôs a situação e as dificuldades que ainda iam encontrar. Que eles mesmos – fidalgos e povo – tomassem as suas resoluções”¹²².

Tornara-se importante fazer uma nova aclamação do Mestre como Regente e defensor do Reino. Já se percebia que existiam personalidades que rapidamente mudavam de posição conforme as regalias que lhes eram dadas ou prometidas. Como tal, seria uma oportunidade de crivagem para perceberem quem estava realmente com o Mestre neste

¹¹⁹ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 171.

¹²⁰ Cf. O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, pp. 71-72.

¹²¹ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLIII, pp. 75-76.

¹²² M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 29.

momento. Isto seria importante para o futuro, como já veremos, pois já a partir daqui se começa a pensar no encontro nas Cortes de Coimbra¹²³.

É também neste momento que o Mestre confere a Nuno a capacidade de tudo fazer em seu nome. O Mestre faz com que Nuno tenha poderes para decidir em seu nome, desde coisas simples até às coisas mais complexas, tais como “pôr e depor alcaides, confiscar e doar terras, levantar e armar combates, pagar soldos, comandar na guerra”¹²⁴. Com todas estas manobras, o Mestre começa a montar toda uma teia política, pois sabe que vai precisar muito de todos os apoios possíveis e sólidos num futuro que se aproximava. Como tal, vai fazendo uma distribuição sábia dos bens que lentamente vai conseguindo, para aqueles que tomam parte o seu lado. Assim sendo,

“fora dando aos partidários, sobretudo aos mais antigos e fiéis, as terras que ia confiscando aos inimigos. E recompensara a fiel cidade de Lisboa, principalmente os mesteirais, que, a partir de Abril de 1384, veriam a sua presença reforçada no conselho municipal”¹²⁵.

O grande e principal objetivo era fortalecer a sua posição e daqueles que o rodeavam. É certo que os seus principais apoiantes não eram os grandes senhores, mas sobretudo os mesteirais – isto é, os que tinham trabalhos manuais, os artífices – também aqueles que pouco ou nada tinham, a chamada arraia-miúda. Assim sendo, aos poucos, o Mestre vai seguir uma política de recompensas e penalizações¹²⁶.

«E vai generosamente enobrecer e cumular de bens estes nobres-pobres, cavaleiros, escudeiros, filhos segundos, filhos bastardos, mercadores e homens honrados da burguesia de Lisboa e do Porto, que assim passam a constituir a sua base alargada de apoio»¹²⁷.

Todo este discurso não aliciava Nuno. Ele não tinha sido feito um político nato, mas antes um patriota e um patriota que via o Mestre fazer o que era preciso. Estava inquieto, queria ir combater os castelhanos, era essa a sua vontade e não estar como um mercador a distribuir território. Como tal, pede ao Mestre que o deixe partir novamente para ir saciar a sua vontade, ao que o Mestre inicialmente não cedeu¹²⁸. Contudo, Nuno insistia. Era urgente partir no enlaço dos castelhanos. Dada a persistência, mas também

¹²³ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 30.

¹²⁴ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 145.

¹²⁵ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 145.

¹²⁶ Cf. J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 146.

¹²⁷ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 146.

¹²⁸ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXXVI, p. 92.

porque o Mestre sabia que Nuno também tinha parte de razão, decide conceder-lhe aval pretendido.

9. Nova investida pelo território Português

Nuno Álvares rumou a Palmela a pedido do Mestre, e que o esperasse aí para então juntos combaterem o rei de Castela quando este fosse a passar em Chã-do-Couce, ou seja, à saída de Santarém. Porém, este, mais uma vez, já tinha passado num verdadeiro cortejo fúnebre, devido ao elevado número de mortos que levava. Assim sendo, acabou por escapar às intenções que Nuno e o Mestre¹²⁹. Posto isto, Nuno decide voltar a Évora, passando por Setúbal¹³⁰.

Tendo o rei de Castela conseguido escapar, importava agora consolidar a posição dos apoiantes do Mestre no território Português. Como tal era importante começar a conquistar as cidades que tinham voz por Castela. O rei de Castela tinha nomeado alcaides para as terras que o apoiam, ou seja, para as que estavam como que “regeneradas” com seus novos defensores. Era necessário, o mais rapidamente possível, conquista-las antes que começassem a organizar-se e a ganhar ainda mais força. O Mestre sabia que Lisboa estava cercada por cidades que tomavam partido do inimigo, o que era perigoso, mas acontecia um pouco por todo o território. A verdade é que a norte, em termos gerais, apenas o Porto tinha voz pelo Mestre e o mesmo acontecia com Lisboa.

«Ao todo, ficava [o rei de Castela] em Portugal com setenta e uma vilas e castelos, e guarnições de nove mil homens, dos quais metade seriam castelhanos, metade portugueses. [...] É verdade que o rei tinha todo o Norte, todo o centro de Portugal, mas não tinha Lisboa, nem o Porto: faltavam-lhes as chaves da cidadela lusitana. E o sul do Tejo não se pode dizer que o tivesse, porque nem tinha Évora, nem Beja, nem Estremoz, nem Portalegre»¹³¹.

Facilmente se percebe o porquê deste cenário a sul do Tejo, pois havia uma resistência liderada por um estratega de grande valor e que os inimigos começavam a temer seriamente. Contudo, não deixavam de existir vilas com voz por Castela, entre elas Portel. Outro alcaide era Fernão Gonçalves de Sousa¹³². Apesar de ter voz por Castela havia no seu interior quem apoiasse a causa portuguesa, em especial um clérigo de nome João Mateus. Pensando então num plano para conseguir o seu desejo, com a ajuda de

¹²⁹ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLIV, pp. 82-83.

¹³⁰ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 30.

¹³¹ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 177.

¹³² Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXXVII, p. 93.

alguns próximos, trata de fazer cópia das chaves que abriam as portas da vila e de as fazer chegar a Nuno para que este pudesse entrar com facilidade.

Quando tal plano chegou ao conhecimento de Nuno,

«Nuno Alvares lh'o agradeceu muito, como aquelle que havia grande despeito porque estava Portel por Castella, e porque era logar de sua fonteir, e onde elle muito comarcava, disse que se trabalhasse de o poer em obra, e que o Mestre lhe faria por ello muitas mercês»¹³³

e assim a estratégia ganha como que autorização para se desencadear. Quando tudo se cumprira tal como planeado, os Portugueses fazem-se à vila de Portel e rapidamente conseguem entrar e tomar conta da vila. Cruzando-se com o alcaide, Fernão Gonçalves de Sousa, este perguntava quais seriam as condições da sua rendição, sua e dos seus, pois percebera que seria a única saída. Nuno pergunta-lhe o que propõe, ao que este responde, que se o deixasse ir salvo que lhe entregaria o castelo, pedido ao que concordou e fez jura de que sairiam ilesos¹³⁴. Desta forma, os castelhanos partiram ilesos para Castela. Relata Fernão Lopes que enquanto o alcaide de Portel, Fernão Gonçalves ia embora reclamava fazendo troça da mulher dizendo-lhe

«Andae, andae por aqui boa dona, iremos bailando, vós e eu ao som d'estas trombetas, vós por puta velha e eu por vilão, que assim o quizeses vós, ou cantemos d'esta guisa: pois Maria bailou, tome o que ganhou, melhor era Portel e Villa Ruyva que não Cancellia e Segura, tome o que ganhou, dona puta velha»¹³⁵

e, assim, Portel ficou finalmente do lado do Mestre de Avis e da sua causa.

Nuno parte para Évora, quando na segunda quinzena de dezembro de 1384, chegam-lhe informações de que algumas pessoas importantes de Elvas queriam entregar o Castelo, que estava do lado da causa portuguesa, aos inimigos. Com ele foi também o seu irmão Fernando Alvares Pereira e é nesta deslocação que Nuno se apercebe que o seu irmão tinha ficado com a espada do alcaide de Portel, algo que o deixou muito triste pois ia contra o juramento anteriormente feito.

Chegados a Elvas, o futuro Condestável, com a sua sabedoria e retórica, consegue persuadir os habitantes de que o lugar certo era ao lado do Mestre, o lado português. Com facilidade consegue persuadir a maioria e expulsar os demais.

¹³³ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLVII, pp. 92-93.

¹³⁴ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXXVII, p. 95.

¹³⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLVIII, p. 97.

Neste percurso, passam perto de Vila Viçosa, que tinha voz por Castela. Rapidamente começam a desejar Vila Viçosa para os portugueses, tal como desejaram Portel, pois estava ali no meio de cidades com voz pelo Mestre, se se não conseguissem conquistar, mais tarde ou mais cedo poderia piorar a situação. Vila Viçosa tinha por alcaide castelhano Vasco Porcalho, comendador-mor de Avis, um homem com importância dentro de Castela, equipado com cerca de cento e cinquenta lanças.

Estando Nuno Álvares em Elvas, estranhamente recebe quatro homens vindos de Vila Viçosa pedindo para que os portugueses fossem conquistar Vila Viçosa. Pois estes se encarregariam de arranjar uma forma de os portugueses conseguirem entrar facilmente. Nuno acreditou na proposta destes pois pensava que havia bons portugueses em todos os lados e esta forma de agir não era de todo nova¹³⁶.

Prontamente, como é costume de Nuno, não gosta de perder muito tempo, pois sabe que o tempo é que lhe permite a surpresa. Prontamente, prepara essa mesma conquista, mal imaginando o que o futuro lhe reservava. Partindo em direção a Vila Viçosa, sucede que haste da bandeira se quebrar: mau agoiro, dizia-se e regressaram a Elvas para uma nova partida. Numa segunda tentativa, organiza a conquista indo à frente o seu irmão, com o seu escudeiro, juntamente com Álvaro Coitado. Seguiram à frente, de cavalo, equipados com os seus bacinetes¹³⁷, em direção à conquista que se previa relativamente fácil. Foi então que, estando eles no local combinado, “E como assy lançarão per a porta: derõ logo com huu grande canto ante que entrassem ao Fernam Pereyra que lhe escacharõ o bacinete: e a cabeça: e foy logo morto”¹³⁸. Quer Fernando Pereira, irmão de Nuno, quer o seu escudeiro, ambos são mortos e Álvaro Coitado é ferido e capturado. Tinham sido atraídos.

Quando Nuno Álvares teve conhecimento do sucedido quis investir contra Vila Viçosa, contra esse tal alcaide Vasco Porcalho. Porém, os seus percebem que era uma atitude de todo insensata, pois não conseguiam ter capacidade de resposta para essa vila. Perceberam que era a dor e o sofrimento de Nuno a falar e não o seu génio militar. “Sucumbido, retirou para Borba, com as víboras do remorso a morder-lhe o peito”¹³⁹. Já em Borba manda pedir o corpo de seu irmão para lhe dar uma sepultura digna, sepultura essa que se realiza no mosteiro de São Francisco em Estremoz¹⁴⁰.

¹³⁶ Cf. [S.N.], *Chronica do Condeta bre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXXVIII, pp. 96-97.

¹³⁷ Capacete de ferro.

¹³⁸ [S.N.], *Chronica do Condeta bre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXXVIII, p. 98.

¹³⁹ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 180.

¹⁴⁰ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXII, p. 137.

Com o desejo de conquistar Vila Viçosa, por vários motivos como temos vindo a ver, decide pôr cerco à cidade,

«e jouve sobre ella por espaço de tempo, tirando-lhe de noite e de dia com aquelle engenho, e escaramuçando e combatendo não lhe pôde fazer o nojo que elle desejava, porque na villa era boa gente de castellãos e de portuguezes com grande avondança de mantimentos, que a defendiam»¹⁴¹.

O cerco revelara-se uma tentativa falhada e só restava ao exército português ir para uma cidade que tivesse voz por Portugal. Foram então para Estremoz, mas não esquecendo o seu prisioneiro, ou seja, não desistindo de recuperar Álvaro Coitado, que continuava nas mãos dos castelhanos. Até que uma noite, estando eles em Estremoz, têm conhecimento que Vasco Porcalho, alcaide de Vila Viçosa, ordenara que levassem Álvaro Coitado para Olivença, que também tinha voz por Castela, para posteriormente o levarem ao rei. Combinando assim o seu resgate,

«Os portuguezes derom de topo nos castellaãos: e os castellãos fugiram logo: e desempararõ Aluaro Coytado. E os de Nunalurez o tomarom e leuarõ consigo a Nunalurez a Estremoz: cõ o qual Aluaro Coytado Nunalurez ouue gram prazer: quãdo assy vyo fora das mãos de seus jmijgos: e deu muytas graças a Deos»¹⁴².

Decidem então regressar a Elvas, onde ficam por pouco tempo, pois decidem ir para Lisboa com 60 cavaleiros¹⁴³. É aqui, quando está em Lisboa, que recebe a notícia de que “o Mestre [estava] ameaçado em Torres pelas forças reunidas em Santarém, de Óbidos e de Sintra”¹⁴⁴. Como se adivinhará, Nuno vai para Torres Vedras para auxílio do Mestre. Pelo caminho, tem conhecimento de uma conspiração contra o futuro D. João. Esta conspiração não era de um, antes de um conjunto de ilustres que estavam relativamente próximos do Mestre e que, combinando com João Duque, queriam o fim da rebelião portuguesa.

«Em esto começou-se a dizer e afirmar que Diogo Gomes Sarmento, que estava em Santarem com quatrocentas lanças, e Vasco Pires em Alemquer com cento e cinquenta, João Gonçalves em Obidos com cento e o conde D. Henrique em Cintra com outro cento, que estes capitães tinham falla feita com João Duque e com este D. Pedro que dissemos, que uma noite supitamente

¹⁴¹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXII, p. 137.

¹⁴² [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XL, p. 100.

¹⁴³ Cf. R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, p. 371.

¹⁴⁴ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 182.

dessem todos sobre o Mestre como tinham ordenado, e que morto ou preso ou desbaratado não lhe podia escapar»¹⁴⁵.

O Mestre, quando teve conhecimento de tudo isto, no dia oito de janeiro de 1385, tomou medidas para a conjura não alastrasse a outros ilustres, ou que a notícia corresse o Reino e desse a sensação de impunidade. Mandou chamar o e prender o conde D. Gonçalo, o seu filho D. Martinho e Aires Gonçalves, enviando-os para Évora, ao cuidado de Vasco Martins de Melo.

O conde D. Pedro, João Afonso de Beça e D. Pedro de Castro, sabendo da prisão dos seus aliados na conspiração, fugiram para os castelhanos que se encontravam em Santarém. Diferente sorte teve Garcia Gonçalves, que foi queimado vivo¹⁴⁶.

Como resposta,

«Em todo esto vendo João Duque como queimavam Garcia Gonçalves, com grande menencoria que d'ello houve, mandou tomar uns seis ou sete portuguezes, homens trabalhadores, que tinha presos, e mandou-os todos decepar das mãos e fanar dos narizes, e poer todos as mãos ao collo d'um d'elles, e mandou-os assim ao Mestre, o qual vendo sua desmesurada crueldade, mandou lançar no fundo do engenho, dentro da villa, os prisioneiros que tinha castellãos»¹⁴⁷.

Entretanto, o futuro Condestável chegara junto do Mestre que “[...] sayo a receber: e o mãdou be apousentar”¹⁴⁸. Enquanto tudo isto sucedia, o alcaide de Alenquer, Vasco Pires, voltava novamente para o lado de Castela, deixando assim de ser mais uma voz pelo Mestre¹⁴⁹.

Apercebendo-se que não estava a ser fácil tomar o castelo de Torres Vedras e vendo o tempo passar sem obter sucesso, o Mestre fala com Nuno sobre a necessidade de irem em breve para Coimbra pois era onde se iam juntar os fidalgos e os conselhos do reino para debaterem o futuro do reino de Portugal.

Quando as pessoas, muitas vezes denominadas de “araia-miúda”, que eram os mais frágeis da sociedade, maioritariamente famintos e sem qualquer poderio económico, souberam que os portugueses iriam levantar o cerco a Torres Vedras, começaram a aglomerar-se junto dos soldados com o intuito de se juntarem à causa. Estavam

¹⁴⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXVII, pp. 153-154.

¹⁴⁶ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXVII, pp. 154-155.

¹⁴⁷ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXVIII, p. 158.

¹⁴⁸ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 101.

¹⁴⁹ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXIX, pp. 161-164.

convencidos de que com o Mestre haveria alimento com maior facilidade. Além do mais, também viam os castelhanos como inimigos. Entre este grupo,

«porque até um cego que morava no arrabalde, ouvindo como o Mestre se partia d’este geito com aquellas gentes, começou de bradar grandes brados, rogando por Deus que o levasse consigo e não ficasse em poder de tão más gentes. Nuno Alvares quando esto ouviu, movido com dó e piedade d’elle, mandou que lh’o pozessem nas ancas da mulla em que ia, e d’esta guisa foi com os outros»¹⁵⁰.

Uma atitude pouco comum para estes guerreiros. Porém, Nuno Álvares Pereira não era um mero guerreiro, mas alguém com “piedade e zelo, dignos apenas do seu valor heroico e nobre coração”¹⁵¹.

10. A eleição de D. João I

No caminho para Coimbra passaram pelo Cadaval, ao lado de Óbidos, uma vez que se pronunciava pelos castelhanos e por Leiria, que lhes fechou as portas até chegarem a Coimbra¹⁵². Quando entravam em Coimbra, umas pequenas crianças mostravam o seu contentamento pela chegada da hoste portuguesa e, principalmente, pela vinda do Mestre, aclamando-o dizendo “em bõa ora venha o nosso rey”¹⁵³. Seria um prenuncio do futuro? Porque tinham as crianças, na sua inocência, aquela ideia? Quem a tinha incutido?

A verdade é que

«Quando o Mestre chegou acerca d’ella [Coimbra], viu estar a porcição, desceu-se elle e todos os outros das bestas, e humildosamente fincou os giollos em terra e beiou a cruz, e veiu-se de pé com a porcição, e entrou pela cidade com gran festa e prazer que com ella vinham, e levaram-n’o aos paços da Alcaçova onde havia de pousar. E foi esto no mez de março, uma sexta feira, tres dias andados d’elle, da era já nomeada [1385]»¹⁵⁴.

Dá-se então início às Cortes em Coimbra. Todos os participantes tinham a clara noção da importância e das consequências que poderiam sair daqui. Porém, também sabiam que era de extrema necessidade a sua realização. A incerteza política que pairava em Portugal estava a ter consequências nefastas para todos.

«As Cortes convocadas traziam, porém, claro o sentimento de serem uma assembleia nacional, base de todo o poder político, transferido pela crise para

¹⁵⁰ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXX, p. 165.

¹⁵¹ R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, p. 371.

¹⁵² Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXX, p. 166.

¹⁵³ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 102.

¹⁵⁴ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXI, p. 170.

a nação; pois que as velhas fórmulas do direito oriundo da ascendência e firmado na homenagem, a constituição aristocrática herdada pelos tempos antigo, tinham miseravelmente naufragado no esfacelamento dos últimos anos, arrastando o Reino a guerras insensatas e lançando a Corte num abismo de abjecção»¹⁵⁵.

Convinha decidir o futuro do Reino, mas quem deveria de ser o Rei? Para isso “aquela quase centena e meia de homens que ali estava – religiosos e leigos, bispos, nobres, homens bons das cidades e vilas, mesterais – ia, como assembleia do reino, decidir quem deveria ser o rei legítimo”¹⁵⁶.

Os prelados presentes seriam D. Lourenço arcebispo de Braga – militante desde a primeira hora pela causa do Mestre –, D. João bispo de Lisboa, D. Lourenço bispo de Lamego, D. João bispo do Porto, D. João bispo de Évora, D. Frei Rodrigo bispo de Coimbra, D. Frei Vasco bispo da Guarda, o prior de Santa Cruz e o abade de S. João de Alpendorada¹⁵⁷. Estavam também vários fidalgos com relevo social e alguns procuradores, representando as suas cidades.

O conselho era presidido por João das Regras, “notável barão, homem de perfeita auctoridade e cumprindo boa sciencia, mui grande letrado em leis, chamado doutor João das Regras, cuja sotilidade e clareza de bem fallar entre os letrados é teudo em conta”¹⁵⁸. A ele foi incumbida a tarefa de moderar e expor o pensamento de forma a se chegar a uma decisão o mais consensual possível. Naturalmente que a linha do seu pensamento seria fazer o Mestre rei.

«Se em Nun'Álvares tinha a monarquia nova a sua espada, enflorando o cesarismo democrático com a açucena da Cavalaria, e prendendo assim, poeticamente, ao passado aristocrático, a revolução popular; João das Regras era a pena e a voz de um regime diverso, politicamente forçado a pactuar com a tradição bárbara dos privilégios medievais, fundados na consanguinidade, mas essencialmente sectário do regalismo, pela doutrina clássica da soberania do povo representado simbolicamente na pessoa do príncipe. Os dois pilares da monarquia nova, a Cavalaria e o Cesarismo, humanizados de um modo eminente e singular em Nun'Álvares e em João das Regras, eram constitucionalmente contraditórios»¹⁵⁹.

Era a grande base do Mestre, estes eram os seus dois principais Pilares. Assim, é iniciado o grande discurso de João das Regras com a grande temática que pairava na

¹⁵⁵ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 185.

¹⁵⁶ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 151.

¹⁵⁷ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXII, p. 172.

¹⁵⁸ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXIII, p. 173.

¹⁵⁹ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 189.

cabeça de todos: Quem seria o herdeiro do trono por direito? Haveria algum sucessor legítimo? Não seria conveniente, antes de se escolher um rei, primeiro dar alguma paz ao reino?

Estas eram as questões que povoam a cabeça de todos. Estas eram as questões que João das Regras teria que esmiuçar e tentar apontar algumas respostas. Logo para começar, seria mesmo oportuno escolher neste momento o rei? Não seria melhor primeiro apaziguar os confrontos existentes? Rapidamente João das Regras respondera que era necessário, antes de tudo, encontrar quem os defendesse, pois sem isso seria impossível encontrar sossego¹⁶⁰.

Posto isto, João das Regras começa a elencar os possíveis herdeiros do trono, ou possíveis elegíveis para governar o reino português. À cabeça desta lista encontramos o rei de Castela,

«o qual era primo co-irmão d’el-rei D. Fernando, em cujo parentesco não é de poer duvida, ca el-rei D. Fernando era filho de D. Constança, mulher que foi d’el-rei D. Pedro de Portugal, e este rei de Catella é filho de D. Joanna, mulher que foi d’el-rei D. Henrique, e ambas irmãs filhas de D. João Manuel; e assim eram primos co-irmãos, filhos de duas irmãs. E além d’esto elle está casado com D. Beatriz, filha lidima do dito rei D. Fernando, que foi postimeiro possuidor d’elles, e assim herdeiro dos ditos reinos, e isso mesmo el-rei seu marido por bem de tal casamento»¹⁶¹.

Porém, continua o autor, o rei de Castela, além de ser um rei que não apoiava o Papa Urbano, não devia ter a primazia do trono de Portugal, uma vez que havia herdeiros mais próximos, ou seja, os irmãos. Contudo, será que poderia herdar como genro, uma vez que era casado com D. Beatriz? Também não, pois

«A rainha D. Beatriz, mulher que era d’el-rei de Castella, não era lidimamente nada, ca sua madre, ao tempo que cazou com el-rei D. Fernando não podia casar com elle, e per direito tal casamento era nenhum. Tão pouco póde ser a filha legitima pera suceder, nem poder herdar. [...] Certo é que a rainha D. Leonor, antes que casasse com el-rei D.Fernando, não podia casar com elle, e por direito tal casamento era nenhum, ca ella fôra casada com João Lourenço da Cunha»¹⁶².

Na lista de sucessão era oportuno olhar agora para os filhos de D^a. Inês de Castro com D. Pedro. Seriam os infantes D. João ou D. Dinis as pessoas mais indicadas para ocupar o trono? João das Regras, para esmiuçar um pouco este tema, começa não por

¹⁶⁰ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 191.

¹⁶¹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXIII, p. 175.

¹⁶² F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXIV, p. 177.

falar dos infantes, mas antes da relação entre D. Pedro e D^a. Inês. Seria D^a. Inês era esposa legítima de D. Pedro? Questiona João das Regras. Segundo ele, não era. Quando D. Pedro era infante, este recusara-se contrair o matrimónio com D. Inês por ela ser bastarda. E, durante a vida de seu pai, Afonso IV, nunca se constou no reino que o seu filho teria casado com D. Inês. Além do mais, os seus filhos, os infantes D. João e D. Dinis, nunca foram denominados infantes, até à subida de D. Pedro ao trono, argumenta João das Regras. Para concluir tal discussão, diz que a declaração póstuma do casamento tinha várias incongruências, como por exemplo “não se lembrando do mez nem do dia”¹⁶³, que remata dizendo “Ora vêdes vós, valha Deus, que historia esta pera nenhum sezudo haver de crêr”¹⁶⁴. Já para não aprofundar o facto de “como podia el-rei ser lidimo marido de sua comadre, madrinha de seu filho; certamente não podia ser”¹⁶⁵.

João das Regras faz uma pausa no seu discurso. Uma pausa estratégica para deixar os intervenientes refletirem para permitir os intervenientes chegarem a uma conclusão de suma importância. Conduziu-os de forma a dar-lhes a falsa sensação de que sozinhos chegariam à brilhante ideia, que aqueles que eles possivelmente poderiam ter na ideia como possíveis sucessores da coroa, esses mesmos, era muito fácil demonstrar que não seriam assim sucessores tão óbvios, pelo contrário, não faltam argumentos para facilmente desfazer essa ideia.

Porém, mesmo assim, havia quem se opusesse ao óbvio. Ou seja, havia quem não concordasse com a conclusão óbvia de que o Mestre seria a escolha mais correta para assumir a coroa, isto é, que o Mestre fosse o futuro rei de Portugal. A grande voz desta discordância era Martim Vasques. Este, Martim Vasques, era a favor de que o rei fosse o infante D. João, em relação à eleição do Mestre dizia,

«Vós podeis fazer o que vos pagardes, e fazerdes quem quizer rei, ca eu em homem sou e pouco valle minha voz, e quem vós fizerdes rei, eu o servirei e ajudarei a defender o reino até morrer, mas que eu consinta que o seja o Mestre, esto nunca o hei de dizer»¹⁶⁶.

O jovem Nuno Álvares Pereira assistia a todo este discurso e jogo de palavras com alguma impaciência pois para ele tudo isto não era necessário. Para o futuro Condestável bastava concretizar o mais óbvio, que era fazer o Mestre rei sem se gastar tempo com o teatro político. Incomodava-o de forma especial Martim Vasques, que se opunha

¹⁶³ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXVI, p. 189.

¹⁶⁴ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXVI, p. 189.

¹⁶⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXVII, p. 193.

¹⁶⁶ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXVIII, p. 196.

claramente ao seu desejo e aquilo que ele achava óbvio. Importunado, diz ao Mestre: “Ora senhor, disse Nuno Alvares, vós tendes aqui outro que seja contra vosso serviço nem que torve de vós serdes rei, salvo este roncador de Martim Vasques, se vós quiserdes eu vos despacharei de seu estorvo”¹⁶⁷. Naturalmente o Mestre, mais prudente, repreende Nuno para que este esteja quieto e não provoque qualquer contenda naquele contexto. Além do mais o Mestre tinha perfeita noção da importância que Vasques tinha, não fosse ele o grande senhor das Beiras.

Posto isto, João das Regras, depois de demonstrar que os possíveis candidatos iniciais não colhiam as condições necessárias para tal, começa por explicar as condições que o futuro rei de Portugal deveria reunir,

«E digo brevemente, segundo os sábios recontam, que entre as outras cousas que em elle ha-de haver, deve ser de boa linhagem e de gran coração pera defender a terra, des-ahi que haja amor aos súbditos, e com isto bondade e devoção. Ora que estas condições sejam achadas no Mestre nosso senhor, que temos em vontade pera eleger, assaz é visto claramente como todos bem sabeis»¹⁶⁸.

Começa então João das Regras a demonstrar que o Mestre possuía as condições e as qualidades para governar o reino. O Mestre era alguém dotado de um enorme cuidado e carinho para com os súbditos. Era também de boa linhagem, uma vez descendia do Rei. Da sua coragem ninguém duvidava, já o tinha demonstrado várias vezes. A fama da sua bondade também já corria na boca das pessoas. Defendera o reino com grande afínco. Ou seja, para João das Regras era a pessoa mais indicada para assumir a coroa: “Assim que pelas cousas que vemos até agora, este D. João, Mestre d’Aviz, que tanto trabalhou por honra e defesa d’estes reinos, é apto e pertencente, e merece esta honra e estado de rei”¹⁶⁹, afirmava o doutor das Regras. E continuava dizendo,

«E portanto, pois que é serviço de Deus e prol e honra da Santa Egreja pera não sermos destruídos de nossos inimigos e ella vir em mãos de scismaticos, com um amor e propósito com o nome de Deus, que é Santa Trindade, Padre, Filho e Espirito Santo, nomeâmos e escolhemos na melhor maneira que póde ser, este S. João, filho d’el-rei D. Pedro, por rei e senhor d’estes reinos, e outhorgamos-lhe que se chame rei e mande fazer no regimento e defesa d’elles todas as cousas que pertencem ao officio de rei, segundo costumaram de o fazer aquelles que o até aqui foram»¹⁷⁰.

¹⁶⁷ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXVIII, p. 198.

¹⁶⁸ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXI, pp. 210-211.

¹⁶⁹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXI, p. 211.

¹⁷⁰ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXI, pp. 211-212.

Estava a grande missão de João das Regras cumprida. Era o momento de comunicar a decisão ao Mestre, era o momento de finalmente coroar D. João como Rei de Portugal.

«Havido tal acordo como dissemos, os prelados e fidalgos e procuradores dos concelhos todos juntamente foram então a elle e lhe pediram por mercê e requereram, que lhe prouguesse consentir em esta eleição que feito haviam e quisesse aceitar e tomar em si o nome e dignidade e honra de rei»¹⁷¹.

Porém, acontece algo inesperado. Aquele a quem quase todos aclamavam como Rei, aquele em quem os representantes do povo português viam como sucessor da coroa portuguesa, o Mestre de Avis, num primeiro momento não aceita tal honra. Para o Mestre, ele não reunia as condições necessárias. Contrariamente à opinião geral, “sentia em si que não era nem podia ser sufficiente para receber nem soffrer em si tal hora e dignidade como era o regimento real”¹⁷². Não se limitava a dizer que não era o seu destino ser rei, argumentava com as causas que o levavam a tal decisão.

Para o Mestre, não podia ser Rei pois tinha “embargos assim no defeito de sua nascença, como na profissão”¹⁷³. Ou seja, o Mestre alega que não podia ser rei devido à sua bastardia, algo com bastante preponderância na altura, e o facto de ser clérigo da Ordem de Avis, que lhe iria impedir casar e ter descendência. No que diz respeito ao combate do rei de Castela, dizia ele que por aí não era necessário ser rei, pois que iria continuar a desempenhar a sua função, defendendo o território português dos castelhanos enquanto as suas forças o permitissem.

Toda esta retórica teve consequências naqueles que o escutavam atentamente: “Entonce todos os fidalgos e prelados e procuradores dos concelhos houveram grão nojo e desconforto de tal resposta”¹⁷⁴. Porém, não desistiram do seu objetivo, alegando que esses argumentos não seriam entrave à sua nomeação, pois, como demonstrara João das Regras, no que se refere à bastardia, continuaria a ser a pessoa mais indicada para a função e, no que se refere à questão de ser clérigo, “Insistiram: na Igreja havia remédio para tudo”¹⁷⁵.

Além de tudo isto, todos os participantes nestas Cortes de Coimbra também tinham clara noção de que o eventual recuso do Mestre poderia trazer problemas futuros.

¹⁷¹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXII, p. 212.

¹⁷² F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXII, p. 213.

¹⁷³ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXII, p. 213.

¹⁷⁴ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXII, p. 213.

¹⁷⁵ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 194.

Alegaram ainda que era preciso combater os cismáticos, numa clara alusão aos castelhanos, e, usando todos os trunfos, defendiam que teria que aceitar para o bem de todos os portugueses, para o bem de todos aqueles que estavam ali reunidos e também pelo próprio Papa Urbano VI.

Então, depois de todo este desenrolar da trama política, o Mestre decide aceitar tal nobre missão, a de ser rei.

«E quando o Mestre viu seus aficados rogos, e considerando as grandes necessidades do reino e suas boas vontades e offerecimentos, entendeu que prazia a Deus de o ser, pois se tanto aficavam a esto, como quer que lhe fosse grave de fazer, por as razões que dissera, houve em ello de consentir, e disse que pois se de outra guisa fazer não podia, que elle acceitava sua eleição e dignidade real de rei pera defender o reino, com aquelles offerecimentos que lhe por elles eram feitos, em honra e reverencia do Santo Padre e da Sé Apostolica de Roma»¹⁷⁶.

Era então momento de preparar tudo para D. João subir ao trono. Incumbido desta missão, ficou Nuno Álvares Pereira. Finalmente, o que pretendia estava a realizar-se. Ia dizendo àqueles com quem estava que “D’esta vez meu senhor o Mestre será rei a prazer de Deus, e a pezar de quem pezar”¹⁷⁷.

Assim aconteceu. No dia seis de abril de 1385, em Coimbra, o Mestre de Avis é aclamado como Rei Dom João I de Portugal, precisamente um ano depois da Batalha dos Atoleiros.

¹⁷⁶ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXII, p. 215.

¹⁷⁷ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXII, p. 215.

CAPÍTULO II

O CONDESTÁVEL NUNO: UM HOMEM AO SERVIÇO DO REINO

Agora que o Mestre se tornara rei de Portugal, estava no momento de começar a exercer as suas funções. Era necessário nomear os principais cargos do reino português. Logo no dia seguinte, ou seja, a sete de abril de 1385, começou a fazer nomeações. Entre elas destaca-se, naturalmente, a de Nuno Álvares Pereira, “E sendo já Rey por prazer a Deos: e por seus merecimentos: elle fez logo seus Condeestabre a Nunalurez: fazendolhe suas cirimoniaias: segundo ao officio pertece: muy honradamente”¹⁷⁸. Assim é Nuno nomeado, desde este dia, Condestável e mordomo-mor do reino português¹⁷⁹.

Era também necessário confirmar os privilégios que D. João houvera prometido a Lisboa aquando do cerco, algo que também fez¹⁸⁰. Porém, não havia apenas boas notícias para a cidade. Por um lado, o rei D. João I, tinha concedido alguns privilégios, e “chegara ao Tejo uma nau e uma barca, vindas de Plymouth, com duzentas lanças e duzentos archeiros ingleses”¹⁸¹ para ajudarem os portugueses a combater os castelhanos.

1. Reconquista do norte

Por outro lado, os castelhanos estavam a vir novamente em direção a Lisboa. Estava ainda bem presente na memória o sofrimento pelo qual passaram aquando do cerco de Lisboa e “no Tejo, tinham agora os castelhanos uma pequena frota de dez galés de observação, mantendo um bloqueio”¹⁸².

Quando todos estes desenvolvimentos chegaram aos ouvidos do rei, que estava ainda em Coimbra, e naturalmente do seu Condestável, logo este pediu autorização ao soberano para os vir combater, “E elrey lhe respondeo q lho guardardecia muijto: dizendo q aquella era a sua vontade ajnda q lho ataa entom nõ disse. E lhe deu logo recado pera a cidade do Porto pera hijr armar e hijr pelejar cõ a frota”¹⁸³. O objetivo do rei, ao mandar o Condestável para o norte, era, além de recrutar tropas, obter mantimentos e tudo aquilo

¹⁷⁸ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLII, p. 104.

¹⁷⁹ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 33.

¹⁸⁰ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. II, p. 16.

¹⁸¹ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 196.

¹⁸² O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 196.

¹⁸³ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLIII, pp. 104-105.

que pudesse ser útil, além disso “com intenção de cobrar alguns lorares, dos que n’aquella comarca d’entre Douro e Minho tinham voz por el rei de Castela”¹⁸⁴.

Estando o rei a planear tudo isto, “chegou-lhe recado de Lisboa como da frota d’el-rei de Castella era já gran parte ante a cidade, e que mui cedo seria hi toda”¹⁸⁵. Era então indispensável que o Condestável partisse rapidamente pois avizinhavam-se confrontos muito brevemente. Quando Nuno Álvares chega ao Porto, encontra-se com a sua esposa e sua filha, D^a. Leonor e D^a. Beatriz, respetivamente, que tinham vindo recentemente de Guimarães, com a ajuda de Gonçalo Pires Coelho, familiar de D. Leonor. Esta mudança deve-se a Guimarães ter voz por Castela e como tal não estariam lá em segurança¹⁸⁶.

O Condestável sabia que não estava numa simples visita à sua família, ou numas merecidas férias. Sabia que era tempo de árduo trabalho e dedicação ao Rei e ao reino português. Não era tempo para grandes descansos. Uma vez que estava no Porto e seria necessário percorrer os caminhos do Minho, decide ir “em rromaria a Santiago de Gallizia”¹⁸⁷. A decisão não é aleatória nem descabida. São apresentadas três razões para tal:

«a primeira por fazer serviço a Deus, a segunda porque todos os logares d’aquella comarca estavam por Catella, e trabalhar de tomar alguns, a terceira porque a mor parte dos seus iam desencavalgados e vêr se os poderia encavalgar por a terra que é de muitas bestas»¹⁸⁸.

Do Porto, com as suas gentes, decide passar por Leça onde fica a pernoitar. No dia em que começa nova jornada a sua azémola morre. Numa época bastante supersticiosa, todos pensavam que era mau agoiro que talvez não fosse boa ideia partir, pensavam e diziam eles. Contudo, o Condestável, decidido, pede para mudar a carga para outro animal e continuar o seu caminho. Posteriormente, veio-se a descobrir que não era nenhum sinal do “destino”, antes “O espirito maglino tomou hy home: e falou delle muytas cousas: antre as quaes disse «que elle matara aquella azêmela: cuydãdo que polla morte della o Condestabre nom fosse adiante”¹⁸⁹. Sem qualquer precalço Nuno chega a Leça. Aqui juntam-se ao seu pequeno grupo de combatentes cerca de quarenta homens.

¹⁸⁴ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. II, p. 27.

¹⁸⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. II, p. 28.

¹⁸⁶ Cf. [S.N.], *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLIII, p. 105.

¹⁸⁷ [S.N.], *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLIII, p. 105.

¹⁸⁸ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. V, p. 29.

¹⁸⁹ [S.N.], *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLIII, p. 106.

Ao longo do caminho, também lhe iam entregando animais, de forma a que os seus homens deixassem de ser homens-de-pé, mas antes cavaleiros.

De Leça foi ao encontro do castelo de Neiva, castelo este que, com algumas escaramuças, consegue conquistar aos castelhanos e trazer para a causa portuguesa. O mesmo destino tiveram também a cidade de Darque e de Viana. Sendo que a de Darque ofereceu menos resistência, ou melhor dizendo, a própria cidade de Darque se entregou por completo aos portugueses, sem necessidade de combate. No mesmo sentido, também as cidades de Vila Nova de Cerveira, Caminha e Monção acabaram por se juntar à causa de D. João I¹⁹⁰.

Na tentativa de continuar a sua jornada em direção a Compostela, viu-se travado por um rio que ia com grande caudal. Ficou algum tempo numa pequena aldeia, talvez em Valença¹⁹¹. É aqui que Nuno recebe a chamada do rei para vir para a cidade de Braga. Enquanto o Condestável andava pelo Minho, D. João veio também até ao Porto e daí tomou, com dificuldade, de assalto a cidade de Guimarães. A cidade de Braga, ao ver tudo o que se passava em redor percebe que o melhor seria passar já para o lado de Portugal para evitar que uma batalha pudesse causar muitos estragos. O rei, por sua vez, achou que o melhor era aproveitar essa oportunidade e ninguém melhor para aceitar a cidade que o Condestável. Porém, em Guimarães, a questão não estava ainda resolvida pois, se a cidade já tinha voz por Portugal, o mesmo não se podia dizer do castelo.

Assim sendo, Nuno parte para Braga, mas “Como os do castelo não se quisessem render, combateram-nos durante duas noites e um dia, sem cessar. No terceiro dia foi assinada a capitulação”¹⁹². Uma vitória importante para Portugal, pois as últimas conquistas, Braga e Guimarães, permitiram a D. João I ter maior apoio, quer económico quer humano.

Como a questão do castelo de Guimarães tardava em se resolver e como o Condestável já estava em Braga, o rei mandou-o chamar a Guimarães, numa tentativa de tomar finalmente o castelo. A empresa não teve sucesso. Após muita pressão, quer física quer diplomática, o castelo só acabaria por se render no início de junho de 1385¹⁹³.

Mas antes ainda dessa rendição, e após Nuno Álvares ter ido a Guimarães e ter voltado para Braga, o rei teve conhecimento de que alguém facilitaria à hoste portuguesa

¹⁹⁰ Cf. O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 199.

¹⁹¹ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 34.

¹⁹² M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, pp. 35-36.

¹⁹³ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 36.

a entrada e tomada da cidade de Ponte de Lima. Mesmo estando em curso o cerco a Guimarães, o rei, juntamente com o Condestável e outras individualidades, decide colocar em prática o plano de conquistar Ponte de Lima. Apesar de alguma resistência defensiva a cidade acaba por cair nas mãos dos portugueses¹⁹⁴. Daí, passando por Braga, onde o rei foi hóspede do Condestável, voltaram para Guimarães, onde finalmente se dá o termo ao cerco com a rendição do castelo.

2. Expedição pelo sul ao encontro dos invasores

Enquanto tudo isto acontece, o rei de Castela não estava propriamente descansado nem tinha desistido de Portugal. No sul do território português, uma hoste de castelhanos havia roubado e saqueado Almeida, Pinhel, Trancoso e Viseu. Contudo, os fidalgos da Beira, que anteriormente tinham dificultado a eleição de D. João I, os famosos *roncadores*, desta vez uniram-se para combater os inimigos. A batalha dá-se perto de Trancoso, saindo os portugueses vitoriosos. Chegou ainda ao conhecimento do monarca português que os castelhanos, juntando bastantes soldados, pretendiam entrar por Badalhouce, atualmente Badajoz, de forma a avançarem sobre Lisboa em duas frentes: por um lado, através da frota presente no Tejo; por outro, do exército que chegaria por terra e que estava a agora a ser preparado¹⁹⁵.

Perante tal cenário, com medo de uma invasão que parecia cada vez mais iminente,

«e jutou para ello [D. João I] sua jeete e cõ este prepósito se partio logo de Guimarães pera o Porto: e de hy a Coymbra: e des y caminho dereyto de Lixboa: e o Condeestabre cõ elle: e chegarom a Santare honde estauam muytos castellaãos que tinham a villa: e o castello por elrey de Castella»¹⁹⁶.

O objetivo era claro: se os castelhanos iam entrar por Badajoz em direção a Lisboa, melhor seria que D. João I e o seu Condestável partissem em direção a Lisboa, de forma a cortarem-lhes o caminho mesmo antes da sua chegada à cidade. Tal objetivo não foi, porém, fácil de atingir. De facto, os castelhanos entraram por Badajoz e foram cercar Elvas na tentativa de a conquistar, mas sem sucesso. Acabando D. João de Castela por dar ordem para levantar o cerco, retiraram-se para Cidade Rodrigo: “Mudara de estratégia. Renunciara à frente alentejana e optara por cercar Lisboa em tenaz, mandando

¹⁹⁴ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XVI-XVII, pp. 59-65.

¹⁹⁵ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XXII, p. 83.

¹⁹⁶ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLVIII, p. 113.

outras forças pelas Beiras para que, acompanhando o Mondego até Coimbra e seguindo em direção ao Tejo, a ele se viessem a juntar”¹⁹⁷.

O rei português ao ter conhecimento desta alteração de estratégia por parte dos inimigos, muda também ele de planos, pois a invasão seria feita pela Beira, ao longo do vale do Mondego. Então a hoste portuguesa viu-se obrigada a adaptar à nova realidade, passando novamente o Tejo em direção ao norte. Acabam por ficar em Alenquer, onde D. João I esperava reforços vindos da Beira e de Lisboa. Envia Nuno ao Alentejo para recrutar homens e fortalecer o exército português, dada a desproporção em relação aos castelhanos¹⁹⁸.

Acordam então o reencontro em Abrantes, de forma a juntarem as várias hostes para assim formarem um exército único. As tropas vindas de Lisboa acabariam por chegar a dez de julho de 1385. E o rei de Portugal, tal como combinado, vai para Abrantes, onde se deveria encontrar com o Condestável. Porém, este tardava em aparecer, enquanto as tropas castelhanas já estavam a avançar. Manda então o rei Martim Afonso de Melo, ao encalço do Condestável com o intuito de apressar o seu regresso a Abrantes. Estava Nuno Álvares Pereira em Estremoz, quando recebe o emissário do rei e

«O conde [Nuno] fez logo chamar esses do seu conselho e fallou com elles, e tanto que fallaram que mandou dar ás trombetas e partiu, e foi dormir a Aviz, e em outro dia a Ponte de Sôr, e dáhi se foi aposentar e comer, duas léguas áquem de Abrantes, e de seu alojamento se partiu depois de comer, com sessenta lanças, e foi vêr el-rei a Abrantes, ficando todos outros onde estavam aposentados»¹⁹⁹.

Logo se reencontraram, apesar das tropas do Condestável terem ficado a duas léguas de Abrantes. Aí, reunidos em Conselho, delinearam o futuro que se aproximava. Porém a maioria declarava-se contra uma batalha para já. Era o dia quatro de agosto de 1385²⁰⁰. Porém, como noutras vezes,

«E veendo o Condeestabre os debates: e como todauia os do conselho tijnham entençom de a batalha nom seer. E temedose de mudar elrey o que elle pouco tinha na vontade: cõ gram nojo daqlles que o contrariauã: se partio do conselho huu dia aa tarde: e se foy pera seu alojamento. E em outro dia ante meenha lhe disserom sua missa: e acabada se partyo com toda sua geente sem fallãdo a elrey caminho de Tomar: per hode elrey de Castella vinha»²⁰¹.

¹⁹⁷ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 165.

¹⁹⁸ Cf. O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 205.

¹⁹⁹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XXV, p. 93.

²⁰⁰ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 38.

²⁰¹ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LI, p. 118.

Contudo, D. João I não estava ainda convicto de que seria o momento ideal para a batalha. Como tal, envia João Afonso com a mensagem de que não continuasse com a sua intenção e que regressasse para junto dele. Tentativa que se veio a mostrar sem sucesso. Nuno mandou o recado que “pedia por mercee que o leixasse hijr”²⁰². Após várias tentativas, combinam reencontro em Tomar. Esta atitude do Condestável não caiu bem a toda a gente, “E no conselho fulminavam pelas costas Nuno Álvares como rebelde e insubmisso à vontade soberana. Era uma crise grave para o novo rei: um momento em que via estar-se-lhe jogando a sua coroa de quatro meses”²⁰³.

O Condestável chegara primeiro a Tomar e, enquanto esperava a chegada do rei, mandou três escudeiros ao encontro do monarca de Castela dizendo-lhe: “e requerer da parte de Deos : e do marter sam Jorge que elle se fosse emboora : e desocupase a terra delrey seu senhor”²⁰⁴ ao que este lhe mandara responder: “que nom conhecia por Codeestabre : e a seu senhor menos por rey : e que lhe nom respondia mays”²⁰⁵.

Entretanto, o rei de Portugal chega a Tomar, reunindo-se de imediato as duas hostes. Nesta troca de correspondência, é aproveitada a oportunidade para espiar o armamento do inimigo, questionando-se o mensageiro o que encontrara do lado dos castelhanos. O mensageiro estava com medo, percebera que o exército do lado dos castelhanos era enorme, muito superior ao português, quer em número quer em preparação. Perante isto o rei ordenou, sob pena de morte, que dissesse publicamente exatamente o contrário, ou seja, que o exército castelhano era pouco maior que o português, porém com gente muito mal preparada. O objetivo era claro: D. João temia que tais notícias fossem provocar um medo generalizado nos seus homens e já bastava a inferioridade²⁰⁶.

3. A batalha de Aljubarrota

De Tomar, os homens do exército “partiom todos em rrigimento huu dia de sesta feira: e se forõ a Ourem”²⁰⁷. Em Ourém, acontece mais um episódio que provoca no exército uma boa imagem, ou melhor dizendo, um prenúncio de bom agouro. Sucede que um corço surge por meio do acampamento e acaba por tombar junto da tenda do rei

²⁰² [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 119.

²⁰³ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 212.

²⁰⁴ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 120.

²⁰⁵ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 120.

²⁰⁶ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XXXIII, pp. 120-125.

²⁰⁷ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 121.

lanceado. As pessoas entenderam este episódio como um prenúncio do destino do rei de Castela, ou seja, morrer aos pés de D. João I de Portugal²⁰⁸.

Dali o exército português marchou em direção a Porto de Mós, provavelmente no dia treze de agosto de 1385²⁰⁹.

«e ao domingo que alli folgaram, depois de missa, foi o conde [Nuno] por mandado d’el-rei contra Leiria, com cento de cavallo, com cotas e braçaes, e lanças compridas, e subiram por uns cabeços altos, por vêr se poderiam vêr a gente d’el-rei de Castella como vinha, e porque a vêr não poderam, tornou-se ao arraial e disse-o a el-rei»²¹⁰.

É nesta expedição que o Condestável faz, que

«Não resta dúvida alguma, neste dia o competente e prudente Condestável deve ter escolhido o campo de batalha. A posição, extremamente favorável, dos Portugueses não tinha sido lance de sorte. Além disso, as recentes descobertas arqueológicas provam claramente a preparação do terreno»²¹¹.

A escolha do terreno da batalha foi sem qualquer tipo de dúvidas, um aspeto fundamental para a vitória que se veio a registar. Nuno Álvares soube aproveitar o que a natureza lhe proporcionara, nomeadamente montes, vales, ribeiros, caminhos, etc... de forma a usar essa posição como arma favorável aos portugueses.

«Essa posição, vão encontra-la a noroeste de Porto de Mós, no extremo de um pequeno planalto, ponto de confluência do rio Lena com a ribeira de Calvaria. Como as posições dos ingleses nas campanhas de França, era um campo entrincheirado, com uma elevação que dominava a estrada por onde viria o inimigo. Os rios eram obstáculos para os cavalos e soldados e estreitariam a frente da progressão dos castelhanos. Na hora do ataque, os invasores seriam forçados a avançar com frente reduzida, o que lhes diminuiria a vantagem de número. Na parte final da escalada, o declive de dez por cento constituía um obstáculo para quem vinha ao ataque, pois os equipamentos e as armas eram pesados»²¹².

A batalha estava cada vez mais iminente: “Era o dia 11 de Agosto e o tempo devia estar quente, com a proximidade do mar, no oeste, sempre a temperar os rigores do sol. Os castelhanos vinham no sentido norte-sul, de Coimbra para Leiria por Pombal”²¹³.

²⁰⁸ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XXXIII, p. 124.

²⁰⁹ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 40.

²¹⁰ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XXXIII, p. 124.

²¹¹ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 40.

²¹² J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 177.

²¹³ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 174.

No dia 14 de Agosto de 1385, “a segunda feyra seguinte que era vespóra de Sancta Maria d’Agosto”²¹⁴, ou ainda, “foi esta batalha segunda feira quatorze dias de Agosto da era de Cesar de mil quatro centos e vinte e três”²¹⁵ [importa recordar a diferença de trinta e oito anos para a nossa cronologia a partir do nascimento de Cristo] era o derradeiro dia, momento pelo qual estavam todos à espera, o definitivo tudo ou nada.

D. João, rei de Portugal, ainda faz uma tentativa de resolução do conflito sem a batalha. Provavelmente sabendo que sem sucesso, mas fazia quase como que parte das regras, ou até mesmo para confirmação da batalha, e “mandara requerer a elrey de Castella que desocupasse sua terra e rreyno: senom que o desafiaua de batalha. E elle aceitou a batalha: no qual lugar que pera ello escolheo o Condeestabre”²¹⁶.

Era o momento. Nuno mandara tocar as trombetas, dando início à organização do exército, algo que o Condestável não deixava ao acaso. Também aqui se revela o seu génio militar: “mandou tocar as trombetas e preparar a partida. Os padres rezavam missas, os soldados comungavam, precavendo-se para morrer”²¹⁷.

Nuno seguia na frente da marcha, o rei seguia na retaguarda. “À frente, ficariam os lanceiros, com o joelho em terra, alinhados em falange compacta, virando para os atacantes um feixe mortal de espinhos”²¹⁸. Na vanguarda da formação do exército português, encontramos os homens-de-armas do Condestável “seiscentas lanças que, com os peões, somavam mais de dois mil e quinhentos”²¹⁹ homens. Na ala esquerda, estavam cerca de duzentas lanças, onde estava “reunida a flor dos rapazes cavaleiros”²²⁰. Na ala direita, o mesmo número de lanças, portuguesas e algumas estrangeiras, principalmente inglesas, que tinham vindo auxiliar a hoste portuguesa. “Ao fundo, cortando a chapada de lado a lado, fechando o quadrado pelo sul, estava com a retaguarda o rei, forte de uns cinco mil homens, ou setecentas lanças”²²¹. Ao lado do rei D. João I encontrava-se também o nosso já conhecido arcebispo de Braga, D. Lourenço.

Ao ver as tropas inimigas, já no campo de batalha, “chamou el-rei [de Castela] a Pero Lopes d’Ayala e Diogo Fernandes, marechal de Castella, e Diogo Alvares, irmão do condestabre, dizendo algumas cousas que fossem fallar com elle”²²². Este pequeno grupo,

²¹⁴ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 122.

²¹⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XLV, p. 181.

²¹⁶ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 122.

²¹⁷ O. MARTINS, *A vida de Nun’Álvares*, p. 222.

²¹⁸ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 182.

²¹⁹ O. MARTINS, *A vida de Nun’Álvares*, p. 222.

²²⁰ O. MARTINS, *A vida de Nun’Álvares*, p. 222.

²²¹ O. MARTINS, *A vida de Nun’Álvares*, p. 223.

²²² F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XXXIV, p. 126.

cumprindo as ordens do seu rei, lá foi ter com o exército português para falar com Nuno. Mais uma vez, o objetivo era claro: demover o Condestável do seu intento e que este fosse para o lado castelhano. O rei castelhano prometia dar-lhe inúmeros bens. E se a tentativa já não era nova, a resposta também não o seria. Uma vez mais Nuno Álvares recusou tal oferta²²³.

O rei de Castela estava doente: “não era bem são, [...] e assim fraco como estava, tiraram-n’o das andas em que viera e jazia acostado a um cavaleiro”²²⁴. Decide reunir em Conselho para deliberar os passos seguintes. Alguns dos membros sugeriam calma e reflexão. Não tinham nada a perder, provavelmente ser-lhes-ia favorável esperar, pois a fome e a noite iriam enfraquecer os portugueses, que já estavam em posição de combate. O exército castelhano também estava cansado e se descansasse um pouco só melhoraria. Porém, a retórica de D. João Afonso Telo viria a mudar a opinião ao conselho. Dizia ele,

«vencido este homem [D. João de Portugal] e desbaratado por vós [D. João de Castela], que não ha n’elle consello nem nunca mais levantará a cabeça, e leixar-vos ha o reino desembargado, [...] e se vós esto fazer não quizerdes, parece me que melhor fôra estardes em Castella, que virdes cá tão longe mostrar tal covardice»²²⁵.

Com o intuito de ser arrebatador na opinião do conselho acrescentava,

«se agora estão foutos contra vós, não temendo vossas ameaças, muito mais o serão depois vendo que lhe houvestes medo, [...] e se vierem os fidalgos da Beira, por cada dia esperam, e se juntarem com estes, quem agora há receio d’aquestes poucos, mais o haverá depois com aquelles»²²⁶.

Com o seu discurso, D. João Afonso Telo convenceu o conselho e “El-rei havendo-o por mui bom conselho, mandou que á pressa se fizessem todos prestes e acabassem de ordenar a batalha, e a seu mandado não foi posta tardança”²²⁷.

Partem, então, as forças castelhanas em direção à hoste portuguesa, para lhe dar batalha. Contudo, fazem uma pequena surpresa ao Condestável, ou seja, não tomam o caminho que ele tinha previsto, antes “E elrey de Castella nom quis vijr aa batalha da parte de Leirea como vinha”²²⁸. Isto obrigou à reorganização da disposição portuguesa, trocando-se a orientação da vanguarda pela retaguarda, simetricamente.

²²³ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XXXIV, pp. 127-131.

²²⁴ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XXXV, p. 132.

²²⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XXXVI, p. 138.

²²⁶ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XXXVI, p. 139.

²²⁷ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XLI, p. 157.

²²⁸ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 123.

Começavam as hostes a verem-se mutuamente. A hoste castelhana

«Pareciam ondas de lume vivo. À frente galopavam cem ginetes exploradores, envolvidos num novelo de pó, armados à mourisca, numa fantasia; depois vinha o Mestre de Alcântara com a vanguarda: cavalaria pesada de homens-de-armas cobertos de ferro, cavalaria ligeira de ginetes andaluzes; depois o grosso do exército com os auxiliares franceses, as lanças e homens-de-armas de Castela, o rei e a sua guarda; depois a bagagem real e o trem das dezasseis bombardas; depois os peões e besteiros; finalmente, o comboio de carretas, azémolas, gado, criados, guardado no couce pelo resto dos peões e alguns ginetes. Nem sequer tinham formado em batalha: vinham em ordem de marcha, tanta era a sua ilusória confiança»²²⁹.

Entretanto, como era tradição da época, os reis “teriam quem por elles fizesse preces e orações que fosse Deus da sua parte”²³⁰. Por Castela, a esposa do rei, a rainha D^a. Beatriz, em Ávila, com o arcebispo de Toledo, tinha essa função. Já por Portugal, D. João não era casado, não podendo assim a sua esposa ocupar-se de tal. Não havendo a possibilidade de preces, houve a possibilidade de compromisso. Assim,

«estabeleceram e ordenaram, prometendo a Deus guardar por sempre por si e por seus sucessores, que d’ahi em diante na cidade [de Lisboa], nem em seu termo, nenhum não uzasse de feitiços, nem ligamentos, nem de chamar diabos, nem de encantações, nem de obra de benzedeira, nem caratolas, nem sonhos, nem lançar rodas, nem sortes, nem nenhuma outra cousa que a arte de physica não consente; e mais que nenhum não cantasse janeiras, nem maias, nem outro nenhum mez do anno, nem furtassem agua, nem lançassem sortes, nem outra observança que a tal feito pertença»²³¹.

Não se limita com o compromisso da abolição de algumas práticas, compromete-se também a

«cada anno por sempre fizessem três procissões por estes dias, a primeira na sé catedral, em louvor da circumsiçãõ de Jesus Christo, a segunda a Santa Maria da Escada, por devoção da Madre de Deus, a terceira que fosse a Santa Cruz, por seu serviço e honra»²³².

Estando assim as orações e promessas a Deus feitas, chegara o momento dos guerreiros. Do lado português, um total de aproximadamente seis mil e quinhentos soldados, contra trinta e um mil do lado castelhano²³³.

²²⁹ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, pp. 225-226.

²³⁰ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XLI, p. 158.

²³¹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XLI, p. 159.

²³² F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XLI, p. 160.

²³³ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 41.

Nos instantes antes do início de tão esperada batalha, cerca de vinte ou trinta homens-de-pé portugueses, tolhidos pelo medo perante tão numeroso exército inimigo, decidem colocar-se em fuga em direção a Porto de Mós. Perante isto, os ginetes castelhanos que estavam por perto decidem cair sobre eles “E como porcos aa calcada os mataram todos”²³⁴. Isto teve grande influência no lado português, pois entre eles “ante dezião que todos queriã morrer como hõmes que morrerem como porcos como aquelles que fugiram morrerom”²³⁵.

Os primeiros disparos foram feitos pelos castelhanos dos seus *trons*: “os primeiros canhões vistos e ouvidos em Portugal”²³⁶. As pedras arremessadas por eles logo fazem duas vítimas do lado Português: “dous boõs escudeiros que diziam que eram irmãos”²³⁷. Então, dando início ao combate corpo a corpo, o Condestável ia passando pela hoste dizendo, “A portugueses! Pelejar, filhos e senhores, por vosso rey e por vossa terra!”²³⁸.

Numa tal inferioridade numérica a verdade é que os portugueses levaram a melhor nesta batalha tão decisiva para o futuro de Portugal. Dizem os relatos da batalha, “E forõ logo hy mortos huua gram cama de castellaõs”²³⁹. As descrições são sempre muito *ricas*. Há quem diga também, “Juncavam o solo muitos cadáveres. A imaginação acendia-se, e os milagres, povoando o ar, traziam das nuvens os santos à peleja”²⁴⁰. Durante a refrega, os portugueses iam triunfando e os castelhanos iam cobrindo o campo de batalha, os castelhanos e aqueles que combatiam por eles. É neste contexto que também o Mestre de Calatrava, Pedro Álvares, irmão de Nuno Álvares,

«andando assim entre os outros, que elle vira ir uma lança pelo ar da parte dos portuguezes, não mui levantada da terra quanto podia ser um tiro de bésta de terreiro, e que fõra dar áquelle homem, que elle assim pensava que era seu irmão, e que logo cahira em terra, e não o vira mais»²⁴¹.

Naturalmente que a superioridade numérica dos castelhanos teve que produzir efeitos:

«Apesar das grandes perdas do inicio da batalha, quando as flechas e os dardos se abateram sobre eles [castelhanos]; apesar dos que ficaram pelo caminho em fossos e armadilhas, dos que caíram com os cavalos derrubados

²³⁴ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 123.

²³⁵ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, pp. 123-124.

²³⁶ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 187.

²³⁷ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 124.

²³⁸ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 124.

²³⁹ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 124.

²⁴⁰ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 233.

²⁴¹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XLVI, p. 184.

por projecteis, os castelhanos, em massa compacta e ajudados também pela força da inércia, conseguem, a dada altura, abrir uma brecha na vanguarda do Condestável, por onde se precipitam como uma torrente, contida entre canais»²⁴².

Perante este cenário, as alas rapidamente acodem entrando no espaço entre a vanguarda e a retaguarda. Sabendo do que estava a suceder, Nuno toma um cavalo e vai para este local. Desloca-se para o centro da ação, acudindo os seus colegas, pois sabia que se os castelhanos comesçassem a vencer a partir do centro, a batalha estaria em grande perigo para os portugueses.

De igual forma,

«El-rei quando viu a vanguarda rota e o conde em tamanha pressa, com grande cuidado e todos com elle, abalou rijamente com sua bandeira dizendo alta voz com grande esforço: ávante, avante, S. Jorge, Portugal, S. Jorge Portugal, que eu sou el-rei»²⁴³.

A investida portuguesa dava resultado. Os portugueses estavam a conseguir conter o inimigo. A batalha já se prolongava e os castelhanos iam morrendo a grande velocidade e em grande número. Um outro facto que ajudaria à vitória portuguesa, seria a morte do porta bandeiras de Castela, que ao morrer, caiu também com ele a bandeira do seu reino. Isto ajudou ainda mais a que os castelhanos ficassem com medo e comesçassem a fugir. Estava finalmente a batalha a terminar e, como tal, os portugueses “começaram altas vozes a bradar e dizer, já fogem, já fogem, e os castellãos por não fazer d’elles mentirosos, começaram cada vez de fugir mais”²⁴⁴ para Santarém²⁴⁵.

Muito mais haveria para dizer sobre esta tão importante batalha. Contudo, não é este o nosso tema central. Importa reter que foi uma batalha bastante célere, devido também à estratégia do exército português, planeada essencialmente pelo génio militar do Condestável. Quem imaginaria tal desfecho perante tão colossal diferença numérica de soldados?

D. João de Castela, enfermo, foge. Tem noção de que foi derrotado, além disso “em esta batalha recebeu Castella mui grande perda, assim de condes e mestres e grandes senhores, como fidalgos”²⁴⁶.

²⁴² J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 190.

²⁴³ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XLII, p. 167.

²⁴⁴ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XLII, p. 168.

²⁴⁵ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LII, p. 127.

²⁴⁶ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XLV, p. 181.

Neste momento, Nuno Álvares Pereira perde um outro seu irmão, Diogo Álvares Pereira. Tendo sobrevivido à batalha, é morto posteriormente por alguns rebeldes portugueses, contra a vontade de D. João de Portugal²⁴⁷. Neste campo de batalha, além de inúmeros cadáveres, ficara também um vasto tesouro trazido pelos castelhanos. Em Aljubarrota o exército português festeja a vitória. Porém, o Condestável, temendo um contra-ataque, não deixa baixar a guarda. Sendo já tarde e após estar assegurada a vigia, o Condestável vai visitar o rei D. João de Portugal. Afinal de contas, ainda não o tinha visto após a batalha.

Ao outro dia, ou seja, dia quinze de agosto,

«foi o conde em romaria a Santa Maria d’Ourem por devoção, e tomou logo posse do lugar, de que lhe el-rei já lhe tinha feito mercê e prometido o condado, des-ahi tornou-se ao arraial, e as gentes diziam que elle fôra soterrar seu irmão, mas tal cousa não era verdade, ca elle nunca mais pareceu vivo nem morto»²⁴⁸.

Finda a batalha, D. João I, ainda ficou três dias no campo, como era tradição. O vencedor ficava no campo de batalha três dias para como que afirmar a vitória e ver se haveria algum inimigo que o quisesse combater. Passado este tempo, perante tal cenário cadavérico, o cheiro a putrefação deveria de imenso. Como tal, decidem ir em direção a Santarém, parando em Alcobaça, ficando alojados “em casa de D. João de Ornelas, seu prior, pois o Mestre de Avis era monge de Cister²⁴⁹. Aqui, em Alcobaça, recebem a notícia de que o rei de Castela, que se encontrava doente, teria passado por lá, mas já tinha partido para Lisboa e daí para Castela. Partindo ambos, finalmente chegam a Santarém. Lá “todallas getes tomarom gram prazer e receberõ elrey com grande alegria: dãdo muytas graças a Deos por a vitoria que lhe deera em os liurar da sojeiçam dos castellaãos”²⁵⁰.

Estando então em Santarém, era o momento de D. João I fazer as doações que eram devidas. Em primeiro lugar, quis dar ao Condestável um condado, de forma a torná-lo conde, condado esse prometido já no passado. Contudo Nuno colocou uma condição para o aceitar: que não fizesse mais nenhum conde enquanto ele fosse vivo. Pedido este que foi aceite pelo Rei,

«Entonce o fez conde d’Ourem, como costumava de fazer, com todas as rendas e terras e villas que João Fernandes Andeiro, cujo fôra aquelle condado, havia ao tempo de sua morte. E mais lhe deu Borba, e Villa Viçosa,

²⁴⁷ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XLV, p. 179.

²⁴⁸ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XLVI, p. 185.

²⁴⁹ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 240.

²⁵⁰ [S.N.], *Chronica do Conde de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LI, p. 126.

e Estremoz, e Evora-Monte, e Portel, e Monte-Mór-o-Novo, e Almada, e Sacavem, com seus Reguengos, e o serviço real das judeus de Lisboa, e Porto de Mós, e o Rabaçal, Bouças, e Alvaizere, e terra de Pena, e terra de Basto, e o Arco da Baulhe, e terra de Barroso, e mais em aprestimo todas as rendas e direitos que el-rei havia na cidade de Silves e Villa de Loulé, e no reino do Algarve, e diziam os que esto viam que esta fôra a mais formosa e rica doação que nenhum rei que na Hespanha fosse fizesse a algum seu vassalo com que devido não houvesse, e estimavam as villas e cercadas e terras chãs, que sua renda passava de dezeseis mil dobras»²⁵¹.

Além destas doações, poucos dias depois, foram-lhe também doados os direitos de Guimarães, de Ponte de Lima, Valença, Vila Real, Chaves, Bragança e Atouguia²⁵².

De Santarém o rei D. João I parte em romaria a Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães. Pelo caminho passa por Leiria, Coimbra, Porto, chegando finalmente a Guimarães, onde manda edificar “À Virgem um templo magnífico”²⁵³. Daqui decide entrar em Castela pelo Norte.

Mesmo com as doações feitas pelo rei, o agora também Conde, ganhava cada vez mais importância e poder econômico em Portugal. Mesmo com toda a importância que lhe estava a ser dada o Condestável não desiste de Castela, nem dos castelhanos. Não fica a saborear passivamente a vitória. Desta forma, “partiose o Condeestabre de Santare e foise a Euora”²⁵⁴. Chegado então a Évora, convoca toda a gente de armas para ir com ele combater os castelhanos. Dali passam por Estremoz, Almendral, Parra, Zafra e Villagarcia²⁵⁵. Nesta expedição a hoste portuguesa, com Nuno Álvares à cabeça, passou por algumas peripécias. Em Almendral, local onde dormiram, “e aqlla noyte foy grãde volta atre a gete do arrayal polos muytosinhos q hy acharõ: polla qual cousa o Codestabre foy em grãde cuydado e lhe pesou muyto”²⁵⁶. Uma outra peripécia foi a contínua fuga de Martim Annes da Barbuda, Mestre de Alcântara, que cruzando-se várias vezes com a hoste portuguesa e com um número de soldados superior, sempre fugia dos portugueses²⁵⁷. Já aquando da chegada a Villagarcia, encontram o castelo vazio, “o castello fosse assaz forte”²⁵⁸, pois todos haviam fugido sabendo que o Condestável se

²⁵¹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. LII, pp. 213-214.

²⁵² Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 44, apud *Chancelaria de D. João I*, Livro 1, ff. 82v-83r.

²⁵³ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 242.

²⁵⁴ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIII, p. 129.

²⁵⁵ Cf. [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIII, pp. 129-131.

²⁵⁶ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIII, p. 130.

²⁵⁷ Cf. [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIII, pp. 130-131.

²⁵⁸ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIII, p. 131.

aproximava. Villagarcia não era o destino de Nuno, o seu destino era Fuente del Maestre. Porém, perante o cenário do castelo decide ficar lá mais algum tempo do que o previsto²⁵⁹.

Estando em Villagarcia “chegou hua trombeta ao Conde com recado dos inimijgos”²⁶⁰, com um conjunto de varas na mão. O objetivo era desafiar os portugueses ali presentes, para uma batalha, pois, dizia o mensageiro de Castela, “vós soes em sua [do Mestre de Santiago] terra e lhe fazees muyto mal e strago nella”²⁶¹. O conjunto das varas não era apenas de uma pessoa, era antes uma vara por cada um que desafiava o Condestável. Eram eles, o Mestre de Santiago D. Pedro Muñoz, o conde de Niebla D. João Afonso, o Mestre de Calatrava D. Gonçalo Nuñez de Guzmán, o Mestre de Calatrava D. Gonçalo Nunes,

«E asy lhas deu todas : cada huua em nome de seu capitão : de guysa que nõ ficou ninhuua. E os outros capitães erã o Cõde de Medina Celli, e dom Martinheñes, e Fernã Gonçaluez, e Gõçallo Rroiz de Sousa portugueses, e dom Pedro de Pomçe de Leõ, senhor de Marchena : e dom Afonso Fernãdez de Cordoua, senhor dAguillar, e Diego Fernãdez : e Gonçallo Fernandez seus jrmaãos, e Martim Fernandez Porto Carreyro, e os xxiv de Seuilla com pendão da cidade»²⁶².

Perante tal desafio, ele dá uma resposta, um quanto bem-humorada, dizendo-lhe que perante tão boas novas que trazia só poderia aceitar tal desafio, melhor que estas boas notícias seria se o próprio rei de Castela o desafiasse²⁶³. E assim partiu o mensageiro com a resposta.

4. A batalha de Valverde

Nuno quisera ir em romaria a Santa Maria de Guadalupe. Sabiamente, os seus conselheiros, tendo em conta o zelo que ele tinha, sugeriram que não o fizesse. Sabiam que iria provocar “grande damno na terra de Sancta Maria”²⁶⁴, e assim sendo, retrocede e tomou o caminho novamente em direção a Valverde.

A hoste castelhana continuava atenta a todas estas movimentações. Não esqueçamos que Martim Annes da Barbuda andava no encalce do séquito do Condestável, mais para ver do que para provocar pequenas batalhas. Entretanto, o exército inimigo ia crescendo em número de soldados, “havam de ajuntar toda a Andaluzia com a cidade de

²⁵⁹ Cf. R. M. S. LUSITANO, *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável...*, pp. 380-381.

²⁶⁰ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIV, p. 131.

²⁶¹ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIV, p. 131.

²⁶² [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIV, p. 132.

²⁶³ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIV, pp. 132-133.

²⁶⁴ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIV, p. 133.

Sevilha, Cordova e Jaem, e das Manchas de Aragão²⁶⁵. Seriam já grande número, sendo que uns falam em trinta e três mil ao todo²⁶⁶, outros em dez mil²⁶⁷, outros referem, “que era muita mais gente que a da batalha real, mas não eram tão grandes senhores nem gente escolheita, nem assim guarnida”²⁶⁸. O certo é que estariam numa grande superioridade numérica, mais uma vez, face ao exército português.

Querendo então a hoste portuguesa regressar a Valverde, via-se obrigada a atravessar um vau do rio Guadiana, sendo que este estava como que guardado pelos castelhanos. Percebendo as ideias do inimigo e querendo dar-lhes batalha, o Condestável forma o exército português em quadrado, com a vanguarda, a retaguarda, as alas e colocando toda a logística no centro. “Invertiam-se as situações de Aljubarrota: era Nun’Álvares que agora tinha a vencer a passagem contra uma posição forte, habilmente preparada”²⁶⁹.

Os inimigos estavam então à espera dos portugueses. Estavam “encastelados nos socalcos da margem direita, em frente, e esperavam; e com os outros, da margem esquerda, metiam a hoste portuguesa entre dois braços de uma terrível tenaz de ferro pronta a tritura-la”²⁷⁰. Perante tal diferença numérica, “pareciam os portugueses em meio dos inimigos uma pequena eira em um espaçoso campo, e tendo-os d’esta guisa cercados, começaram de escaramuçar uns com os outros grandes e boas escaramuças”²⁷¹. Face a tão compacta força dos portugueses, lá conseguiram abrir uma passagem para passar a vau continuando a batalha do outro lado da margem. Começaram a subir em direção a um cabeço para aproveitarem o declive da natureza e tirarem alguma vantagem. “Três degraus houve que tomar à força de armas, antes que pudessem encontrar chão firme para combater”²⁷². Avançando a vanguarda portuguesa, a retaguarda fora fortemente fustigada pelos castelhanos que iam no seu encalço. O Condestável desdobrava-se entre a vanguarda e a retaguarda de forma a acudir os que mais padeciam dos ataques do inimigo. Vendo o feroz ataque à retaguarda, manda então a vanguarda parar, de forma a *compactar* novamente o exército e foi então ajudar a retaguarda.

²⁶⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LVI, p.8.

²⁶⁶ Cf M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 46.

²⁶⁷ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 201.

²⁶⁸ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LVI, pp.8-9.

²⁶⁹ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 252.

²⁷⁰ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 252.

²⁷¹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LVI, p.10.

²⁷² O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 253.

Durante a batalha e perante tal inferioridade de homens, facilmente se deduz que a hoste portuguesa estava a ser atacada por todos os lados e que se estava a aguentar a muito custo. Neste seu vai e vem “foy hy ferido o Condeestabre de hua setada que lhe derom per huu pee.”²⁷³, mas mesmo assim não desiste. Não é uma seta que lhe pára a batalha nem as movimentações. Continuava a ajudar quer na vanguarda quer na retaguarda, onde fora mais preciso. Porém, o que o movia? Seria assim tão aficionado por batalhas?

«A guerra não era para ele uma paixão, nem o combate uma embriaguez, nem a glória um fim. A guerra era apenas o meio de chegar ao destino da redenção do Reino; e a glória só a via sedutora nas revelações do Céu para onde a sua alma piedosa batia em permanência as asas. Por isso, nas próprias correrias, como esta que agora entrava no momento perigosamente crítico, não consentia que a gente de guerra queimasse aldeias nem searas. E quando algum se excedia, a disciplina de ferro decretava a morte do réu, não se escusando ele próprio a castigar por suas mãos. Se punia as depravações, mais punia ainda os sacrilégios. Se defendia os miseráveis, maior era o carinho para com as mulheres e as crianças, que acolhia e asilava, restaurando-as nas suas casas, quando o ciclone da guerra, tremendo, tinha passado. [...] Este é o advérbio que resume a fisionomia de Nun'Álvares. Tudo para ele era religioso, desde os costumes privados, até a disciplina guerreira, até o culto da pátria, até o amor do rei, até finalmente a própria vida que votara a uma missão transcendente»²⁷⁴.

Um acontecimento que ajuda a fundamentar isto mesmo é quando nesta batalha e neste rodopio, entre a vanguarda e a retaguarda, precisavam da preciosa ajuda do Condestável. Não sabiam dele, procuraram-no no meio de toda a hoste, porém debalde. Quem o encontrou foi um soldado, chamado Rui Gonçalves, que “foi-o achar fóra da hoste logo acerca entre dois penedos pera esto azados, com os giolhos postos em terra e as mãos e olhos alçados ao ceu”²⁷⁵. Espantou-se com tal cenário, pois no meio da batalha e com a hoste portuguesa em grandes dificuldades, o que menos esperava era encontrar o Condestável retirado a rezar, como se nada se tratasse. Contudo, percebendo a sua presença, diz-lhe: “Ruy Gonçalves amigo, inda não é tempo, aguardae um pouco e acabarei de orar”²⁷⁶. Entretanto, chega também junto deles Gonçalo Anes de Castelo de Vide. Pede ao Condestável que tome uma decisão: que não deixe a hoste naquela posição. Estava a ser atacada por todos lados e estando imóvel ainda pioraria a situação. Contudo,

²⁷³ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIV, p. 137.

²⁷⁴ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, pp. 254-255.

²⁷⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LVII, p.14.

²⁷⁶ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LVII, p.14.

desta vez, nem se dá ao trabalho de responder. Para este a prioridade naquele momento era a oração e não a batalha.

“Não tardou muito depois d’esto que o conde acabou sua devota oração, e alçou-se com gesto alegre”²⁷⁷. Estava como que renovado. Agora sim, agora era o momento de olhar para a batalha e agir, era o momento de tomar decisões. Olhando em redor, vê num alto a bandeira do mestre de Santiago e, virado para o porta estandartes, diz que quer ver lá a sua bandeira e não uma de Castela. “Entonce endereçaram todos em batalha pera aquella bandeira com grão desejo de chegarem onde aqueles senhores todos estavam”²⁷⁸. Estava então dada a ordem para recomeçar a batalha. Era o momento dos soldados serem novamente valorosos e darem o seu melhor.

«E foy antre elles a batalha muy forte que mais nom poderia seer. E foy morto o Meestre de Santiago e outros grandes caualleyros: e muyta gente da parte de Castella. E dos da hoste mortos e feridos poucos: ao senhor Deos louvores. E o cabeço forte entrado. E os castellaãos todos derramados: que nom pareceo nenhuu a poucas horas»²⁷⁹.

Então, após a fuga dos castelhanos, Nuno manda ainda alguns da sua hoste em perseguição àqueles que fugiam. Estava ganha mais uma batalha. Depois dos Atoleiros e de Aljubarrota agora Valverde. Tinha decorrido esta batalha entre os dias dezassete e dezoito de outubro de 1385²⁸⁰. Os poucos portugueses estavam a causar um sério medo aos castelhanos. Afinal de contas, até dentro do seu território, e numa inferioridade surpreendente, os portugueses conseguem levar a melhor. Terminada a batalha, “tornaram-se ao arraial alojando-se n’aquelle logar de Valverde com tanto prazer e lédice como entender podeis, dando muitas graças a Deus que em terra de seus inimigos dera tamanha victoria deles”²⁸¹. Ao outro dia partem em direção a Portugal, mais concretamente a Elvas.

5. Recuperação de Chaves e Bragança

Entretanto, o rei de Portugal andava pelo Norte a conquistar o que ainda tinha voz por Castela. Tinha o intuito de continuar mais para norte, mas estava no Porto quando,

«Mandou-lhe o conde pedir por mercê que lhe perdoasse, porque assim entrara sem sua licença, e el rei houve gram prazer com taes novas, dizendo

²⁷⁷ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LVIII, p.16.

²⁷⁸ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LVIII, p.16.

²⁷⁹ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIV, p. 138.

²⁸⁰ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 46.

²⁸¹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LVIII, p.18.

que bem digno era tal erro de lhe outhorgar gracioso perdão, e deu-lhe o condado de Barcellos com sua jurisdição e direitos, e era esto no mez de outubro»²⁸².

Havia a necessidade de conquistar Trás-os-Montes, nomeadamente Bragança e Chaves, que ainda estavam do lado de Castela. Assim parte o Rei. Vendo que as coisas não estavam a correr como planeado pede reforços ao restante reino, nomeadamente a ajuda do seu Condestável: “elrey lhe mandou recado de Chaues honde estaua que tinha cercado Marty Gonçalvez dAtayde q tinha o lugar por elrey de Castella: q se fosse com a mais gente q podesse”²⁸³. Após este repto do rei, Nuno Álvares rapidamente parte em direção ao Porto com o seu exército e onde ainda tenta angariar o máximo de soldados possível. Daí parte em direção a Chaves. Decide montar o seu arraial em Castelãos, atualmente Macedo de Cavaleiros deixando grande parte do seu exército no arraial “E elle fosse aforado ao cerco de Chaues: no mais que com LXXX lanças pera elrey. E elrey soube parte de sua hyda e foy arrecebello fora do real muy longe”²⁸⁴.

Juntos, “esteve elrey e o Condeestabre com elle no cerco de Chaues ataa que lhe a villa foy entregue per preitesia”²⁸⁵. Porém, não foi tão rápido quanto isso. No total, o cerco durou cerca de quatro meses até à sua rendição²⁸⁶. Então, “el-rei foi à villa [de Chaves] e entrou no castello, e ouviu missa, e armou trez cavalleiros da ordem do Esprital, e fez Egas Coelho seu Mestre-sala, e deu ao Condeestabre a villa”²⁸⁷. Provavelmente, esta doação foi feita como recompensa pelos atos do Condestável e a sua hoste em Valverde. Daqui partem em direção a Bragança, para tentar também a sua rendição²⁸⁸. “Bragança aguentou-se mais tempo, até que o alcaide João Vasques Pimentel se rendeu”²⁸⁹.

Entretanto o Condestável parte em romaria a Santa Maria do Azinhoso e apercebe-se que a disciplina militar na sua hoste começa a ficar desleixada. Apercebe-se de que os soldados “os de sua companhia traziam todas mancebas, também os que eram casados como os que o não eram, ordenou que nenhum d’ahi em diante não trouxesse mulher comsigo”²⁹⁰. Além desta reprimenda e ordem para o futuro, distribui castigos aos

²⁸² F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LXIII, p.33.

²⁸³ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LV, p. 140.

²⁸⁴ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LV, p. 141.

²⁸⁵ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LV, p. 141.

²⁸⁶ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 1386.

²⁸⁷ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LXIX, p.52.

²⁸⁸ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LXIX, p.53.

²⁸⁹ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 205.

²⁹⁰ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LXX, p.54.

indisciplinados. De igual forma, quando o rei toma conhecimento desta medida, aplica-a também na sua hoste²⁹¹.

Em Vilariça, juntam-se as hostes, nada havendo “já que fazer em Trás-os-Montes: podiam passar a fronteira e tomar a ofensiva em território inimigo. Desceram, portanto, para Sul”²⁹². Esta movimentação acontece em maio de 1386. A união criou um exército enorme: “foi o mais formoso alardo, que até alli em Portugal fôra visto”²⁹³. Dessa forma conquistam o lugar de Almeida com facilidade²⁹⁴, continuando depois a sua jornada até ao castelo de Coria.

Embora o exército português já tivesse dado provas da sua valentia e bravura no combate no campo, contra os castelos a história era diferente. Os redutos fortificados permitiam grandes defesas por parte daqueles que lá se encontravam. Para penetrar no interior era necessário material específico, e pesado, material esse que a hoste portuguesa não possuía. O exército português estava pensado para se deslocar, dentro dos possíveis, com alguma agilidade, sendo que o transporte de pesadas máquinas com armamento de combate corpo a corpo prejudicaria essa deslocação. A solução era realizar cercos, que funcionavam quando os castelos tinham poucas provisões. Porém quando o oposto sucedia, o cerco não tinha os resultados pretendidos no tempo estimado. Além do mais, aqueles que realizam o cerco também precisam de mantimentos, que normalmente vão saqueando nas povoações que rodeiam o castelo. Os castelhanos, percebendo isso, começam a retirar tudo o que possa servir de alimento para dentro do castelo.

O Condestável tinha depreendido isto mesmo: “Para ele, os cercos eram erros”²⁹⁵, o que ficaria comprovado em Coria. Além do mais, estava-se no mês de junho, o calor também tinha consequências nos soldados e o número de doenças começava a subir: “começaram de adoecer muy fortemete no arrayall de guisa q acerca tanto erã os doetes como os saãos. E veendo elrey como todos lhe adoeciã: leuantouse do cerco e veeo seu caminho pera seu regno caminhoo da Beira”²⁹⁶.

De regresso a Portugal, o Conde Nuno Álvares decide, antes de voltar ao Alentejo, “foy e romaria a scã Maria do meo q esta na Sartaa: e de hy se foy pera Oure e de hy se partyo pera entre Tejo e Odyana”²⁹⁷.

²⁹¹ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LXX, p.54.

²⁹² O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 266.

²⁹³ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LXXI, p.56.

²⁹⁴ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LXXIII, pp.62-64.

²⁹⁵ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 268.

²⁹⁶ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LVI, p. 146.

²⁹⁷ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LVI, p. 146.

6. A ajuda dos ingleses

Entretanto, desembarcavam na Corunha os duques de Lencastre com as suas filhas. Pensavam que iam facilmente obter a coroa castelhana²⁹⁸. Mas, afinal, quem eram estes que desembarcaram e que têm um papel importantíssimo na política Ibérica? O duque de Lencastre era o terceiro filho de Eduardo III de Inglaterra, de nome João de Gaunt,

«que se casou em primeiras núpcias com Branca, filha de Henrique, duque de Lencastre e lhe herdou o título. [...] Gaunt sucedeu ao sogro, no título e na fortuna. Em 1369, Branca morreu com a peste bubónica; dois anos depois, João de Gaunt casou com Constança, filha do rei de Castela, Pedro, o *Cruel*, morto por Henrique da Trastámara em Montiel»²⁹⁹.

Pensava o duque de Lencastre que neste cenário negro em que Castela se encontrava e como demorava a ajuda pedida a França, seria fácil reivindicar o trono de Castela. Por outro lado, se toda aquela hoste que o acompanhava se unisse aos Portugueses, provavelmente ainda provocariam mais danos. Porém, tal desejo não foi assim tão fácil de cumprir. Uma alternativa seria dar início ao jogo político, aproveitando-se do facto de ter as suas duas filhas ainda solteiras, “Filipa, de 26 anos, filha do duque e de Branca de Lencastre, e Catarina, de 14 anos filha de Constança de Castela”³⁰⁰. Os ingleses tomaram o caminho em direção a Sul com o intuito de entrarem em Portugal.

Os ingleses não eram novidade para o rei de Portugal. Pelo contrário, aquando da revolta de Lisboa, já D. João I procurara explorar uma aliança. Para negociar essa mesma aliança, mandara para Inglaterra Lourenço Anes Fogaça e Fernando Afonso Albuquerque, que entre outras coisas, se lhes deveram os apoios de Aljubarrota, quer humanos quer estrategas, que o Condestável soube absorver muito bem³⁰¹.

Vindo os Ingleses de Norte, D. João I manda convocar o Condestável e “achou el-rei na Ponte da Barca”³⁰² e juntos seguiram em direção ao Minho. Uniam-se as hostes em Ponte do Muro, entre Melgaço e Monção, era o primeiro dia de novembro de 1386³⁰³.

Houve então dois banquetes, um oferecido pelos Ingleses aos Portugueses e outro oferecido pelos Portugueses aos Ingleses. Havia uma diferença enorme entre os repastos. Os Ingleses estavam muito mais sofisticados, para não falar na abundância. Quanto aos

²⁹⁸ Cf. O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 271.

²⁹⁹ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 206.

³⁰⁰ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 208.

³⁰¹ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LXXXI, p.86.

³⁰² F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. XCII, p.114.

³⁰³ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. XCII, pp.114-115.

propósitos, os banquetes serviriam essencialmente para se planear o futuro. Ficara então combinado,

«Em primeiro lugar, o duque de Lencastre, pretendente à coroa castelhana, abdicava dos alegados direitos desta sobre Portugal, reconhecendo a monarquia de Avis; em segundo lugar, cederia ao seu aliado português certas praças raianas, assim que se sentasse no trono castelhano; em terceiro lugar, e em compensação, D. João I prestaria ao aliado um contingente de duas mil lanças, mil besteiros e dois mil peões, mantidos à própria custa, desde o primeiro dia das oitavas do Natal, até ao fim de Agosto do ano futuro»³⁰⁴.

Após este acordo havia a necessidade de o consolidar com um casamento entre as partes envolvidas. Do lado dos ingleses estavam as duas filhas disponíveis para contrair matrimónio. Cabia a D. João I qual escolher. “E pera mais abastança de liança de amizade e segurança d’essas cousas, ordenaram então e prometteram que o duque desse sua filha, a infanta D. Filippa, a el-rei de Portugal por mulher”³⁰⁵. O rei sabia que, se a sua escolha recaísse sobre a infanta Catarina “iria perpetuar o conflito peninsular e tornar a coroa portuguesa refém da questão dinástica castelhana”³⁰⁶, pois importa não esquecer quem era a sua mãe. Assim combinado, dá-se o casamento no Porto, a dois de fevereiro de 1387.

Consolidado o acordo com o enlace matrimonial, era o momento de formar um único exército e partir à conquista. Partem então para Benavente, com o objetivo de a conquistar. Porém e mais uma vez, não era tarefa fácil. Os castelhanos estavam cientes de que os inimigos não eram assim tão fortes em assalto como no combate homem a homem e “a marcha invasora teve de retroceder perante a resistência que lhe opunha o duque de Benavente. Voltaram, pois, ao ponto de partida, consumidas duas semanas nestas correrias inúteis, e, cercando Benavente, conseguiram entrá-la”³⁰⁷.

Após Benavente, continuaram a sua campanha conquistando Villalpando. Ainda fizeram outras tentativas, mas sem grande sucesso. Esta campanha causara muitas baixas aos ingleses. Tal sucede porventura por não estarem habituados ao clima e aos costumes da vida peninsular, e ainda às doenças existentes à época: “O duque [de Lencastre] levava muito poucas das suas, porque gran parte eram já mortas, assim dos capitães, de boa conta, como d’arceiros e outros homens d’armas, [...] uns morriam de pestelença, e outros de corrença”³⁰⁸. Isto começava a provocar desânimo generalizado, pois não estavam a

³⁰⁴ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, pp. 275-276.

³⁰⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. XCIII, p.118.

³⁰⁶ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 209.

³⁰⁷ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 279.

³⁰⁸ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. C, p.134.

conseguir conquistar o que pretendiam e as doenças estavam a matá-los a grande ritmo. Assim sendo, decidem retirar: “A campanha acabava sem grave transtorno para o castelhano, junto do qual o duque negociava, agora que perdera as maiores esperanças, o casamento da filha”³⁰⁹.

Em território Português, D. João I

«mandou o Condestabre que fosse a Alemtejo por guarda da terra e cousas que lhe cumpriam. E elle, segundo o voto que promettido tinha, ante que entrasse em Castella, partiu logo de pé pera Santa Maria d’Oliveira, que era d’alli umas trinta léguas, na villa de Guimarães, por cumprir sua romaria»³¹⁰.

Estando D. João I, após da romaria a Guimarães, a caminho do Porto para regressar a Coimbra, “adoeceu de grande dôr de quentura, a que não podia pôr cobro, e era esto no fim do mez de julho”³¹¹. A rainha ficara desolada perante tal cenário. O rei mandara chamar os principais fidalgos do reino, incluindo naturalmente o seu condestável para assim se fazer o seu testamento. Contudo, o pior cenário não se verificou, D. João recuperara e estava de regresso trono³¹².

Partiu então D. João I para Braga onde convocou as Cortes. Para estas “os fidalgos do reyno ho fezerom seu procurador [o Condestável]: q refertasse por elles a elrey cousas que lhe copriam”³¹³. Como representante dos fidalgos, Nuno expôs as suas ideias. Todavia, nenhum deles saiu em sua defesa, ao que concluiu “que que serue comuu nom serue nenhuu”³¹⁴. É também aqui, durante as Cortes de Braga, que o Condestável recebe uma triste noticia: “E estado asy o Condestabre nas cortes em Bragaa lhe veeo recado do Porto hõde a condessa sua molher estaua q era morta”³¹⁵. Assim sendo, parte para o Porto “para a despedir com funerais adequados”³¹⁶. Em relação à sua filha, D. Beatriz, foi para Lisboa onde ficaria a ser criada pela avó, Iria Gonçalves. Nuno Álvares regressa às cortes em Braga. A rainha, D. Filipa, tentava insistentemente arranjar-lhe uma nova noiv. Afinal de contas, era alguém com um papel importantíssimo no reino de Portugal. Porém, “escusou-se, refugiando-se nos deveres do officio que o chamavam outra vez à frente. Não voltaria a casar nem a olhar com olhos e paixão de homem para mulher alguma”³¹⁷.

³⁰⁹ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 281.

³¹⁰ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. CXV, p.134.

³¹¹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. CXVI, p.174.

³¹² Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. CXVI, pp.174-176.

³¹³ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LVIII, p. 149.

³¹⁴ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LVIII, p. 150.

³¹⁵ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LVIII, p. 150.

³¹⁶ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 217.

³¹⁷ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 217.

De regresso ao Alentejo, o Condestável teve conhecimento que o Mestre de Santiago se preparava para ir sobre Estremoz. Logo procurou arranjar gente para o impedir. Estava-se no mês de dezembro de 1387 quando, sabendo o mestre de Santiago que o Condestável português reunia tropa, decide dispersar e desiste da ideia de invadir Portugal. Como consequência, a hoste portuguesa também é desmantelada. Todavia, durante este processo de regresso dos soldados portugueses a suas casas, o Conde de Niebla saqueara Vidigueira e Vila de Frades, levando alguns prisioneiros. Conduzindo consigo poucos soldados, avançam durante toda a noite para os alcançar e, de madrugada, faz-lhes batalha. Conseguem então libertar os prisioneiros e trazer ainda um saque considerável, apesar de um ferimento que Nuno fizera durante as escaramuças³¹⁸.

Enquanto Nuno estava a defender o reino no Sul, a Norte o rei D. João I decide cercar a Melgaço. Esta capitulou depois de cinquenta e três dias de luta, entrando o rei na cidade no dia vinte e cinco de março de 1368³¹⁹. Consolidado, por enquanto, o Norte, o soberano decide ir para Sul para se unir ao seu Condestável para juntos tomarem Campo Maior. Que se veio a tomar a treze de outubro do mesmo ano, menos o castelo, que o fora apenas no dia um de novembro. Depois de tomados estes lugares, passam por Aljubarrota, onde o Condestável “mandou hedificar huua igreja de Sancta Maria e de Sam Jorge em aqllle lugar mesmo honde a sua bandeyra esteue ho dya da batalha rreal. E apos esta mandou hedificar e fazer o moesteyro de Sancta Maria do Carmo de Lixboa”³²⁰.

7. Período de Guerra – Paz

A guerra entre os dois países estava a enfraquecer ambos. Por um lado, Castela recusava-se a reconhecer a legitimidade do rei D. João I como rei de Portugal. Por outro, o reino português não cedia a Castela e recusava-se a obedecer ao rei de Castela. O monarca de Portugal queria, com urgência, criar uma nova era para o reino. Pretendia que Castela o reconhecesse como soberano e assim se construísse a paz mútua. Contudo, Castela ainda não pactuava com tais planos. Para obrigar Castela a aceitar, o rei português, decide, não apenas defender o reino, mas avançar militarmente, com o intuito de forçar as negociações de paz.

³¹⁸ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIX, pp. 151-154.

³¹⁹ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 58.

³²⁰ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LX, p. 155.

Era essa mesma intenção o que motivava a hoste portuguesa quando decide cercar Tui, que terá capitulado em novembro de 1389³²¹. Simultaneamente, enquanto o rei cercava Tui, uma hoste castelhana, liderada pelo Mestre de Alcântara, vinha em direção à Beira com o intuito de entrar em Portugal. Sabendo disto, Nuno procura formar a hoste portuguesa para lhe travar a entrada. Tarefa que não se veio a verificar fácil pois “elle não tinha ne poda ver dinheiros de q lhe pagasse o soldo”³²². O Mestre de Alcântara, sabendo dos planos do Condestável português, rapidamente desiste do seu intento. Mais uma vez a fama do Condestável tinha amedrontado os inimigos.

Perante a perda de Tui, e talvez vendo que só a ideia do Condestável português amedrontava o seu exército, o rei de Castela decide então negociar as primeiras tréguas. Para negociar, D. João I “escolheu por sua parte D. Fr. Alvaro Gonçalves, Priol do Espirital, e Lourenço Annes Fogaça, seu chanceler-mór”³²³. Foram então, em Monção, assinadas as tréguas, com as seguintes condições:

«Que el-rei de Portugal leixasse a el-rei de Castella Tuy, que lhe havia tomado, e Salvaterra d’entre Douro e Minho; e el-rei de Castella a el-rei de Portugal Noudar e Olivença, e Mertola; e em riba de Côa Castel Rodrigo, e Castel Mendo e Castel Melhor, e que Miranda e o Sabugal, que el-rei de Castella mais tinha, ficasse em poder do Priol como fiel d’estes feitos. E assim outras taes condições, com que entonce foram firmadas aos vinte e nove dias de novembro»³²⁴.

Finalmente se iniciava um período de paz, tão desejado no reino. Simultaneamente, neste período, o cenário político de Castela alterava-se, pois D. João I de Castela morre a nove de outubro de 1390³²⁵. Isto fazia com que as duas filhas do duque de Lencastre estivessem no trono de Castela e de Portugal, pelos casamentos celebrados anteriormente, tal como já versámos.

Neste período de alguma serenidade, Nuno percebe que é altura de repartir com aqueles que consigo tinham andado a combater, tal como havia prometido antes. Assim o fez, algo que não agradou totalmente quer ao rei de Portugal, quer a João das Regras. João das Regras aproveitava esta serenidade vivida no reino para influenciar o rei para um novo estilo político, numa vassalagem ligada muito mais diretamente ao rei, sem grandes senhores poderosos intermediários:

³²¹ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 61.

³²² [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXII, p. 157.

³²³ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VI, c. CXLI, p.63.

³²⁴ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VI, c. CXLI, p.63.

³²⁵ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VI, c. CXLVII, pp.83-84.

«Nos dez anos de guerra, sob a pressão de condições críticas, o Mestre de Avis fora forçado a repartir o Reino em pedaços, para ter quem o seguisse; fora forçado a abdicar dos seus direitos em favor das cidades e vilas que se pronunciavam por ele. Agora, feita a paz, começava outra luta; porque esse trono, engrandecido pela doutrina nova, aparecia, afinal, como a sombra de uma realidade, sem direitos a exercer, sem benefícios a fruir, sem força efectiva sobre que apoiar o exercício do governo. O ceptro estava partido em hastilhas, o manto despedaçado em retalhos: exactamente quanto, na mente que animava o poder, esse ceptro havia de ser uma vara de juiz, não uma espada de cavaleiro; e esse manto havia de cobrir todo o país para estabelecer à sombra dele o reinado da fortuna e da ordem. A nova monarquia, embora nascida da guerra, era essencialmente pacífica»³²⁶.

Em 1393, a quinze maio, na festa da Ascensão, foi renovado o pacto de paz por mais quinze anos³²⁷. Este novo período, mais extenso, de paz faz com que Nuno repense a sua vida. A guerra estava acabada, “a antiga sociedade aristocrática, de onde procedia, já desde a sua infância lhe parecia transformada numa nuvem poética, embalsamada pelos aromas inebriantes do nardo místico da cavalaria”³²⁸. Mesmo perante esta *sociedade nova* o Condestável não abandonou o seu papel, “pelo contrário, colaborou na obra pacífica da reorganização das instituições nacionais, tomando a si o plano da criação do primeiro exército real e permanente”³²⁹.

Desinteressado de todos os seus bens, Nuno ia distribuindo-os conforme a sua vontade. Isto, como vimos anteriormente, ia contra as ideias que agora estavam a surgir. Era o momento de combater, não contra espadas, mas um “combate com essa legião mesquinha de gente de garnacha negra”³³⁰. Opunha-se claramente à proibição de fazer as suas doações. Estava triste com o rumo que o mundo levava, com o dá e tira.

Decide então convocar a sua gente em Estremoz, enquanto o rei estava em Atouguia, e então

«o Conde [Nuno] fallou, dizendo como el-rei havia por seu serviço de lhe tirar parte das terras que lhe dado tinha, por a qual razão se elle não podia suportar, como a sua honra pertencia, com as que lhe de ficar houvessem, e que porém se queria ir fóra do reino a buscar sua vida, guardadno sempre o seviço d’el-rei seu senhor»³³¹.

Perante tal cenário e em face do descontentamento com as atitudes que o rei estava a tomar, alguns decidem abandonar o país. Tendo conhecimento disto mesmo e

³²⁶ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 287.

³²⁷ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VI, c. CL, p.94.

³²⁸ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 288.

³²⁹ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 290.

³³⁰ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 296.

³³¹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VI, c. CLIV, p.107.

percebendo a gravidade da situação, imaginemos quando os castelhanos soubessem que o Condestável tinha abandonado o reino, depressa o rei envia emissários com o intuito de demover Nuno de abandonar o reino português. Após várias tentativas, apenas o bispo de Évora, D. João, conseguiu alguns resultados e fez Nuno repensar. Assim Nuno decide ir ao Porto para negociar diretamente com o rei³³². Ficaria então combinado que:

«E hy foy hordenado que elrey tomasse pera sy todollos vassallos que o Condeestabre tinha e assy dos outros grandes que os tijnham: que outrem nem teuesse vassalhos senom elle. E que o Condeestabre tomasse pera sy totalhas terras que tinha dadas ho que elle fez muyto cotra sua vontade: mais nom pode hy al fazer. E como lhe as terras foro tiradas: elrey pos a todos suas cotijas, e asi ficou o Condeestabre assessegado sem lhe bollindo co suas terras de jurderdade mas todauia foronlhe tiradas as que tinha de prestimo»³³³.

Entretanto acontecia algo que ajudava a estas negociações. Estavam a recomeçar as hostilidades com Castela “e talvez a intenção de guerra se devesse ao facto de terem chegado a terras de Espanha notícias do diferendo entre o rei e o Condestável de Portugal”³³⁴. O rei precisava novamente de Nuno pois, afinal de contas era o seu Condestável e isso mesmo deve ter ajudado a resolver o diferendo.

Castela não cumpria com as suas obrigações anteriormente fixadas no acordo. Como resposta por parte dos portugueses, tomam de surpresa Badajoz. A cidade ficava como que uma garantia para o cumprimento do acordo por parte dos castelhanos. Então mandou o rei português a Castela com o recado da tomada de Badajoz³³⁵. Naturalmente que Castela não ia ficar sem resposta. Como represália, “Martim Vasques da Cunha e seus irmãos, e chegaram a Vizeu, e foi toda a cidade queimada, e feito muito mal n’aquella comarca”³³⁶, seguindo em direção ao Alentejo.

D. João I manda chamar os seus homens de armas, entre eles o Condestável. Nem todos acederam ao chamamento do rei, talvez tendo ainda presente aquilo que o rei lhes tinha feito. Porém Nuno mal recebeu o recado, prontamente partiu em direção a D. João I, “Chorava quase de alegria. A reconciliação era completa de ambos os lados. O clamor da guerra varria outra vez para longe a névoa calculista da política”³³⁷. Porém, foi-lhes dada a informação de que o exército inimigo já fugira com o saque. Uma vez que as tropas estavam reunidas, decidiram fazer uma invasão a Castela como vingança pela atitude

³³² Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VI, c. CLIV, pp.107-108.

³³³ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXIII, p. 160.

³³⁴ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 235.

³³⁵ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VI, c. CLIX, pp.124-126.

³³⁶ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VI, c. CLXI, p.126.

³³⁷ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 306.

atrevida dos castelhanos. “Encontrar-se-iam novamente em Coimbra, para onde o Rei partiu imediatamente; Nuno voltou para Évora, onde havia deixado a sua tropa, e com ela seguiu igualmente para Coimbra”³³⁸.

Ao estarem a preparar isto mesmo, recebem a notícia de que os castelhanos desta vez estariam a invadir o Alentejo. Uma vez mais, decidem ir atrás deles e uma vez mais os inimigos conseguem escapar. Que decisão tomar a seguir? O Conselho, questionado pelo Rei, era a favor de o exército português ficar pelo reino. Porém, o Condestável, queria ir a Castela vingar os acontecimentos anteriores. Então passaram por Ouguela, Alboter, Cáceres, Arroio del Puerco, onde fizeram saques e prisioneiros. No fim desta expedição, regressaram a Portugal.

No início do ano de 1398, Nuno adoece. A doença durou cerca de três meses³³⁹. Como qualquer guerreiro, mal recuperou procurou novamente preparar uma entrada em Castela. Desafia o Mestre de Santiago para uma Batalha. Estava na altura de parar a hoste que teimava em fazer estragos em Portugal. Mais uma vez sem sucesso, a hoste castelhana fugira sempre³⁴⁰. Simultaneamente, também uma frota tinha entrado no Tejo de forma a invadir Lisboa, tentativa que se mostrou fracassada perante a resistência da população da cidade.

Vendo o rei de Castela que as coisas não corriam como planeado, decide retomar as negociações sobre as tréguas com Portugal. Para isso mandara Micer Ambrósio negociar com o rei. Estavam em outubro de 1398. Conseguem uma nova trégua de seis semanas³⁴¹. Durante este tempo foi possível tentar negociar um novo período de tréguas, desta vez por quinze anos. Porém, teriam que, ambas as partes, devolver as cidades e castelos que, entretanto, tinham conquistado³⁴². As condições dos castelhanos eram imensas. Não se contentavam com as devoluções das terras e pretendiam que o herdeiro de Portugal casasse com a rainha viúva de Castela, D. Beatriz. Estas e outras imposições deitaram por terra as negociações³⁴³. Fraudada a tentativa de conseguir os termos de paz restava aproveitar as frágeis tréguas.

Já no ano de 1400, é iniciada uma nova expedição a Castela, sempre com a intenção que esta cedesse e negociasse os termos de paz. Simultaneamente, outro tipo de

³³⁸ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 67.

³³⁹ Cf [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXVII, pp. 168-174.

³⁴⁰ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VI, c. CLXV-CLXVIII, pp.140-151.

³⁴¹ Cf [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXII, pp. 188-191.

³⁴² Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VII, c. CLXXXII, pp.51-53.

³⁴³ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VII, c. CLXXXIII, pp.54-56.

negociações acontecia. Tratava-se do casamento entre o filho do Rei, D. Afonso, com a filha do Condestável, dona Beatriz³⁴⁴, o que acabou por se concretizar. Estando já casada e a viver com o seu marido em Chaves, dá-se um terrível acontecimento: a Nuno “veeo recado q sua filha morrera de parto”³⁴⁵.

Entretanto, vendo que não havia nenhum desenvolvimento por parte de Castela em relação aos termos de paz, decide o reino português provocar o inimigo. A guerra constante continuava a desgastar ambos os reinos, e pela experiência que ultimamente se via, não havia grandes mudanças geográficas a registar. Percebe Castela que, para não estar a ser constantemente invadida pelos portugueses, com todos os custos que isso implicava, que o ideal era mesmo negociar. “Finalmente, em 1402, no dia 1 de junho, uma quinta-feira, foram iniciadas novas negociações. Desta vez em Segóvia”³⁴⁶.

«Ao cado das negociações, assinaram a trégua de dez anos, restituindo-se reciprocamente Badajoz, Tuy, Salvaterra e San Martín, por um lado; pelo outro, Bragança, Vinhais, Castelo da Piconha, Miranda, Penamacor, Penha Garcia, Segura e Nodar, com os reféns e prisioneiros, sem resgate; e marcado o prazo de seis meses para ultimar a paz, ardentemente pedida pela rainha D. Catarina, irmã da portuguesa. Enviuvando, investida na regência, tratou-se finalmente a sério do reconhecimento da dinastia nova de Portugal, avistando-se os negociadores em Escario, sobre a fronteira, entre Castelo Rodrigo e San Felice, e chegando-se, depois de prolongadas lentidões, ao trato de aliança e paz de 1411, assinado em Medina del Campo»³⁴⁷.

Finalmente, estava alcançado algum tempo de serenidade. As armas poderiam descansar um pouco. Estava na altura de serem os juristas a guerrilhar. Estava reconhecida, por parte de Castela, a monarquia nova de Portugal.

8. Novos horizontes marítimos

O reino de Portugal, com o devido reconhecimento por parte de Castela, mergulha numa serenidade a que o Condestável ainda não se tinha habituado. Contudo novas questões se levantavam: Deveria o reino estar totalmente descansado? Estava Portugal preparado para o futuro?

D. João I, juntamente com o seu Conselho, pensavam na prosperidade do reino. Contudo, para isso “O país tinha de ter mais massa geopolítica, mais força, mais poder

³⁴⁴³⁴⁴ Cf [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXVI, pp. 199-200.

³⁴⁵ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXVII, p. 200.

³⁴⁶ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 62.

³⁴⁷ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 317.

estratégico, militar e económico, para não ficar à mercê de uma crise interna que o encontrasse mais fraco quando Castela estivesse mais forte”³⁴⁸. Simultaneamente, os infantes iam crescendo neste ambiente calmo, mas escutando sempre as histórias do antigamente, quando seu pai, juntamente com outros valorosos soldados, combatiam os castelhanos e eram os grandes senhores das batalhas, quando a fama do Condestável se via em ação. Condestável esse que agora se “ocupava com as igrejas que estava a construir”³⁴⁹. Os Infantes também desejavam ser valorosos cavaleiros, provar a sua habilidade em batalha e não simplesmente em torneios.

Qual seria então o passo seguinte? Transgredir o pacto com Castela seria a pior solução. Não valeria a pena reacender o conflito que tanto custou a serenar. Então porque não fazer uma aposta revolucionária? Porque não ir combater os Mouros? Porque não ir combater Ceuta? Afinal de contas, também estava relativamente perto do território e conquistando-se Ceuta ganhava-se o controlo de uma passagem marítima bastante aliciante. Mas seria correto fazer essa aposta? Então D. João I “Consultou os letrados, os teólogos, algumas pessoas com fama de santidade. Todos se manifestavam a favor da empresa: era serviço de Deus”³⁵⁰.

Com vozes a favor, o rei achou por bem consultar ainda duas pessoas de extrema importância, a rainha e o Condestável. A rainha não colocou obstáculos à expedição. Por sua vez, o Condestável, já com os seus cinquenta anos, era necessário perceber o que pensara. Marcam então uma caça como pretexto para conseguirem o momento ideal para o questionarem. Durante a caça em Montemor-o-Novo, estava na altura de saber a sua opinião, ao que ele lhes responde,

«O que a mim me parece rrespomdeio o comde, de que este feito nom foy achado per uos nem per outra nehuua pessoa deste mundo, somente que foy rreuellado per Deos quemdouos abrir aazo e caminho per que lhe fizessees este grande meriçimento. E pois que a elle praz de sse seruir de uos em este feito, hi nom há mais que escoldrinhar. Ca assy como a elle prouue de o trazer amte os olhos de uosso conhecimento, assy lhe prazera por sua merçee de o trazer a proveitosa fim. E uos por merçee nom çessees de obrar em ello, de guisa que por uossa mingua nom faleça nehuua cousa do que pera semelhante feito perteeçe»³⁵¹.

³⁴⁸ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 242.

³⁴⁹ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 85.

³⁵⁰ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 85.

³⁵¹ G. E. ZURARA, *Crónica da Tomada de Ceuta por El Rei D. João I*, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1915 p. 71.

Vendo que ninguém se opunha, estava na altura de planear a expedição, sempre em segredo. “Ceuta era interessante por várias razões: geograficamente estava próxima; religiosamente era muçulmana, logo, inimiga e objecto de guerra santa”³⁵². Era então o momento de convocar soldados, máquinas que permitissem o assalto e navios. Isto envolvia cerca de vinte mil homens³⁵³.

Entretanto a rainha D^a. Filipa falecera a dezanove de julho de 1415³⁵⁴, havendo, porém, quem afirme que tal se dera no dia dezoito³⁵⁵. Tal facto provocou algum receio naqueles que iriam tomar parte na expedição, pois “os presságios eram funestos!”³⁵⁶. Mesmo receosos decidem partir. Era o dia de São Tiago³⁵⁷ de 1415.

A primeira aproximação, a Ceuta, com as primeiras escaramuças, acontecera a doze de agosto. Contudo, devido às adversidades climatéricas, a empresa tem que se afastar e deixar a tempestade acalmar. Enquanto muitos se afastavam para uma posição mais confortável e mais calma, “O Condestável continuou ali mesmo com o resto da frota, apesar da tormenta e do perigo que fazia garrar os barcos e cortava as amarras e os cabos nos recifes”³⁵⁸.

O que fazer? Continuar a expedição mesmo com as contrariedades que se observavam? Voltar para Portugal como alguns desejavam? Ir sobre Gibraltar que estava ali tão perto? O Condestável era a favor de investir novamente contra Ceuta, opinião essa que o rei seguira. Então, no dia vinte e um, a hoste portuguesa avança sobre o objetivo, com condições climatéricas mais favoráveis, e logo se inicia a batalha. Batalha essa que durara poucas horas, e a hoste portuguesa “tomou a cidade tostemente cõ ajuda de Deos”³⁵⁹. Era agora necessário defender a posição pois os Mouros não iriam desistir facilmente. Isso mesmo se comprovou. Poucos dias depois, um grupo de Mouros procura retaliar, mas facilmente os portugueses conseguem combater-los e obriga-los a recuar. Talvez sem pensarem muito, os soldados partem atrás deles deixando a guarda da cidade desprotegida. A grande sorte foi o Condestável estar por perto, pois já um outro grupo de mouros se aproximava para dar batalha³⁶⁰.

³⁵² J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, pp. 243-244.

³⁵³ J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 244.

³⁵⁴ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 89.

³⁵⁵ Cf. J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 245.

³⁵⁶ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 89.

³⁵⁷ Cf. G. E. ZURARA, *Crónica da Tomada de Ceuta por El Rei D. João I*, pp. 152-153.

³⁵⁸ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 90.

³⁵⁹ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXVIII, p. 202.

³⁶⁰Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 92.

Estava-se então, por agora, na Ceuta portuguesa. O ambiente estava sereno e o trabalho dos soldados do rei, dos infantes e do Condestável estava terminado ali. Era necessário regressar a Portugal. No início de setembro partem em direção ao seu país.

9. Frei Nuno de Santa Maria

Os anos iam passando e o Condestável português acompanhava as construções que tinha encomendado³⁶¹. Em trinta de abril de 1423, finalmente fica ratificado o Tratado de Paz com Castela. Tinham terminado as batalhas.

O Condestável andando agora a cuidar de acompanhar as obras que tinha prometido, pensa também no seu futuro. Queria entregar-se a outra causa. Batalhas já não havia. Já não era necessário um guerreiro para defender Portugal. O herói só é herói quando tem a causa. “Se fora herói, fora porque Deus o assistira; sempre procurara segui-Lo e agir em Seu nome e nunca sentira como própria a força que o movia”³⁶². E tudo aquilo que houvera recebido como prémio pelos seus préstimos, nunca o conseguira sozinho. Como tal, não lhe pertence só a ele. Decide então repartir tudo quanto possuía.³⁶³ Era uma nova etapa da sua vida, um passo arrojado, mas afinal de contas, não estamos nós a falar de um guerreiro? Ao repartir tudo “como que se sentia aliviado dum peso, despindo-se”³⁶⁴. Voltava a ser o simples Nuno. Um homem, com muita fama é certo, mas sem nenhuns bens, “voltara à simplicidade ingénua pela estrada da santidade”³⁶⁵. Como confirma a Crónica, “Em tal guissa q quando elle chegou ao Moesteiro de Sancta Maria do Carmo hõde fez sua fim elle outra cousa nõ auia senõ huua çamarra de pano de gallez”³⁶⁶.

A constante intimidade que alimentava diariamente com Deus, fá-lo querer cada vez mais. Falara deste seu propósito com o provincial dos carmelitas. Pretendia entrar na Ordem como um simples Donato³⁶⁷, “admirado e confuso, o Provincial ouviu-lhe o pedido; tentou dissuadi-lo, que escolhesse o sacerdócio”³⁶⁸.

Após a consulta da comunidade, o Condestável é finalmente admitido.

³⁶¹ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, pp. 206-211

³⁶² J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 251.

³⁶³ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, pp. 209-210.

³⁶⁴ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 338.

³⁶⁵ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 338.

³⁶⁶ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, p. 210.

³⁶⁷ Donato era a designação dada a um leigo que servia no convento e que usava hábito.

³⁶⁸ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, 1960, pp. 95-96.

«Admittido com effeito o noffo Veneravel Bemfeitor, logo fe difpoz para a celebração do feu ingreffo contando 63 annos de idade, como conlta das noffas mais verídicas memorias. O Padre Doutor Fr. Affonfo de Alfama, Vigario Geral, e primeiro Provincial desta Provincia, foy o que gozou a felicidade de lhe veftrir o noffo Santo Habito, aos 15 do mez de Agofto do anno de 1423»³⁶⁹.

Decidia assim abandonar de vez a Corte, a riqueza, o mundo. Queria aproximar-se mais de Cristo e da Virgem Maria, na oração e no silêncio, na penitência e no jejum, no auxílio aos mais pobres, no serviço humilde e anónimo³⁷⁰.

«E como asy foi apartado: logo hordenou de fazer três cousas: A primeyra pidir por o amor de Deos pella villa o q ouuesse de comer. E a segunda nõ se chamar ne cõsijntir q lhe chamassem outro nome se nõ Nuno por humildade. E a terceira hir fora da terra e acabar lha q nom soubessem delle parte»³⁷¹.

Lisboa espanta-se com tal radicalidade de vida. O senhor todo poderoso, o homem que fora riquíssimo, o guerreiro, o herói, o Condestável queria ser donato? Queria viver da esmola? Perante tais notícias, D. Duarte, filho de D. João I, vai ao Convento para perceber o que se passava: “O bondoso príncipe, com as lágrimas nos olhos, pedia-lhe que conservasse os seus títulos”³⁷², ao que Nuno lhe retorque: “O Condestável já está morto e amortalhado...”³⁷³. Não queria nenhuma riqueza, disso mesmo é prova a própria cela,

«huma pobre cella, que para fua accommodação mandára lavar: e era tão apertada, que a penas podia caber nella, como fe antes da morte lhe houeffe de ferver de jazigo. Nesta pequena habitação [...] nada quiz ter mais, que huma devota Imagem de Chrifto crucificado, onde continuamente empregava os olhos, para confervar o efpirito fempre unido ao Divino Prototypo; e humas mantas groffeiras, que lhe compunhaõ humilde cama. As paredes eftavaõ nuas: e fe nellas admitia alguns adornos, eraõ fó cilicios, difciplinas, e ourros infrumentos de mortificação, com que fazia quotidianas penitencias»³⁷⁴.

Embora Nuno não cedesse ao pedido do infante para se despojar dos títulos que o acompanhavam, o Rei não permitiria que o seu Condestável andasse a mendigar pela cidade. Como tal “elrey e o principe poserom ao Cõdeestabre boa teça de dinheiros em cada huu anno em que se mãteuesse elle e os que com elle estauã: a que lhe era muy be

³⁶⁹ J. P. SANTANA, *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia Nestes Reynos de Portugal, Algarver e seus Dominios*, Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram, Lisboa, 1745, T I, Pt III, C XIV, p. 415.

³⁷⁰ Cf. J. N. PINTO, *Nuno Álvares Pereira*, p. 253.

³⁷¹ [S.N.], *Chronica do Condeitabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, p. 210.

³⁷² O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, pp. 340-341.

³⁷³ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 341.

³⁷⁴ J. P. SANTANA, *Chronica dos Carmelitas...*, T I, Pt III, C XIV, pp. 417-418.

paga em cada huu ãno”³⁷⁵. Com este dinheiro que o rei o provera “ho Condestabre della fazia muytas esmollas”³⁷⁶.

Só mesmo batalhas o poderiam fazer mudar de ideias. Isso mesmo veio a acontecer num curto episódio. O rei de Tunis, atual Tunísia, ameaçara Ceuta. Era preciso um reforço de soldados para ajudar a defender o reduto. Como tal, D. João I, com os seus filhos, preparam a armada para zarpar em direção a Ceuta. Isto mesmo chegou ao conhecimento do agora Frei Nuno de Santa Maria. Poderia ele virar costas a uma batalha? Claro que não! Apesar da idade, decide participar na sua última campanha militar. O rei e os infantes não lhe podiam dizer que não, embora o Donato não deixasse de ser o Condestável de Portugal. Porém, tal expedição não chegara a concretizar-se. Sabendo o rei de Tunis do apoio que partira de Portugal, desiste da ideia. Regressa então frade-guerreiro ao Convento.

Em 1431, a um de abril, Festa da Páscoa³⁷⁷, Fr. Nuno “agonizava, finalmente, na sua cela, abraçado a um Crucifixo. A última morte chegava, fazendo expirar no peito o sopro indispensável”³⁷⁸. Era o fim de uma vida enorme.

«Entrando em fim, na ultima agonia, rogou que para confolação do feu efpirito, lhe leffem a Paixão de Chrifto efcrita pelo Euangelifta S. Joaõ: e fazendo-o afim, com voz perceptivel, hum dos Religiofos, no tempo, que os outros recitavaõ as Preces da Igreja, ordenadas para aquella hora; logo que chegou á claufula do Euangelho, onde o mefmo Chrifto, falando com fua Mãy Santiffima, a refpeito do Amado Difcipulo, lhe diz: *Eis-aqui o uoffo filho*, deu elle o ultimo bocejo, e entregou fua ditofa alma ao mefmo Senhor, que a creára»³⁷⁹.

“e doutras muytas virtudes de boas obras hussou o Condestabre tantas q se nõ poderiam lembrar para se poer em esta estória”³⁸⁰.

³⁷⁵ [S.N.], *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, pp. 210-211.

³⁷⁶ [S.N.], *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, p. 211.

³⁷⁷ Cf. M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*, p. 98.

³⁷⁸ O. MARTINS, *A vida de Nun'Álvares*, p. 349.

³⁷⁹ J. P. SANTANA, *Chronica dos Carmelitas...*, T I, Pt III, C XVIII, p. 459.

³⁸⁰ [S.N.], *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, p. 211.

CAPÍTULO III

A DIMENSÃO ESPIRITUAL DE UMA VIDA: O AMOR A DEUS E O SERVIÇO À PÁTRIA

Partindo de que a espiritualidade é uma vida que se vive num contexto muito próprio, constatamos que a sua vida pode andar nestes dois critérios, no amor a Deus que se reflete no serviço à pátria. Por isso elencamos alguns pontos onde estão patentes estes dois vetores da sua vida.

Refletirmos então sobre a espiritualidade do nosso autor. Como se relaciona Nuno Álvares Pereira com Deus? Como cultivava ele essa mesma ligação? É possível um soldado estar em união com Deus? Estas são algumas questões que pretendemos abordar ao longo deste capítulo. Pretendemos mostrar como a sua vida está marcada pela união com Deus, de várias formas.

Naturalmente que vamos perceber que Nuno está marcado pela religiosidade popular. É alguém que procura servir Deus em todas as suas ações. O que faz é sempre para maior glória de Deus. Mas poderá a graça de Deus coabitar com o homem militar em Nuno? “Com efeito, a graça insere-se na natureza, não a suprime, antes a engrandece, ampliando, misteriosamente, as capacidades naturais”³⁸¹.

Pretendemos mostrar que atitudes ajudaram a levar o Santo Nuno aos altares da Igreja. Queremos mostrar que atitudes fazem dele um modelo de imitação no caminho da santidade. Sendo homem como nós somos, sendo feito do barro que nós fomos, o que o distingue?

Pensamos em dividir este capítulo em oito pontos principais de forma a ajudar a esquematizar um pouco uma vida tão complexa. Naturalmente esta divisão é muito redutora. Porém, é com o objetivo de ajudar a organizar um pouco o pensamento. Muitos outros pontos poderiam entrar nesta reflexão. Contudo, esta nossa apresentação parece-nos mais abrangente e mais coerente com os vários autores que acompanhamos ao longo deste trabalho.

³⁸¹ J. V. CARVALHO, *Nun'Álvares, Herói e Santo*, in J. P. GOMES (Org.), *S. Nuno de Santa Maria – Nuno Álvares Pereira, Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade*, Zéfiro, Sintra, 2009, p. 125.

1. “Piedade para com a pátria”

Importa, em primeiro lugar, perceber um pouco o que é a Pátria. Se nos dermos um pouco ao trabalho de pesquisar em qualquer dicionário em papel ou online facilmente nos é apresentada como “local onde se nasce”. Vemos, contudo, que para Nuno a Pátria tem um valor muito próprio, quase como sagrado.

Ao abordar o tema da Pátria Portuguesa surgem infindas possibilidades. Entre elas, no comum dos cidadãos, alguém tem presente a batalha de Aljubarrota. Como complemento vem sempre a figura do *Santo Condestável*. Este é um dos muitos responsáveis de hoje sermos Portugal. Porém será que encaramos Portugal/a Pátria como ele?

«Na doutrina de S. Tomás de Aquino, que se tornou comum entre os teólogos, deve o homem honras especiais e culto especial àqueles que estão na sua origem: Deus, pais e pátria. Daí o dever específico da ‘piedade para com a pátria’, *pietas erga patriam*»³⁸².

Nuno Álvares tem este amor á pátria muito presente ao longo da sua vida, como podemos comprovar ao longo de toda a sua biografia. O amor a Portugal sempre o levou a não cessar de o defender. Desde o início que percebemos a sua preocupação pela Pátria. Recordemos, por exemplo, aquando do trintário por D. Fernando, em que logo nesse momento se prontificara a defender o reino português ante as dificuldades da sucessão. Já aí percebia que o Reino não poderia cair na mão dos castelhanos, que teria que pensar em alguém para o trono: “E per spiritu de Deos lhe veeo ao pensamento q nom pertecia a outre bem i deuia ne podia fazer se nõ o mestre dAuys”³⁸³.

Lutou sempre pela independência de Portugal face a outros reinos. Ele mesmo o afirma aos companheiros antes da batalha dos Atoleiros:

“Amigos! eu nom sey que vos em esto diga mais do q vos ja disse: pero ajnda vos quero responder ao que dizees q os castellaãos som muytos: e grandes senores: tâto vos vinra mayor honrra e louuor de os vencerdes. E da duuida q segundo parece teendes por hy virem meus jrmaãos no a deuees de teer: ca vos digo e prometo de verdade que posto que hy viesse meu padre eu seria cotra elle por seruiço do mestre meu senhor: e por defender a terra que me criou. E pera vós veerdes que he asy se a uós praza de em esta obra sermos companheiros: eu vos prometo bem q com ajuda de Deos eu seja o primeyro

³⁸² CONFERÊNCIA EPISCOPAL, *Pastoral Colectiva – VI Centenário do Nascimento de Nuno Álvares Pereira*, Lumen, União Gráfica, Lisboa, 1960, vol. XXIV, p. 430.

³⁸³ [S.N.], *Chronica do Conde de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XVI, p. 41.

que a começe: e assy poderdes veer a vôtade que eu em este feyto tenho cótra meus jrmãos”³⁸⁴.

Se toda a sua vida se encontra definida pela defesa do reino de Portugal, pensamos que existem dois momentos que merecem especial importância. Poderíamos destacar muitos mais, é certo, porém estes destacam-se pois foram a centelha que incendiou vários momentos da independência de Portugal. O primeiro momento é o das cerimónias fúnebres de D. Fernando. Recordamos que foi exatamente com a morte deste que a questão da sucessão começou a ser um problema, pois a sua filha estava ligada a Castela. Contudo, Nuno percebendo isso mesmo, é acompanhado por um conjunto de soldados nessas mesmas cerimónias. Não que se sentisse ameaçado, mas antes antevendo o que se aproximava³⁸⁵.

O segundo momento é o das Cortes de Coimbra. Também aí aparece com um conjunto de soldados. O objetivo seria mais ou menos o do primeiro, isto é, procurar causar alguma pressão aos presentes. Era jovem, embora já tivesse alguma importância dentro da Corte, isso não seria o suficiente para que a sua presença fosse considerável. Por várias vezes, foi obrigado a defender a soberania da Pátria através da força³⁸⁶.

Vemos também que apenas se desliga da sua missão de Condestável quando a liberdade da sua Pátria está minimamente assegurada, e mesmo aí, vemos que ainda volta a Ceuta para conquistá-la aos mouros.

Sendo a soberania da Pátria uma disputa justa, Nuno Álvares sempre procurou que estivesse em ligação com Deus, não criando nenhuma esquizofrenia de guerreiro – cristão. Não se separa de Deus em questão alguma. Era vontade de Deus esta guerra, defendia ele. E se era vontade Sua, também Ele ajudaria o exército português na sua missão. Nuno refere,

“porque nós temos justa querela e razão pera defender nossa terra, crendo que Deus é justo juiz, cheguemos a Elle que nos ajude, e se assim fizermos tendo firme esperança em Deus, poucos de nós vencerão muitos”³⁸⁷.

O amor para com a Pátria demonstrado por Nuno Álvares Pereira é também comprovado pela sujeição aos reis. Recordemos o que disse a D. Fernando:

“Senor a vossa merçee sayba q por eu seer como sō vosso criado: e pollas muytas merçes que meu padre e meu linhagem: e esso mesmo eu ey de vos

³⁸⁴ [S.N.], *Chronica do Condeta bre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXVIII, p. 66.

³⁸⁵ Cf. [S.N.], *Chronica do Condeta bre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XV, pp. 39-40.

³⁸⁶ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXVIII, p. 198.

³⁸⁷ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. XCII, p. 58.

recebidas: e entendo de receber: mais ao diante: em grande desejo de vos servir em tal cousa q vossa merçee se ouuesse de my por bem seruido”³⁸⁸.

Procurou sempre não contra a sua vontade. Procurou sempre exercer a sua missão em consonância com o monarca. Mesmo quando não concordava com ele, pois recordamos o caso das doações às quais o rei se opunha e , mesmo aí, era impensável que ele se passasse para o lado dos inimigos da Pátria. Várias vezes fora tentado a mudar de lado. Várias vezes fora subornado para abandonar a causa da independência de Portugal e juntar-se ao rei de Castela. Contudo, mesmo nessas alturas, o seu patriotismo falou mais alto e nunca cedeu a tais pretensões. Mesmo quando a sua própria família procurou essa cedência, ele foi capaz de se manter firme e até convencer a mãe a vir para a causa portuguesa³⁸⁹, sendo que o mesmo sucesso não conseguiu com alguns irmãos.

Nuno Álvares goza do sagrado direito pelo seu excelente desempenho à pátria. É leal à pátria e é lhe devido o agradecimento de todos os portugueses.

Importa também salientar o que move este seu amor patriótico. Por um lado, é sempre o anseio por uma paz duradoura. “O fim da guerra consiste em obter a paz”³⁹⁰. Vemos também que ele tem bem presente a questão da defesa do reino nas batalhas. Não batalha sem razão, como se fosse um lunático desejoso por batalhas. Não. Nuno Álvares Pereira batalha pela soberania da nação, “A portugueses! Pelejar, filhos e senhores, por vosso rey e po vossa terra!”³⁹¹.

Por outro, pretendendo ainda combater os cismáticos, isto é, aqueles que apoiavam o *anti-Papa* ou que não eram cristãos. Algo que abordaremos mais à frente.

É certo que o amor a Deus e o amor à Pátria, se não for corretamente equilibrado, pode levar a extremismos. Contudo, defende D. Francisco Rendeiro, “creio que se pode amar a pátria sem ser santo, mas também que só os santos encontram a medida exacta do amor da pátria no amor de Deus”³⁹². E mais, sendo Nuno um jovem génio militar, destemido, persistente, defende o mesmo autor, que “foi um autêntico dom de Deus à Pátria Portuguesa”³⁹³.

³⁸⁸ [S.N.], *Chronica do Condeta bre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XI, pp. 24-25.

³⁸⁹ Cf. [S.N.], *Chronica do Condeta bre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XIX, p. 47.

³⁹⁰ J. P. GOMES, *O Galaaz do Carmelo*, in J. P. GOMES (Org.), *S. Nuno de Santa Maria – Nuno Álvares Pereira, Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade*, Zéfiro, Sintra, 2009, p. 179.

³⁹¹ [S.N.], *Chronica do Condeta bre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LI, p. 124.

³⁹² F. RENDEIRO, *Nuno Álvares Pereira, Hoje*, in J. P. GOMES (Org.), *S. Nuno de Santa Maria – Nuno Álvares Pereira, Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade*, Zéfiro, Sintra, 2009, p. 113.

³⁹³ F. RENDEIRO, *Nuno Álvares Pereira, Hoje*, p. 122.

2. “Fazer Cristandade”

Este tema está intimamente ligado ao anterior. Naturalmente que o principal objetivo de Nuno quando partia para as batalhas não seria partir numa espécie de Cruzadas. O seu pensamento era em função da independência de Portugal. Batalhava pela afirmação em primeira instância do reino português e não do cristianismo. Porém, também é verdade que, normalmente, luta com cismáticos e hereges. Tem consciência disso. Também é mais um motivo para a legitimação da própria guerra, pois como resultado de muitas batalhas, também está o alargamento dos cristãos que apoiavam o Papa e até mesmo a evangelização de outros povos.

No caso específico dos inimigos de fronteira, importa recordar que Castela apoiava a situação do anti-Papa de Avinhão. Se, eventualmente, D. João de Castela se tornasse monarca português, arrastaria todo o reino para essa causa. Contudo, Portugal havia-se mantido fiel a Roma e não queria, por razão alguma, passar para o lado do anti-Papa. Isso mesmo percebera também Nuno. Ele próprio não queria de forma alguma ser mais um cismático.

O título *nação fidelíssima* também se vê comprovado nesta altura. Além de se manter fiel a Roma, ainda procurou que as influências do anti-Papa não tivessem efeitos em Portugal.

Já no episódio de Ceuta, também os motivos religiosos o moviam. Recordemos a resposta dele quando o questionam sobre a sua opinião de fazer a incursão a Ceuta,

«O que a mim me parece rrespomdeio o comde, de que este feito nom foy achado per uos nem per outra nehuua pessoa deste mundo, somente que foy rreuellado per Deos queremdouos abrir aazo e caminho per que lhe fezessees este grande meriçimento. E pois que a elle praz de sse seruir de uos em este feito, hi nom há mais que escoldrinhar. Ca assy como a elle prouue de o trazer ante os olhos de uosso conhecimento, assy lhe prazera por sua merçee de o trazer a proveitosa fim. E uos por merçee nom çessees de obrar em ello, de guisa que por uossa mingua nom faleça nehuua cousa do que pera semelhante feito perteeçe»³⁹⁴.

Importa ainda recordar que, o Norte de África, embora estando sob o império muçulmano, já fora cristão, embora oprimido. Será prudente dizer que Nuno Álvares Pereira esteve presente na primeira missão de Missionação Portuguesa, com grande significado no século XV? Talvez arriscado, é certo, mas não totalmente descabido.

³⁹⁴ G. E. ZURARA, *Crónica da Tomada de Ceuta por El Rei D. João I*, p. 71.

Nuno encara esta expedição como serviço de Deus. Encara como oportunidade de levar a salvação das almas a outras pessoas e a outros territórios:

«Que arguimento de pallaura senhor, rrespomdeo o comdestabre, posso eu fazer nem outra nehuúa pessoa que aqui seia ante uossa presemça que pareça rrezoado soamente dizeruos como profeta. Esto he feito ao Senhor, e he marauilhoso ante os nossos olhos. Nem uos nom queyraaes meter este feito no comto dos outros, porque as outras cousas sobre que uos filhauees comsselho ajmda que justamente o fizessees, era porem pêra buscar certos caminhos per que mais ligeiramente podessees segurar uossa uida e homrra, e assy de uossos sogeitos e naturaes. mas este feito soamente perteeçe ao seruiço de Deos e o saluaçam das almas, uossa e daquelles que uos em ello seruirem. E quamto a alma he mais nobre que o corpo, tamto nosso Senhor Deos toma mayor cuydado demderemçar os comsselhos daquelles que sse mouem pêra sua saluaçom»³⁹⁵.

Sentia-se feliz de, mais uma vez, poder servir a pátria e servir Deus. Ter a oportunidade de, apesar de uma idade já avançada, levar Deus aos outros. D. Francisco Rendeiro afirma mesmo que a Pátria Portuguesa “Criou-a a espada do Fundador, que desceu até aos campos de Ourique, e consolidou-a a espada do Condestável, que tornou possível a era do Infante das Caravelas”³⁹⁶.

Nuno fora durante grande parte da sua vida um insigne cavaleiro. Como tal, o serviço a Deus e à Igreja de Roma também o moveram. Naturalmente que a intenção primeira era defender o reino português, mas a evangelização não deixou de ser uma consequência da sua ação. Alguém que procura cultivar o amor de Deus e com Deus, naturalmente tem a pretensão de o passar também aos outros: “Não era outro o espírito de Nuno Álvares. Nas lutas da independência na expansão de Portugal, o guerreiro era, acima de tudo, cristão. Com isto se afirma que Deus estava no princípio de toda a sua acção. Nele confiava, por ele se batia”³⁹⁷.

Como diz Charles Spurgeon: “Todo o cristão ou é um missionário ou é um impostor”. Impostor é coisa que Nuno nunca foi.

3. Espírito de humildade e de caridade

Ao abordar a espiritualidade do Condestável é quase impossível não lhe reconhecer a humildade e a caridade. Como já tivemos oportunidade de evidenciar ao

³⁹⁵ G. E. ZURARA, *Crónica da Tomada de Ceuta por El Rei D. João I*, p. 81.

³⁹⁶ F. RENDEIRO, *Nuno Álvares Pereira*, 2009.

³⁹⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL, *Pastoral Colectiva – VI Centenário do Nascimento de Nuno Álvares Pereira*, vol. XXIV, p. 431.

longo da sua biografia, a sua vida é marcada por um grande desprendimento face às realidades terrenas. Estas realidades nunca foram a sua ambição, nem a sua sedução. Antes serviram de meio para servir Deus nos outros

Como refere J. Pinharanda Gomes,

«A escolha da pobreza segundo o voto constitui, de per si, um acto de piedade, uma imersão na caridade. O que escolhe servir tem de se tornar análogo desse a quem serve, ou do que serve»³⁹⁸.

Nuno faz esta experiência: nos seus últimos anos de vida, “apartouse a servir Deus em estado de pobre”³⁹⁹. Destacam-se três grandes atitudes: o apartar-se (despojar-se), o serviço e a pobreza⁴⁰⁰. Esta tríade pode ser marca do auge da sua vida. Foram estas algumas das vias usadas para estar próximo de Deus, para dar espaço a Deus, para servir Deus nos outros.

Ao longo da sua vida nunca procurou ser superior aos outros, mesmo estando em postos de chefia. Procurou estar ao serviço de todos, independentemente do seu estatuto social. Era alguém humilde, que procurava acolher todos aqueles que se aproximavam, “Foi de alta e prudente conversação, onde cumpria a boa e amorosa aos de maior estado; e aos muito pequenos tão doce como parvo”⁴⁰¹. Mesmo em relação aos inimigos, sempre os recebia bem: “episódios e gestos de bondade para com os adversários, que mal se compreendem em homens de armas, em horas de exaltação guerreira. Por eles se define a grandeza do cristão”⁴⁰². Talvez a isso se deva alguma fama de bondade que se foi criando mesmo pela parte dos inimigos.

Vamos agora abordar alguns episódios, dos muitos possíveis, que atestam a humildade e a caridade que abundam em Nuno Álvares Pereira. Um primeiro caso acontece quando, após a tentativa de tomar Torres Vedras, decide levantar o cerco. Quando partiam, muitos habitantes decidem abandonar a cidade e partir juntamente com o exército português. Entre as várias pessoas havia “ataa huu çego que no arrualde moraua bradaua que o ñ leixassem ally entre aquella gente maa”⁴⁰³. O Condestável

³⁹⁸ J. P. GOMES, *O Galaaz do Carmelo*, p. 185.

³⁹⁹ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXIX, pp. 204-205.

⁴⁰⁰ Cf. J. P. GOMES, *O Galaaz do Carmelo*, p. 186.

⁴⁰¹ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. CLXXXIII, p. 218.

⁴⁰² CONFERÊNCIA EPISCOPAL, *Pastoral Colectiva – VI Centenário do Nascimento de Nuno Álvares Pereira I*, vol. XXIV, p. 431.

⁴⁰³ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 101.

ouvindo este, teve “delle peidade ho mandou poer tras sy nas ancas de hua mula em que hya com o Meestre. E assy o leuou quatro legoas honde o çego foy contente de ficar”⁴⁰⁴.

Um segundo episódio acontece quando, estando Nuno um dia no seu arraial prestes a começar a sua refeição,

«em todo arrahal era grãde mingua de mantimentos. [...] E seedo o Cõdeestabre comendo tedo cinco paães na mesa que na sua caquitaria nõ auia mais. Chegaram a elle cinco caualleiros jngreses: dizendo que moriam de fame: e que queriã cõ elle beuer: e elle disse que lhe prazia dello muyto: e mandoulhes trazer augua aas mãos: e des y mandouos assentar: e elles disserom q queriam beuer de pee: e cada huu lõçou mão de seu pam: e comerõ e beuerõ duas vezes: e forõse. E assy nom ficou ao Condeestabre pã nenhuu»⁴⁰⁵.

Procurava sempre repartir com os outros. Mais do que repartir, o Condestável procurava colocar-se ao serviço do próximo. Não era alguém com cobiça, procurando guardar tudo para ele, como teria direito de fazer. Inúmeras vezes vemos:

«E ao conde prougue muito com elles, e lhe deu de si grande gazalhado e bom acolhimento, e isso mesmo. Lhe vinham muitas bestas porque sabiam que levava suas gentes desencavalgadas, as quaes elle logo repartia egundo a cada um fazia mister»⁴⁰⁶.

Ou ainda,

«Em todas as cousas que fossem tomadas dos inimigos em batalhas e feitos d’armas quando entrava por Castella, ou por outra qualquer guisa, se mostrava mui sem cobiça, não tomando nenhuma d’ellas a aquelles que as alcançavam por nobres e boas que fossem, mas mandava partir as cavalgadas e esbulho das peejas por geande egualdeza, poendo por quadrilheiros pera as partir, bons homens, e sem cobiça, de guisa que todos eram contentes; e se lhe alguma cousa cahia muito em vontade, posto que lh’a offerecessem, não a queria tomar, mas mandava-a comprar á vontade d’aquelle cuja era, sem geito nenhum de senhorio, d’outra guisa não»⁴⁰⁷.

Um terceiro relato é o exemplo da caldeira. Numa das várias expedições que o Condestável realiza por Castela, trouxera consigo uma grande caldeira de cobre que começara a usar para confecionar as refeições para o exército português. Porém, quando se retirou para o Carmelo, a mesma caldeira veio com ele. O propósito dela agora era outro. Continuava a ser matar a fome, porém, agora, a destinatários diferentes,

⁴⁰⁴ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLI, p. 102.

⁴⁰⁵ [S.N.], *Chronica do Condeestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XLVIII, p. 114.

⁴⁰⁶ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. IV, p. 32.

⁴⁰⁷ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VII, c. CC, p.125.

«Huma grande Casleira de cobre, firmada fobre três pés de ferro, que na campanha fervia de cofinhar a vianda principal para a fua numerofa família, agora fazia o quotidiano comer dos pobres, que junto á mefma Portaria o recebiaõ, distribuindo muitas vezes pelas mãos Santas do Virtuofa Condftavel; nas quaes permittia Deos, que o conduto fe multiplicaffe, porque a todos fupria com fobras: e já mais chegaraõ os últimos que não tiveffem tão cheyos os pratos, como os primeiros»⁴⁰⁸.

Como tivemos também oportunidade de ver, por diversas vezes o Condestável repartiu as terras que o rei lhe doava pelos soldados que o acompanhavam. Recordemos por exemplo, a pequena discórdia que isso provocou entre D. João I e o Condestável⁴⁰⁹. Repartia sem medida, “tudo o que o mundo lhe outorgara, restituía-o agora ao Senhor nos seus pobres”⁴¹⁰. Era um bom amigo dos seus companheiros, não por aquilo que lhes dava, mas antes pela forma como os tratava,

«Assim se estabeleceu entre o Condestável e os seus homens uma sólida ‘confraternidade guerreira’, a que não faltava nada do que torna habitualmente feliz a convivência entre os membros de uma família, nem sequer a alegria, uma alegria comunicativa e não obstante calma»⁴¹¹.

Preocupava-se também com a fome, tinha receio de que em anos em que as culturas agrícolas sofressem alguma perda, a fome pudesse ainda ser maior. Isso mesmo aconteceu uma vez, quando cerca de quatrocentos castelhanos vieram famintos à sua procura. Perante este cenário, Nuno “hordenou de lhes mandar a cada huu cada mês quatro alqueres de trijgo. [...] O qual mâtijmento lhes foy dado quatro meses”⁴¹².

Tinha sempre especial cuidado com os pobres, não apenas quando foi para o Carmelo. Já antes procurava apartar um décimo de todos os dinheiros que em sua casa entravam para repartir: “os dinheiros deste dizimo erã dados todos por amor de Deos a pobres”⁴¹³. Tinha também o cuidado de vestir os pobres das sua terras⁴¹⁴.

Muitas mais obras podem ser aqui exploradas, como por exemplo a esmola de Sexta-Feira Santa para os presos de Lisboa, que Nuno institui no Carmelo. O facto de

⁴⁰⁸ J. P. SANTANA, *Chronica dos Carmelitas...*, T I, Pt III, C XVI, pp. 438-439.

⁴⁰⁹ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VI, c. CLIV, pp.107-109.

⁴¹⁰ P. KALLENBERG, *Beato Nuno de Santa Maria*, in J. P. GOMES (Org.), *S. Nuno de Santa Maria – Nuno Álvares Pereira, Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade*, Zéfiro, Sintra, 2009, p. 94.

⁴¹¹ A. R. RODRIGUES, *Nun'Álvares visto por dentro*, in J. P. GOMES (Org.), *S. Nuno de Santa Maria – Nuno Álvares Pereira, Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade*, Zéfiro, Sintra, 2009, p. 175.

⁴¹² [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, p. 209.

⁴¹³ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, p. 207.

⁴¹⁴ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, p. 208.

andar a pedir esmolas pelas mesmas ruas. A visita que fazia frequentemente aos doentes. O cuidado com os moribundos, entre outras⁴¹⁵.

Como diz a segunda Carta aos Coríntios no capítulo oitavo, “sendo rico fez-se pobre”. Este poderia ser muito bem o lema de vida de Nuno, pois “Um homem, considerado também por ser rico, escolhe ser pobre e, por fim, um homem que se julgava digno de ser servido, torna-se ele mesmo, servidor”⁴¹⁶.

4. Importância da castidade

A vida de Nuno Álvares Pereira é marcada pela virtude da castidade. Como já tivemos a oportunidade de abordar na sua biografia e agora veremos um pouco mais profundamente, para o Condestável a castidade não era uma realidade distante. Pelo contrário. Nuno já ainda em pequeno se tinha encantado pelas histórias de Galaaz e como a sua virgindade era uma arma para ser valoroso cavaleiro. Esse ideal já lhe criara um enorme fascínio.

Nuno também queria ser um bom cavaleiro, queria ser um pouco como Galaaz. Queria servir com toda a sua disponibilidade. “E elle desejava muyto de o parecer em alguma guisa e muytas vezes em sy cuydava de seer virgem se a Deos prouesses”⁴¹⁷. O matrimónio não estava no seu horizonte. Contudo nem todos assim pensavam. O seu pai achou por bem que Nuno não deveria ficar solteiro. Como tal, fez questão de lhe procurar uma senhora que pudesse casar com ele. Este não era, de todo, o que Nuno tinha pensado para o seu futuro. Perante tal proposta por parte do pai, ele responde-lhe:

«Senhor vos me falastes em cassamento: cousa de que eu ñ estaua auisado: e pore vos peço por merçee que me dees lugar pera em ello cuidar: e entom vos poderey em ello certamente responder do que me dello parecer»⁴¹⁸.

Contudo, acaba por aceitar o casamento, provavelmente não tanto por vontade própria, mas para ir ao encontro da vontade daqueles que o rodeavam, nomeadamente do pai e do rei. Mesmo casando com sua esposa e tendo os filhos, mesmo com isso não esquece o seu ideal de castidade.

«E ajnda cõ sua molher depois que elle veeo ao trijntairo delrey dõ Fernãdo que ficou cõ elrey seedo entõ mestre: nuca depois cõ ella dormio: como quer

⁴¹⁵ Cf. J. P. SANTANA, *Chronica dos Carmelitas...*, T I, Pt III, C XVI, pp. 439-441.

⁴¹⁶ J. P. GOMES, *O Galaaz do Carmelo*, p. 187.

⁴¹⁷ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. IV, p. 9.

⁴¹⁸ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. IV, p. 9.

que per vezes foy hõde ella estaua: e esto cõ grãde pena por ser hom~e nouo: mais todo auia por be e grãde prazer por seruir a Deos»⁴¹⁹.

Percebemos que o que o move não é propriamente o desamor pela esposa, mas antes o valor da castidade, para melhor servir a Deus. De igual forma, mesmo durante o casamento e após o falecimento da esposa, “elle cõ outra mulher nuca dormio se nõ cõ a sua: pero casasse mujto mãço”⁴²⁰.

Como referido anteriormente, a esposa de Nuno Álvares faleceu, sendo este ainda jovem. Mesmo tendo os monarcas planeado para ele novas núpcias, este recusou. Agora já não se via como que forçado a consentir. Dizia ele sobre este assunto, quando a proposta lhe foi dirigida em Braga: “que emquãto esteuera em Bragaa q sempre encima delle andara hua nuue negra: e q depois q de hy partyra lhe parecia que aqlla nuue negra ficara sobre Braga: e que elle vinha já desabafado sem ella”⁴²¹. Como facilmente se depreende, esta nuvem referia-se à noiva que lhe era proposta. Não era de todo este futuro que planeava para si.

Isto não quer dizer que não valorizasse o matrimónio, muito pelo contrário. Era escrupuloso em relação a tal, quer consigo, quer com os outros. Como nem sempre aqueles que o rodeavam tinham os mesmos princípios, Nuno viu-se obrigado por vezes tomar algumas medidas para tentar remediar a situação. Permitam-nos que destaques dois episódios concretos e que comprovam isso mesmo. Um primeiro aconteceu quando, numa expedição por Castela, ao tomarem uma vila, os seus soldados interrompem um casamento. Nuno quando tem conhecimento de tal, mandou soltar os noivos e dar continuidade a tal cerimónia, “tornou-lhe a fazer sua festa e officio, cantando os seus em ella, e leixou os noivos com os outros em paz, e tornou a seu alojamento, dizendo como assim cumpria de se fazer, pois que o casamento era um dos sacramentos da Santa Egreja”⁴²².

Um segundo episódio acontece com o seu exército e, posteriormente, com todo o exército do reino. Quando estava a hoste do Condestável em Bragança este apercebe-se da presença, talvez exagerada, de mulheres em tal. Perante tal cenário,

“os de sua companhia traziam todos mancebas, também os que eram casados como os que o não eram, ordenou que nenhum d’ahi em diante não trouxesse mulher comsigo; e se alguma fosse mais achada no arraial, que fosse logo

⁴¹⁹ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, p. 206.

⁴²⁰ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, p. 206.

⁴²¹ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LVIII, p. 150.

⁴²² F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VII, c. CC, p. 127.

açoutada publicamente por ello; e d'este mandado desprougue tanto a todos os que as traziam, que não houve ahi tal que o sofrer podesse com paciencia [...] não leixou elle de o poer em obra, entendendo-o por serviço de Deus e prol dos que eram em sua companhia”⁴²³.

Como podemos observar, o valor e a prática da castidade por parte do Condestável não surgem aquando a sua entrada no Carmelo. Já muito antes ele procura exercer esse valor. “O voto da castidade surge-lhe, na subida do Carmelo, como a confirmação da pureza a que se entregara, muito antes de receber o hábito eliano”⁴²⁴. O mesmo autor acrescenta: “Aproveitou o mal para atingir o bem, serviu-se do sofrimento para entrar na purificação, já que, ficando viúvo aos vinte e seis anos, – requestado por todas as grandes famílias do reino – a si mesmo prometeu definitiva castidade”⁴²⁵. A castidade de Nuno Álvares deve ser vista como um desprendimento. Não como uma perda, mas como uma possibilidade de entrega total ao serviço de Deus nos outros.

Para Manuel Wermers, a castidade está em ligação com a sua própria santificação. Refere:

“Ele santificou-se na sua mocidade, conservando-se puro e impoluto. Ele santificou-se na vida matrimonial, por seus exemplos de bom pai de família e por esse seu sacrificio extraordinário, feito no altar da pureza, a prática da continência. Ele santificou-se na viuvez, por seu andar casto e honesto, e recusando outro matrimónio”⁴²⁶.

5. Piedade fervorosa

A vida de Nuno, como observamos algumas vezes na sua biografia, fora marcada por vários momentos onde a sua piedade está expressa. Naturalmente que é uma piedade marcada pela religiosidade que estava presente na sociedade. Ao longo da sua vida não se cansa de repetir que, com a ajuda de Deus, conseguira atingir os propósitos que o movem. É esta mesma ajuda de Deus que resulta da sua proximidade com Ele. A piedade fervorosa de Nuno é assim um caminho que usa para cultivar essa proximidade.

Procuraremos agora observar alguns momentos específicos onde isso mesmo se comprova. Naturalmente que o caso mais conhecido será aquando da batalha de Aljubarrota. Antes de iniciar esta batalha, Nuno exorta os companheiros a

⁴²³ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LXX, p. 54.

⁴²⁴ J. P. GOMES, *O Galaaz do Carmelo*, p. 184.

⁴²⁵ J. P. GOMES, *O Galaaz do Carmelo*, p. 184.

⁴²⁶ M. M. WERMERS, *Nun' Álvares Pereira – Uma Espiritualidade Sempre Actual*, in J. P. GOMES (Org.), *S. Nuno de Santa Maria – Nuno Álvares Pereira, Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade*, Zéfiro, Sintra, 2009, p. 87.

encomendarem-se a Deus e à Virgem Maria. Antes da batalha propriamente dita, ainda de madrugada, Nuno começou a *ouvir suas Missas* e os clérigos davam a comunhão a quem assim o desejava⁴²⁷.

Além de tudo isto, ainda sobre esta mesma batalha, sendo véspera da solenidade da Assunção de Nossa Senhora, fazia questão de jejuar. Tinha este cuidado. Nuno “jujuaua três dias na somana sempre emquãto foy em hydade q podia soportar, a quarta feyra: e sesta: e sábado. E todollas festas e dias que a ygreja mãda guardar como fiell catholico”⁴²⁸.

Um outro aspeto que demonstra essa mesma piedade e cuidado acontece quando é nomeado comandante militar do Alentejo. Um dos primeiros cuidados que tem é para com a sua capela. Ele demonstra, ao longo da sua vida, um respeito enorme pelos edifícios e objetos religiosos. Procurava conservar os espaços limpos e arrumados. Proibira também o seu exército de causar qualquer tipo de estrago a estes mesmos locais por onde quer que passassem e os encontrassem, sob a pena de graves castigos. Quando um dia, alguns soldados seus partem numa curta expedição por Castela junto do arraial montado, “tomarõ muytos prioueyros e mujtos gaados: e nõ se contentarõ desto: e roubarõ hua ygreja q per o Condeestabre era muyto defeso”⁴²⁹. Ou ainda, fora dito a Nuno que um dos seus escudeiros, numa incursão por Castela, “tomare huu calez de huua igreja por a qual razam o logo mandouprehender”⁴³⁰. Inicialmente pensara em queimá-lo, porém, demovido pelos amigos de tal ação, expulsa-o do exército.

Este seu respeito, mesmo tratando-se de objetos de inimigos, denota a sua profunda consideração pela dimensão religiosa. Não valia tudo. Havia coisas que tinham que ser respeitadas, como o exemplo o sacramento do matrimónio, mesmo sendo dos inimigos⁴³¹.

Wermers destaca um acontecimento que é um pouco transversal a toda a sua vida, mesmo antes de entrar no Carmelo, “Além da Missas e da Comunhão, bem mais frequente do que era uso naqueles tempos, Nuno tinha o seu Ofício, diariamente, mesmo em dias de campanha”⁴³². Assim é resumido na Crónica: “ouuia suas missas muj devotamente. Cada hu dia duas missas e três em todollos sábados: e três todollos domijngos de que em

⁴²⁷ Cf. [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LI, p. 121.

⁴²⁸ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, p. 207.

⁴²⁹ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXVI, p. 167.

⁴³⁰ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LVI, p. 144.

⁴³¹ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VII, c. CC, p. 127.

⁴³² M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira - Uma Espiritualidade sempre actual*, p. 76.

Portugal ficou boõ enxeplo: espicialmente qos do paaço que dáte q o elle asy usasse poucos as ouuiã”⁴³³. Existia, para o Condestável, um enorme valor na eucaristia. Esse mesmo valor tentou mostrar e leva-lo aos outros: “É indiscutível a enorme influência moral que Nuno exerceu no seu tempo; a ele e à preclara D. Filipa de Lencastre devem-se a austeridade, que começou a imperar na Corte lusitana, e a piedade eucarística”⁴³⁴.

Tinha também a tradição de nos dias próprios, mesmo quando se encontrava fora de casa e estava no seu arraial fazer as procissões com tudo o que isso comportava: “Ao dia seguinte do Corpo de Deus teve o Conde hi sua festa, andando todos armados em procissão pelo arraial em bom assocego e ordenado regimento, como se fossem em uma cidade em que se ordenadamente e honrada podesse fazer”⁴³⁵.

As romarias, realidade com importância na Idade Média, também fazem parte da piedade de Nuno, entendendo-se por romaria uma viagem que se realiza a um santuário por devoção. Por diversas vezes, principalmente quando passava junto de um templo, procurava lá ir em romaria. Era uma forma de, além cultivar a sua fé, também agradecer toda a ajuda que ia recebendo. Não querendo destacar todas, pois tornar-se-ia numa longa lista, destacamos apenas algumas. A romaria a Santa Maria do Açumar, em que sendo dia das Endoenças foi a pé⁴³⁶. Após a batalha de Aljubarrota vai em romaria a Santa Maria d’Ourem⁴³⁷. Ou também, quando se apercebe do desleixo da disciplina que existia na sua hoste, estava em romaria a Santa Maria do Azinhoso⁴³⁸. Ou ainda, “foy e romaria a scã Maria do meo q esta na Sartaa”⁴³⁹. Além destes casos, houvera ainda outras vezes em que desistiu de o fazer, para o seu exército não prejudicar o espaço que pensava peregrinar, nomeadamente a Santa Maria de Guadalupe⁴⁴⁰.

Mesmo no final da sua vida encontramos relatos da sua piedade. Quando estava prestes a morrer, encontrava-se Nuno agarrado a “huma devotiffima Imagem de Chrifto crucificado”⁴⁴¹. Ou quando faleceu, tinha ele pedido que lhe lessem o relato da Paixão de Cristo escrita pelo Evangelista S. João⁴⁴².

⁴³³ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, pp. 206-207.

⁴³⁴ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira - Uma Espiritualidade sempre actual*, p. 83.

⁴³⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VI, c. CLXVIII, p. 153.

⁴³⁶ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. XCVII, p.74.

⁴³⁷ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. IV, c. XLVI, p. 185.

⁴³⁸ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LXX, p.54.

⁴³⁹ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LVI, p. 146.

⁴⁴⁰ [S.N.], *Chronica do Condetafre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LIV, p. 133.

⁴⁴¹ J. P. SANTANA, *Chronica dos Carmelitas...*, T I, Pt III, C XVIII, p. 459.

⁴⁴² Cf. J. P. SANTANA, *Chronica dos Carmelitas...*, T I, Pt III, C XVIII, p. 459.

Estes são alguns, dos vários possíveis, momentos que na vida do Condestável se percebem a sua piedade fervorosa. Não o fazia numa atitude de *cumprimento cultural*, antes vivenciava verdadeiramente cada momento. Aproveitava estas mesmas atitudes para assim se sentir mais perto de Deus.

«A piedade fervorosa foi causa, ocasião e efeito desta vida tão operosa e coerente. Nem ele, homem de carácter e de princípios, compreenderia a fé que se limitasse a rótulo vistoso e elegante, compatível com soturnas abdições e transigências morais, que alarmam e ferem a consciência»⁴⁴³.

6. Místico iluminado da oração

Como vamos constatando, quer pela biografia quer pelos temas abordados anteriormente, Nuno é alguém que tem uma vida, não marcada por muitas palavras, mas antes de oração permanente. Não é algo que surge apenas no final da sua vida, quando vai para o Carmelo, é transversal a toda a sua vida. O Carmelo surge quase como o auge desta sua vida. Além da sua enorme devoção à Virgem Maria, que teremos oportunidade de explorar mais à frente, é alguém que, mesmo quando aparentemente não seria o momento ideal, procura rezar, procura esta via para Deus, “Passava longas horas diante do Santíssimo Sacramento a rezar, sempre a rezar... Buscando contacto com o Criador em cuja presença devia viver, conforme disse, como pedra no seu centro”⁴⁴⁴.

Procuraremos agora demonstrar com alguns momentos da sua vida isto mesmo: mostrar a presença da oração na sua vida. Não raras vezes, encontramos relatos como este: “de noite ao serão, a horas que o Conde rezava”⁴⁴⁵. O Condestável não se limita apenas às *Missas*, como já observámos. Ele cultivava verdadeiramente a sua relação com Deus. Na Crónica a ele dedicado, refere o autor: “E este em seos dias rezava suas oras: leuãtãdose continuamente a rezar aa mea noyte como huu religioso: e esto equãto no mudo viueo”⁴⁴⁶. O que levava Nuno a fazer tudo isto? O porquê da oração?

Wermers possui uma expressão que pode muito facilmente ajudar a responder a tais questões: “a vida toda de Nun’Álvares Pereira tem sido uma ascensão interrupta para Deus”⁴⁴⁷. É exatamente isto que o move. É esta união mística com Deus. António

⁴⁴³ CONFERÊNCIA EPISCOPAL, *Pastoral Colectiva – VI Centenário do Nascimento de Nuno Álvares Pereira*, vol. XXIV, p. 433.

⁴⁴⁴ P. KALLENBERG, *Beato Nuno de Santa Maria*, p. 96.

⁴⁴⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. VI, c. CLXVII, p.148.

⁴⁴⁶ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, p. 207.

⁴⁴⁷ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira - Uma Espiritualidade sempre actual*, p. 87.

Rodrigues afirma mesmo: “registre-se a sua vida de oração, que lhe dá um lugar proeminente na galeria dos grandes místicos peninsulares”⁴⁴⁸.

Um momento que ajuda a mostrar o cuidado que tinha em cultivar esta sua ligação, provavelmente o mais marcante e famoso acontece aquando a batalha de Valverde. Embora já nos tivéssemos referido ao episódio, importa aqui recordar. No decorrer da batalha, em que a situação não estava muito favorável para o lado dos portugueses, procuram o Condestável pelo meio do exército para os ajudar a combater, ou dar ordens, ou uma outra situação que os pudesse aliviar. Percorrendo toda a hoste não o encontram, até que Rui Gonçalves vai dar com ele retirado, de joelhos no chão a rezar⁴⁴⁹. Que estranho momento para *fazer uma pausa* para rezar, não? Então os seus companheiros a serem fortemente atacados pelos inimigos e o capitão de tal batalha o que decide fazer é retirar-se para rezar? Sim, para os olhos do mundo pode parecer muito estranho, porém não para Nuno. Afinal de contas, não estava ele a comunicar com quem o ajudava nas batalhas? Não estava ele a definir corretamente as prioridades?

São também estes os aspetos que tornam a imagem de Nuno tão peculiar. É também isto que contribui para “O homem forte das batalhas [ser] o místico iluminado da oração. Nunca entrava em combate sem fervorosamente invocar o Senhor dos exércitos e a Senhora sua Mãe”⁴⁵⁰.

Mesmo estando no Carmelo, como já vimos, procurara retirar-se o máximo possível, criando um local isolado, para assim estar mais solitário em longas horas de oração⁴⁵¹.

7. Devoção a Maria

A devoção a Maria é um aspeto incontornável na vida de Nuno Álvares Pereira. Como teremos oportunidade de verificar, não é algo que surge apenas na parte final da sua vida com a sua entrada para o Carmelo e adoção do nome Frei Nuno de Santa Maria. Antes surge como consequência de uma continuada veneração à Virgem.

Existem vários momentos na sua vida que atestam isto mesmo, que demonstram como o papel da Virgem é transversal à sua vida. Recordemos por exemplo a batalha dos

⁴⁴⁸ A. R. RODRIGUES, *Nun'Álvares visto por dentro*, p. 178.

⁴⁴⁹ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. V, c. LVII, p.14.

⁴⁵⁰ CONFERÊNCIA EPISCOPAL, *Pastoral Colectiva – VI Centenário do Nascimento de Nuno Álvares Pereira*, vol. XXIV, p. 433.

⁴⁵¹ Cf. A. C. PIMPÃO, *O Santo Condestabre*, in J. P. GOMES (Org.), *S. Nuno de Santa Maria – Nuno Álvares Pereira, Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade*, Zéfiro, Sintra, 2009, p. 108.

Atoleiros. Antes da batalha propriamente dita, Nuno percorrendo todos os soldados que estavam prontos a combater, com o intuito de os estimular, diz “a todos que lhes lembrassem bem em seus corações quatro cousas. A primeia que se encomedassem a Deos e a Virgem Maria sua madre: e o tevessem asy suas vontades”⁴⁵². Como já tivemos oportunidade de refletir, a batalha para Nuno era em função de um valor maior: a paz. Sendo esse o valor que o movia, naturalmente que Deus e a Virgem o ajudariam. Como tal, decide pedir-lhes ajuda e proteção. É esta fé e esperança em Maria que importa sublinhar.

Um outro motivo que atesta esta sua fé Mariana, também já explorado, é a sua constante necessidade de ir em romaria a santuários Marianos. Sentia como necessidade ir a um local de culto agradecer toda a proteção e ajuda que ia recebendo. Se por um lado no início das batalhas pedia, agora era o momento de agradecer. No caso específico dos Atoleiros, anteriormente aludido, no final da vitória decide peregrinar, descalço, ao Santuário de Nossa Senhora de Assumar⁴⁵³. Este exemplo é muito construtivo, pois, além de lá ir em romaria, ainda se depara com um cenário pouco desejável. A capela estava como que destruída. Os inimigos tinham-na usado como espaço para guardar animais. Perante tal cenário, o que Nuno faz é cuidar do espaço. Se por um lado os inimigos não tinham tido qualquer cuidado com este espaço religioso, Nuno decide por outro fazer exatamente o oposto. Não podia conceber que o espaço onde se rezava estivesse daquela forma.

Um episódio intimamente ligado a este surge após a batalha de Aljubarrota. Terminada a batalha, Nuno vai em peregrinação a Santa Maria de Ceissa em Ourém⁴⁵⁴. Mais uma vez, após a batalha, era o momento de agradecer. Atribuía, com grande fé e devoção, as vitórias alcançadas ao favor de Deus por intercessão da Virgem Maria. Poderíamos abordar outras romarias. Porém, pensamos que já é claro este valor de Nossa Senhora neste contexto das batalhas.

A importância de Maria para Nuno era também perceptível aos seus inimigos, quando se cruzavam com ele. Recordemos a bandeira que o acompanhava nas batalhas:

«a qual havia o campo branco e uma cruz grande vermelha, por meio, e no quarto primeiro da cerca da haste, pintada a Imagem de Nosso Salvador Jesus Christo crucificado, e sua madre, e S. João acerca d'elle; e no outro seguinte da ponta da bandeira, estava a imagem da preciosa Virgem, com seu filho

⁴⁵² [S.N.], *Chronica do Condeta bre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. XXVIII, p. 70.

⁴⁵³ Cf. F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. II, c. XCVII, p.74.

⁴⁵⁴ [S.N.], *Chronica do Condeta bre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LI, p. 126.

bento no collo; e nos dois quartos do fundo, no primeiro, junto com a haste, S. Jorge, armado, em giolhos com as mãos juntas pera cima»⁴⁵⁵.

Outra situação que demonstra o enorme carinho e devoção que nutria pela Mãe acontece já no Convento, quando manda criar uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Assunção, local onde “era achado a toda hora, em piedofos colloquios, & jaculatórias amorofas com efa Senhora⁴⁵⁶”.

Além da capela mandara construir outros locais de culto em várias partes do território português:

«Em Aljubarrota, no lugar em que esteve arvorada a sua bandeira, mandou construir a igreja de Santa Maria e S. Jorge, para agradecer a vitória; a igreja de Santa Maria da Lagoa, em Monsaraz; e outras duas com o mesmo título de Nossa Senhora, em Portel e Sousel. Na proximidade de Mourão, mandou erguer a ermida de Nossa Senhora do Alcance, em reconhecimento pela vitória alcançada naquele sítio: em Camarate, perto de Lisboa, numa sua quinta, a de Nossa Senhora do Socorro; nas margens da ribeira de Alcaraviça, entre Estremoz e Vila Viçosa, a capela de Nossa Senhora da Orada»⁴⁵⁷.

Além destas, ainda terminou a igreja de Nossa Senhora dos Mártires, iniciada pelo rei D. Fernando. Em Vila Viçosa, mandara construir um templo à Imaculada Conceição, bem como a igreja anexa ao Convento, a igreja Nossa Senhora do Vencimento⁴⁵⁸.

A ligação à Ordem da Virgem do Carmo também terá consequência pela ligação a Maria. Pois, “O essencial para o monge carmelita é a união com o Senhor, por meio de Sua Mãe”⁴⁵⁹. Ligação essa que proporcionara, mais tarde, a doação do próprio Convento, pois “Tendo, durante anos, observado o modo de viver dos primeiros frades, depressa veio a convencer-se de que eram dignos moradores do convento por ele levantado em honra de Nossa Senhora”⁴⁶⁰.

Contudo, o que moverá Nuno nesta ligação a Maria? “Julgamos que o silêncio, e a oração, e, em síntese, um amor filial, a pontos de chorar junto da Virgem, em partilha de suas dores, que muitas foram, e são, por culpa nossa. O silêncio! Maria quase não falou, preferiu ouvir e obedecer”⁴⁶¹.

Até mesmo na morte, existe uma ligação mariana. Recordemos que, nos últimos momentos da sua vida terrena, Nuno pedira que lhe lessem a Paixão de Nosso Senhor

⁴⁵⁵ F. LOPES, *Chronica de el-rei D. João I*, vol. III, c. LXXXIX, p.51.

⁴⁵⁶ G. CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, Antonio Craesbeeck, Lisboa, 1666, T.III, p. 202.

⁴⁵⁷ J. V. CARVALHO, *Nun'Álvares, Herói e Santo*, p. 139.

⁴⁵⁸ Cf. J. V. CARVALHO, *Nun'Álvares, Herói e Santo*, p. 140.

⁴⁵⁹ P. KALLENBERG, *Beato Nuno de Santa Maria*, p. 96.

⁴⁶⁰ P. KALLENBERG, *Beato Nuno de Santa Maria*, p. 94.

⁴⁶¹ J. P. GOMES, *O Galaaz do Carmelo*, p. 190.

Jesus Cristo segundo o Evangelista S. João e, aquando da passagem de Maria e o discípulo amado junto à Cruz, em que o Senhor diz, “*Eis o teu filho*”, o Condestável acaba por falecer⁴⁶².

Para Nuno “Toda a sua vida se encerra num ciclo estritamente *marial*. E não admira, portanto, que o cavaleiro da Pátria se tornasse, a partir de certo momento, o cavaleiro da Virgem!”⁴⁶³.

Concluimos este ponto com uma questão, arrojada, de Wermers sobre esta mesma de ligação de Nuno e da Virgem. Não que concordemos, mas não deixa de nos conduzir à reflexão. Diz ele:

«desejava apontar uma circunstância histórica e simbólica: a Virgem Padroeira de Portugal dignou-se aparecer em Fátima, uma terra do antigo condado de Ourém, que pertenceu ao Santo Condestável. Não será um sinal de que Ela mesma quer patrocinar a causa do seu grande Servo, que a glorificou com tantas igrejas e altares?»⁴⁶⁴.

8. Humilde Donato

Nos últimos anos da vida do Condestável, sendo ele, como já vimos, um homem com inúmeras doações, achou por bem desprender-se de tudo. Os bens materiais não lhe diziam nada, buscava outro tipo de riqueza que não a material. Como tal, reparte também as terras que houvera recebido por parte das doações dos reis. Posto isto “já santo, pela constante abnegação de si mesmo, foi santificar-se mais na pobreza e no silêncio do seu querido Carmo de Santa Maria, vivendo só para Deus”⁴⁶⁵. Para entrar pede três coisas: “A primeyra pidir por o amor de Deos pella villa o q ouuesse de comer. E a segunda nõ se chamar ne cõsijntir q lhe chamassem outro nome se nõ Nuno por humildade. E a terceira hir fora da terra e acabar lha q nom soubessem delle parte”⁴⁶⁶. Entra no Convento, “primeiro como simples oblato, e já então a sua virtude se sublimou em oração e penitências”⁴⁶⁷.

Esta decisão causou enorme espanto, principalmente ao rei e aos infantes. D. Duarte viria mesmo ao Carmo confirmar o que se dizia. E comprovando-o, não podia

⁴⁶² Cf. J. P. SANTANA, *Chronica dos Carmelitas...*, T I, Pt III, C XVIII, p. 459.

⁴⁶³ A. C. PIMPÃO, *O Santo Condestabre*, p. 104.

⁴⁶⁴ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira - Uma Espiritualidade sempre actual*, p. 88.

⁴⁶⁵ M. M. WERMERS, *Nun'Álvares Pereira - Uma Espiritualidade sempre actual*, p. 87.

⁴⁶⁶ [S.N.], *Chronica do Condetabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*, c. LXXX, p. 210.

⁴⁶⁷ CONFERÊNCIA EPISCOPAL, *Pastoral Colectiva – VI Centenário do Nascimento de Nuno Álvares Pereira*, vol. XXIV, p. 434.

permitir que o Condestável do reino de Portugal andasse pelas ruas de Lisboa a mendigar. Como tal, estabelecem uma tença que permita que ajude o Convento nas suas despesas, quer ajudar os pobres.

Cerca de um ano mais tarde, pretendeu Nuno

«ser agregado definitivamente à comunidade no grau de simples e obscuro irmão Donato. Por humildade, recusou o Condestável o sacerdócio que Frei Afonso de Alfama, Provincial, lhe propunha. Mas este não lograra convencê-lo, nem sequer que fosse, ao menos, frade do coro»⁴⁶⁸.

Desejando Nuno ser dos mais humildes dentro do Convento, foi *semi-frater* ou Donato. Ou seja, pretende submeter-se aos mais humildes trabalhos. Sentia-se atraído e aqui realizava-se. Importa salientar que os religiosos que tinham vindo de Moura para Lisboa eram de “notória piedade, pois o Condestável queria apenas no seu mosteiro frades exemplares e ‘muito reformados’”⁴⁶⁹. Isto ajudaria ao ambiente que Nuno procuraria.

Humilde também é a cela em que fica a residir dentro do Convento,

«huma pobre cella, que para fua accommodação mandára lavrar: e era tão apertada, que a penas podia caber nella, como fe antes da morte lhe houeffe de ferver de jazigo. Nefta pequena habitação [...] nada quiz ter mais, que huma devota Imagem de Chrifto crucificado, onde continuamente empregava os olhos, para confervar o efpirito fempre unido ao Divino Prototypo; e humas mantas groffeiras, que lhe compunhaõ humilde cama. As paredes eftavaõ nuas: e fe nellas admitia alguns adornos, eraõ fó cilicios, difciplinas, e ourros infrumentos de mortificação, com que fazia quotidianas penitencias»⁴⁷⁰.

Como entender isto? Então aquele que era até à pouco tempo o mais rico do reino e dos mais famosos, decidira ficar num local tão inóspito? Isto mesmo só se entende à luz da sua entrega a Deus. Só se entende sabendo que se trata de alguém que não procura a sua glória, mas a glória de Deus. O exímio Cavaleiro agora estava no Convento. Como conjugar o Cavaleiro e o frade?

«não precisamos de renegar o Cavaleiro para falarmos do humilde Carmelita. Pelo contrário! Precisamos muito daquele para entendermos perfeitamente o religioso. Porque o futuro religioso está, realmente, sob a armadura do cavaleiro, como se disse que este esteve, um dia, sob o tabardo Donato! Há no cavaleiro um anelo de religião, como haverá no religioso um ressaibo cavalheiresco»⁴⁷¹.

⁴⁶⁸ J. V. CARVALHO, *Nun' Álvares, Herói e Santo*, p. 136.

⁴⁶⁹ P. KALLENBERG, *Beato Nuno de Santa Maria*, p. 93.

⁴⁷⁰ J. P. SANTANA, *Chronica dos Carmelitas...*, T I, Pt III, C XIV, pp. 417-418.

⁴⁷¹ A. C. PIMPÃO, *O Santo Condestabre*, p. 102.

Havia deixado tudo para trás. Deixara as terras, deixara a fama, deixara o dinheiro, deixara os títulos, para assim ganhar *mais* Deus. Seria apenas Nuno! Este mesmo Nuno que até dentro do próprio Convento procura um lugar ermo para o seu recolhimento sem distrações, onde passava longos momentos em oração⁴⁷². Procurava também ajudar os famintos, os presos, os que vagueavam por Lisboa à procura de auxílio⁴⁷³.

Acabara por falecer nesta mesma sua autoridade de vida, de um simples Donato, agarrado a um crucifixo e escutando a Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João.

⁴⁷² G. CARDOSO, *Agiologio Lusitano*, T.III, p. 202.

⁴⁷³ Cf. J. P. SANTANA, *Chronica dos Carmelitas...*, T I, Pt III, C XVI, p. 440.

CONCLUSÃO

Indubitavelmente, a procura do Homem por Deus percorre toda a História e é transversal a toda a humanidade, não escolhendo localizações geográficas específicas, nem cargos especiais. Isso mesmo procurámos demonstrar, num contexto específico da história, com homem específico.

Esse homem específico foi Nuno Álvares Pereira, cuja história de vida seguimos de perto, a fim de destacarmos traços relevantes da sua espiritualidade. Um elemento a ressaltar é o facto de o génio militar não estar dissociado da santidade. O Condestável do rei, não obstante a sua capacidade militar e os louros que com a mesma granjeou, foi capaz de ter uma vida de fé, seguindo valores pouco comuns, que o conduziram à santidade reconhecida pela Igreja.

Ao longo destas páginas fomos percebendo que Nuno, embora ficando para a história como o *Santo Condestável*, com as implicações militares que isso comporta, nunca procurou a guerra, mas sim a paz. Ainda que tivesse lutado pela Independência do reino português face aos inimigos que continuamente o ameaçavam, sempre procurou ser correto para com os eles, naturalmente dentro do contexto existente, e lutou para que Portugal não tivesse voz pelo *anti-Papa*. Em tudo isto procurava cultivar uma forte e verdadeira ligação a Deus, com especial devoção a Maria, cuidando sempre dos mais necessitados.

Comprendemos também o valor que a pátria tinha para Nuno: um valor que não assentava em extremismos, que prejudicam a realidade de um reino, mas que, pelo contrário, se baseava num sentido patriótico, em prol de um bem maior, a soberania de Portugal. De igual forma, importa ressaltar o seu sentido de fidelidade. Embora tenha sido, por inúmeras vezes, sujeito a subornos, sempre os recusou em função dos valores que defendia, constituindo-se como um aliado fiel de D. João I, o Mestre de Avis.

É de salientar ainda uma outra característica do Condestável, a saber, o despojamento: despojamento da fama, dos valores materiais, das riquezas mundanas. Este poderia ser, indubitavelmente, um ponto a desenvolver em trabalhos futuros.

Por último, importa ressaltar que Nuno foi o homem do serviço. Não um serviço em proveito próprio, antes um serviço em função dos outros. Um serviço à pátria, pela qual lutou constantemente para que esta se mantivesse autónoma, para que não fosse ocupada por outros reinos. Um serviço a D. João I, numa fidelidade contínua, mostrando que estava com ele e por ele. Um serviço aos pobres, àqueles que lhe pediam ajuda,

aqueles que se cruzavam no seu caminho, nas mais diversas situações e contextos. Um serviço a Deus, serviço este que está presente em todos os outros. Em tudo procurava servir a Deus, ao servir os pobres, ao servir o rei, ao servir a pátria. Homem que ao longo da sua vida procura servir.

Pensamos ser este o seu grande contributo para o nosso contexto atual. Um homem com enorme poder político e militar, mas que foi capaz de nunca deixar de servir. Um homem que foi capaz de ir contra as riquezas e prioridades do mundo para assim mais plenamente se aproximar de Deus. Alguém que foi capaz de ir em sentido contrário à realidade que o rodeava, pois estava convicto que o caminho seria por ali, foi motor da independência de Portugal nesta época da história. Mais que isso! Foi e é um grande testemunho cristão onde provavelmente o mundo menos esperava, tal como hoje assistimos por vezes em inúmeros locais da sociedade mais mediática, nomeadamente em médicos e treinadores de futebol. Parece que o mundo procura como que abafar e calar esses sinais de Deus na sociedade, mas, mesmo assim, eles existem e não podem ser apagados, pode haver quem os queira esconder, mas não há quem os consiga apagar.

Não obstante o nosso esforço, reconhecemos as insuficiências e fragilidades do presente trabalho. Esta nossa pesquisa e reflexão fez-nos perceber que existem ainda vários aspetos sobre a figura de São Nuno que poderão ser desenvolvidos e explorados futuramente. Pensamos ser oportuno, num primeiro momento refletir sobre o impacto da figura de S. Nuno, desde a sua morte até aos dias de hoje, não apenas na religiosidade popular, mas também a um nível diplomático e de usufruto da sua imagem por parte do Estado.

Num segundo momento, pensamos também ser oportuno procurar perceber a relação existente entre Nuno Álvares Pereira e a própria Ordem do Carmo, tentando averiguar se existiram influências e implicações e o resultado desse mesmo contacto.

Em terceiro e último lugar, ainda que não diretamente relacionado com o presente trabalho, seria interessante refletir sobre a amizade existente entre Nuno Álvares Pereira e D. João I. Pensamos existir matéria, mais que suficiente, para a elaboração de um trabalho sobre a relação entre de ambos.

Este foi, sem dúvida, um trabalho que nos deu um enorme gozo fazer pelas motivações já referidas anteriormente. Não terminamos este mesmo trabalho como especialistas nesta temática, nem nada que se pareça, contudo saímos muito mais ricos, quer intelectual quer espiritualmente. Imbuídos desse espírito de serviço que caracterizava o Santo Condestável, acreditamos ter servido a causa cristã e feito a nossa

parte para que São Nuno de Santa Maria fosse mais conhecido e venerado e o seu exemplo perpetuado por muitos que, à sua semelhança, querem cultivar uma vida de serviço à pátria, a Deus e aos outros.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- BRÁSIO, A. (XXVI de 1962). *O problema da naturalidade do Condestável de Portugal D. Frei Nuno de Santa Maria*. (U. Gráfica, Ed.) *Lumen*, pp. 54-161.
- CARDOSO, G. (1666). *Agiologio Lusitano*. Lisboa: Antonio Craesbeeck.
- CARVALHO, J. V. (2009). *Nun'Álvares, Herói e Santo*. in J. P. GOMES, S. Nuno de Santa Maria - Nuno Álvares Pereira *Antologia de documentos e estudos sobre a sua espiritualidade* (pp. 125-142). Sintra: Zéfiro.
- [SN]. (1911). *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira*. Coimbra: F. França Amado.
- CÔRTE-REAL, M. (2009). *Breve Genealogia do Santo Condestável D. Nuno Álvares Pereira*. in H. N. OLIVEIRA, C. P. MOITA E I. P. TEIXEIRA, *Olhares de hoje sobre uma vida de ontem: Nuno Álvares Pereira: homem, herói e santo* (pp. 195-204). Lisboa: Universidade Lusitana Editora.
- EPISCOPAL, C. (XXIV de 1960). *Pastoral Colectiva - IV Centenário do Nascimento de Nuno Álvares Pereira*. (U. Gráfica, Ed.) *Lumen*, pp. 429-436.
- GOMES, J. P. (2009). *O Galaaz do Carmelo*. in J. P. GOMES, S. Nuno de Santa Maria - Nuno Álvares Pereira, *Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade* (pp. 179-192). Sintra: Zéfiro.
- KALLENBERG, P. (2009). *Beato Nuno de Santa Maria*. in J. P. GOMES, S. Nuno de Santa Maria - Nuno Álvares Pereira, *Antologias de Documentos e estudos sobre a sua Espiritualidade* (pp. 89-97). Sintra: Zéfiro.
- LOPES, F. (1895-1896). *Chronica de el-rei D. Fernando*. Lisboa: Escriptorio.
- LOPES, F. (1897). *Chronica de el-rei D. João I* (Vol. I). Lisboa: Escriptorio.
- LUSITANO, R. M. (2010). *Vida e Feitos Heróicos do Grande Condestável Dom Nuno Álvares Pereira e suas descendências*. Lisboa: Esfera do Caos.
- MARTINS, O. (2009). *A vida de Nun'Álvares*. Lisboa: Alfarrábio.
- NASCIMENTO, A. A. (2010). *Nuno de Santa Mara - fragmentos de memória persistente*. Lisboa: ARM - Associação Regina Mundi dos Antigos Alunos da Sociedade Missionária Portuguesa.
- PIMPÃO, A. D. (2009). *O Santo Condestabre*. in J. P. GOMES, S. Nuno de Santa Maria - Nuno Álvares Pereira, *Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade* (pp. 99-111). Sintra: Zéfiro.
- PINTO, J. N. (2009). *Nuno Álvares Pereira*. Lisboa: A Esfera dos Livros.
- RENDEIRO, F. (2009). *Nun Álvares Pereira, Hoje*. in J. P. GOMES, S. Nuno de Santa Maria - Nuno Álvares Pereira, *Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade* (pp. 113-124). Sintra: Zéfiro.

- RODRIGUES, A. D. (2009). *Nun'Álvares visto por dentro*. in J. P. GOMES, S. Nuno de Santa Maria - Nuno Álvares Pereira, *Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade* (pp. 169-178). Sintra: Zéfiro.
- SANTANA, J. P. (1745). *Chronica dos Carmelitas da Antiga, e Regular Observancia Nestes Reynos de Portugal, Algarves e seus Dominios*. Lisboa: Officina dos Herdeiros de Antonio Pedrozo Galram.
- SOLEDADE, M. D. (1959). *NUN'ÁLVARES o Santo Condestável*. Braga: Barbosa & Xavier, Lda.
- TEIXEIRA, D. (1723). *Vida de D. Nun'Álvares Pereira*. Lisboa: Oficina da Musica.
- WERMERS, M. M. (1960). *Nun'Álvares Pereira: A sua cronologia e o seu itinerário*. Lisboa: União Gráfica.
- WERMERS, M. M. (2009). *Nun'Álvares Pereira - Uma Espiritualidade sempre actual*. in J. P. GOMES, S. Nuno de Santa Maria - Nuno Álvares Pereira, *Antologia de Documentos e Estudos sobre a sua Espiritualidade* (pp. 73-88). Sintra: Zéfiro.
- ZURARA, G. E. (1915). *Crónica da Tomada de Ceuta por El Rei D. João I*. (F. M. Pereira, Ed.). Coimbra: Imprensa da Universidade.

